

# Preço do Leite Vai Aumentar: Trustes Exigem

Reportagem na 6.ª página

## NOVOS RUMOS

EDIÇÃO PARA SÃO PAULO

ANO II Rio de Janeiro, semana de 29 de julho a 4 de agosto de 1960 Nº 74  
Redator-Chefe — Orlando Bomfim Jr. Diretor — Mário Alves Gerente — Guttemberg Cavalcant

### Um Milhão de Dólares Por Documentos Secretos

# BRIZZOLA DENUNCIA ATO DE ESPIONAGEM DO EMBAIXADOR IANQUE



### Fidel Castro: da prisão ao governo

PARA grande desespero dos Estados Unidos e seus amigos, a solidariedade mundial a Cuba continua crescendo. Depois da «intervenção» soviética nos «assuntos do Continente», o Conselho de Solidariedade Afro-asiática pronunciou-se abertamente contra a agressão militar e econômica dos EUA e a favor de Cuba. Na América Latina, o congresso da Venezuela e importantes círculos políticos e massas populares do México, Venezuela, Argentina, Brasil e outros países compareceram com seu apoio à revolução cubana. A terra começa a tremer sob os pés dos tanques no seu próprio «quintal». Leia matérias sobre Cuba na 5ª e na 7ª página do 1º caderno. Na foto ao lado, Fidel Castro e um oficial de Batista, por ocasião de sua prisão depois do fracassado ataque ao quartel de Montecada, a 26 de julho de 1953.



### Festival de Escritores: recorde de vendas

PELA primeira vez na história do movimento literário no Brasil, realizou-se enorme festa trazendo os escritores em conjunto para vender suas obras diretamente ao público. E os resultados superaram de muito a expectativa mais otimista. Em poucas horas, cerca de cento e oitenta autores venderam mais de oitocentos mil cruzeiros e um número de leituras calculado em, aproximadamente, 3.000. Partindo da iniciativa de alguns literatos, o I Festival Brasileiro dos Escritores foi uma promoção em benefício da União Brasileira dos Escritores (Reportagem fotográfica na 12ª pág.).

### XXIII Congresso dos Universitários: nacionalismo

REFORMA universitária, escola pública, nacionalismo, solidariedade a Cuba, tais foram os assuntos mais discutidos no XXIII Congresso Nacional dos Estudantes, realizado na semana passada em Belo Horizonte. Cerca de oitocentos universitários de todos os pontos do país se reuniram na capital mineira para traçar a política da UNE e eleger sua nova diretoria, na qual saiu vitoriosa a chapa nacionalista encabeçada por Oliveiros Guanaes, líder da greve dos estudantes baianos contra o reitor da Universidade da Bahia. O XXIII Congresso foi considerado pelos universitários como a consolidação definitiva do nacionalismo no movimento estudantil brasileiro, levantando ainda as bandeiras da reforma agrária, da unidade entre estudantes e operários e camponeses para a defesa da soberania nacional e de reformas democráticas. O Congresso decidiu igualmente que a UNE realize campanhas de solidariedade a Cuba, em defesa da escola pública e de apoio aos universitários baianos. Leia report. na 5ª pág. do 1º caderno.

### Nacionalistas fluminenses em convenção

REUNINDO 600 delegados, que representavam 35 municípios do Estado, realizou-se a Convenção dos Comitês Nacionalistas Lott-Jango do Estado do Rio. Oficiais graduados do Exército, deputados, líderes sindicais dos trabalhadores, pessoas representativas de todas as classes e camadas sociais integravam as delegações. O calor popular e o entusiasmo nacionalista dominaram a Convenção, encerrada por uma grande passeata e um comício, na Praça das Barcas, de Niterói. O espírito do conclave foi o ditado pelo vigário católico do município de Valença, em carta a d. Edna Lott: «Que se unam todas as forças nacionalistas, para eleger Lott e Jango». Nas resoluções aprovadas, ressalta a preocupação com a luta pela emancipação econômica e política do país, com as aspirações democráticas dos trabalhadores e do povo, e, em particular, com a necessidade da integração das cúpulas partidárias no processo eleitoral e na campanha pela eleição dos candidatos nacionalistas. (Reportagem na 8ª página do 1º caderno).

Dep. Julião na ABI

### Reforma Agrária Precisa de Campanha Como Abolição e Petrobrás

Texto na 1.ª pág. do 2.º caderno

O PAIS deve ao governador Brizzola a mais grave denúncia — pela autoridade de quem a faz — até hoje feita sobre as atividades de espionagem de que é centro a Embaixada dos Estados Unidos. Falando publicamente, na cidade de Rio Grande, revelou o governador gaúcho que diplomatas ianques, e o próprio embaixador Cabot, tentaram suborná-lo, propondo-lhe a soma de um milhão de dólares em troca da entrega ao FBI das fichas da polícia política de seu Estado. Revelou ainda que dois outros governadores estaduais receberam a mesma proposta, e a aceitaram. Há suspeita de que a mesma trama foi feita com o Departamento Federal de Segurança Pública. O governo do sr. Kubitschek é assim colocado diante da inequívoca necessidade de dar uma reparação à opinião pública nacional, expulsando imediatamente do país o embaixador Cabot e seu seqüito de espies, anulando os convênios que têm permitido a atividade de suborno e espionagem dos agentes imperialistas ianques do Ponto IV, e instaurando um rigoroso inquérito, para entregar à vergonha pública os governadores e outras autoridades que se deixaram subornar.

### Contra a zona franca «JK» e «Ike» portuários cariocas não puzeram repudiam Lacerda as cartas na mesa

FALANDO em nome de oito mil portuários cariocas, o presidente da UPB entregou ao governador Sette Câmara um memorial de protesto contra o projeto que cria a Zona Franca no Pôrto do Rio de Janeiro. Três mil trabalhadores participaram do ato em que o Governador do Estado assumiu o compromisso de solicitar do Presidente da República a suspensão do projeto que se encontra no Congresso Nacional. Enquanto isso o deputado Carlos Lacerda continua, embora veladamente, defendendo o projeto dos trusts internacionais, interessados na Zona Franca, e no afastamento da administração federal do Pôrto do Rio de Janeiro. Por isso quase foi vaiado na solenidade de posse da diretoria da Associação dos Servidores da Polícia Portuária. (Leia a respeito completa reportagem na segunda página do primeiro caderno).

«UMA chantagem e dois fracassos» — eis como se pode caracterizar as cartas trocadas entre os presidentes Eisenhower e Kubitschek. A chantagem está na carta de Eisenhower, que visou a compra, com a promessa de ajuda econômica, do apoio brasileiro à intervenção imperialista em Cuba. Os fracassos estão na política imperialista dos Estados Unidos, que não pode agir a seu modo em Cuba, e na política de conciliação com o imperialismo seguida e reafirmada pelo presidente Kubitschek. O artigo de Renato Arina (3ª pág.), sobre o assunto, conclui que a única saída para esta cadeia de fracassos está na eleição do marechal Lott, que propõe para o país uma política de defesa do nosso povo contra a espionagem imperialista, e de desenvolvimento econômico independente e soberano, baseado fundamentalmente nos imensos recursos internos nacionais.

## Guerra Civil

ORLANDO BOMFIM JR.

DECLARAÇÕES do marechal Lott têm assanhado os arraiais jonianistas. Foi, por exemplo, o caso das críticas aos acordos de Roboré. A imprensa do homem da vassoura saiu em campo unida e afinada, como se estivesse (e não estará?) sob o comando de uma única voz. E assumiu com firmeza uma posição, já tantas vezes denunciada, que contraria os interesses da Petrobrás. A mesma coisa aconteceu após a afirmação do marechal Lott de que existe uma falsa democracia na Argentina. A grita levantou-se logo, em defesa de Frondizi, ou melhor, em defesa do Fundo Monetário Internacional. São reações, como se vê, compreensíveis. E também esclarecedoras. Porque mostram de que lado se colocam, quando o debate envolve problemas que atingem pretensões de monopólios norte-americanos, os jornais que sustentam a propaganda do amigo de Rockefeller.

A SANHA se avolumou mais ainda ante a advertência feita pelo candidato nacionalista de que a eleição do sr. Jânio Quadros para a presidência da República poderia levar o país à guerra civil. Foi o mesmo que mexer em ninho de marimbondo. Berriaram que o marechal Lott estava levando a campanha para um terreno perigoso, para o terreno da polémica, e que cumpría manter a propaganda num nível alto e «olhar para o futuro e não para trás». Percebe-se logo o que esses senhores desejam. Não deixa mesmo de ser perigoso olhar para o passado do sr. Quadros... Perigoso — já se vê — para os que pretendem ludibriar a opinião pública, passando gato por lebre. E o que consideram «nível alto» é a propaganda no domínio das meras palavras, das simples promessas, como se as eleições fossem um concurso de oratória, ou a escolha daquele que tivesse maior capacidade de mentir. Se a questão assim estivesse colocada, não há dúvida de que o sr. Jânio já poderia ser considerado vitorioso. Outra é, felizmente, o entendimento do povo, que sabe ter de escolher, a 3 de outubro, entre dois caminhos, decisivos para o seu futuro.

A ADVERTENCIA do marechal Lott tem todo cabimento e é acertada. Ao prever o que pode acontecer, baseia-se no que já aconteceu com o sr. Jânio Quadros, cuja ação política dissolvente e corruptora é por demais conhecida. A própria campanha eleitoral oferece numerosos exemplos de como atua o demagogo sem partido, cuja exclusiva preocupação, no dizer de um dos seus porta-vozes, é fazer tudo aquilo — e seja lá o que for — que some votos. Por isso tem provocado choques e crises dentro mesmo dos grupos que o cercam. E não é difícil imaginar-se as proporções das consequências de semelhante conduta se ele viesse a ocupar a presidência da República.

HA MAIS ainda, porém. O certo é que a candidatura Jânio Quadros representa as esperanças, por um lado, do que existe de mais retrógrado em nosso país e, pelo outro, das empresas estrangeiras, principalmente norte-americanas, empenhadas em manter e reforçar sua posição de beneficiárias da nossa dependência econômica e espaladoras do trabalho de nosso povo. Que palavra significa, então, sua subida ao poder? Concordaria o povo brasileiro em ficar de braços cruzados ante um governo que traísse os interesses nacionais?

NÃO vamos, na advertência do marechal Lott, nenhuma ameaça de perturbação do processo eleitoral. Corresponde, antes, a um patriótico brado de alerta e de chamamento no sentido de que, bem considerado o perigo pendente sobre o país, se mobilizem todas as forças (e as cúpulas partidárias do stalinismo devem saber compreender a parte que no caso lhes cabe) a fim de se decidir a batalha das urnas a favor e não contra os interesses nacionais. Que os arraiais jonianistas esperiem. E um direito que eles têm. E seus espasmos — aliás tão frequentes nos últimos dias — servem até para comprovar que, colocando a campanha eleitoral no terreno das definições, da caracterização das candidaturas, o marechal Lott anda certo. O sr. Jânio Quadros e sua camarilha é que possuem razões de sobra para fugir desse terreno como o diabo da cruz.

A UPB COMANDA A RESISTÊNCIA

# Pôrto em Pé-de-Guerra Contra a Zona Franca

Os oito mil portuários cariocas estão em pé-de-guerra contra a nova ofensiva entreguista sobre o Pôrto do Rio de Janeiro. Há cerca de três anos eles travaram uma grande batalha e saíram vitoriosos, derrotando, no nascedouro, o projeto do antigo superintendente do Pôrto, sr. Jardy Sellos Corrêa, que pretendia transformar aquela autarquia em uma sociedade de economia mista. Agora, encaixotados no Grupo de Trabalho que assessorará o governador Seltte Câmara, os entreguistas, chefiados pelo apátrida Roberto Campos, elaboraram um projeto de lei criando a Zona Franca no Pôrto do Rio de Janeiro. O projeto, embora apresentado com o suposto objetivo de incrementar o desenvolvimento industrial do Estado da Guanabara, outra coisa não visa senão o benefício dos exportadores estrangeiros, a facilitação do contrabando, e o colapso na atual administração da autarquia, prejudicando os interesses do país e, em particular, a situação dos oito mil trabalhadores pertencentes aos seus quadros.

Mas os portuários, que podem usar gorro mas não dormem de touca, perceberam o sentido do novo projeto e lançaram-se à luta em defesa do Pôrto. Na última segunda-feira, liderados pela sua entidade de classe, a UPB, promoveram uma grande concentração no Palácio Guanabara, onde entregaram ao governador Seltte Câmara um memorial protestando contra a nova ofensiva entreguista sobre o Pôrto. O memorial pede ao governador da cidade que solicite do sr. Juscelino Kubitschek a retirada da mensagem 199,

enviada ao Congresso Nacional acompanhada do projeto criando a Zona Franca no Pôrto do Rio de Janeiro.

### O projeto

O projeto, em seu artigo 1º, autoriza o Poder Executivo «a estabelecer, mediante convênio com o Estado da Guanabara, uma zona franca em território do referido Estado, a qual poderá incluir, além da zona delimitada na faixa portuária, áreas internas destinadas a armazenamento e a instalação de facilidades de processamento e industrialização.» O parágrafo 1º do citado artigo estabelece que «As terras e acessórios destinados à constituição da Zona Franca criada nesta lei serão obidos por doação ou cessão do Governador da Guanabara, ou, quando necessário, mediante desapropriação por utilidade pública, na forma da legislação em vigor.»

O artigo 3º do referido projeto estabelece, entre os objetivos da Zona Franca, o seguinte: «Facilitar o armazenamento, depósito, guarda e conservação no país, por conta dos exportadores estrangeiros, de mercadorias procedentes do exterior, a fim de garantir a regularidade e presteza de abastecimento, eliminando a imobilização de capital de giro dos importadores, e evitando bruscas flutuações de preços e interrupção de atividades produtivas, em caso de dificuldade na efelivação das importações correntes.»

Os autores do projeto tiveram o «cuidado» de estabelecer que «Não será autorizada a importação para a Zona Franca de mercadorias com similar nacional registrado.» Essa proibição, entretanto, não vai muito longe, tanto assim que, em seu artigo 5º, aparece abertamente uma manobra das trustes petrolíferas, ao registrar que «poderá ser estabelecida uma Zona Franca especial para o armazenamento de combustíveis destinados ao abastecimento de navios e aeronaves em trânsito internacional.»

O artigo 11 estabelece que «As mercadorias desembarcadas na Zona Franca podem ser armazenadas, guardadas, conservadas, exibidas, recondiçionadas, montadas, classificadas, limpas, empacotadas, desempacotadas, moidas, refinadas, beneficiadas, destiladas, fracionadas, misturadas com estrangeiras, transformadas, manufaturadas, distribuídas, alienadas, ou de qualquer outra forma manipuladas, e poderão ser exportadas, reexportadas, reembarcadas, destruídas ou internadas na zona aduaneira do país, obedecidas, neste último caso, todas as leis e regulamentos para a importação.»

### Absorção do Pôrto

Para atender a um tal volume de atividade, a chamada Zona Franca acabaria por absorver totalmente a função do atual órgão estatal que administra o Pôrto. De saída, a sua renda e o seu volume de atividade cairiam bruscamente, uma vez que o grande peso dos mercadorias importadas passaria para a Zona Franca, deixando o órgão estatal a ver navios.

E isso é previsto no projeto, ao acentuar-se, em seu artigo 17, que a Administração da Zona Franca poderá construir docas, cais de acostamento, «piers», armazéns, instalações de carga e descarga, organizar ou contratar com terceiros a carga e descarga, atracação e desatracação, assim como a movimentação de cargas dentro da área portuária franca e entre essa área e a Zona Franca Interna, providenciar instalações de luz, força, comunicações, água, esgotos, gás e combustíveis, assim como construir as instalações necessárias ao controle aduaneiro nos limites da Zona Franca, e a perfeita separação entre a Zona Franca e a fronteira aduaneira do país.

Além disso o projeto prevê que poderão ser arrendados a particulares armazéns e galpões na Zona Franca, assim como terrenos destinados às construções de armazéns, depósitos, galpões e instalações para beneficiamento, processamento ou industrialização de produtos.

### Posição dos portuários

A A.P.R.J. (Administração do Pôrto do Rio de Janeiro), entidade autôqui-

ca, promove, com os seus oito mil trabalhadores, a movimentação do Pôrto do Rio de Janeiro. Esses homens ficariam praticamente sem trabalho, e a A.P.R.J. sem meios para mantê-los em seus quadros. Não só por isso, mas porque a instituição da Zona Franca significaria a transferência criminosa de privilégios e de bens do Estado para as mãos de particulares, os portuários colocaram-se energeticamente contra o referido projeto.

Mas essa posição não é apenas dos portuários. O próprio Superintendente do Pôrto, engenheiro José Paulo Coutinho Dunley, manifestou-se abertamente contra o projeto, e instituiu uma comissão, composta de técnicos e de representantes de trabalhadores do Pôrto, para estudar os seus vários aspectos, de modo a poder apresentar ao Presidente da República um parecer criterioso contra a pretensão entreguista.

O engenheiro Maurício Joppert da Silva, ex-ministro da Viação, manifestou-se, por outro lado, em três artigos assinados e publicados num vespertino carioca, contra a Zona Franca e defendendo, isso sim a «modernização e ampliação do equipamento do cais, assim como aquisição do material flutuante (rebacadores, chatas, etc.) para auxiliar as manobras do pôrto e desembarque de carga sobre água.» Outras medidas suare o conhecido engenheiro, em contraposição às estabelecidas no projeto da Zona Franca.

### Lacerda com os entreguistas

O projeto da Zona Franca teve logo o apoio dos tubarões da indústria e do comércio, que mobilizaram os seus re-

ursos e lançaram os seus teóricos na luta pelo amaciamento da opinião pública. Lacerda, candidato dos homens de dinheiro do governo da Guanabara, que gosta milhões de cruzeiros semanalmente nos programas de televisão, tratou logo de incluir no seu programa a instituição da «Zona Livre» no Pôrto. Mas a reação dos trabalhadores foi violenta. Lacerda foi malhado duramente em duas assembleias consecutivas, e acabou, atendendo as suas conveniências eleitorais, silenciando sobre o assunto. O seu novo programa não fala em Zona Livre. Mas os portuários sabem que a sua opinião continuará a mesma, isto é, favorável à entrega do Pôrto carioca aos trustes internacionais e aos tubarões nativos.

Os portuários, em documento distribuído a imprensa, salientam que a A.P.R.J., desde que autorizada pelo Governador, poderá oferecer, como já o faz com as importações para a indústria automobilística, facilidades para a importação de outros produtos, sem necessidade da chamada Zona Franca que, entre outros aspectos nocivos aos interesses do país, ofereceria campo propício ao contrabando de mercadorias.

Os trabalhadores reconhecem as deficiências existentes no Pôrto do Rio de Janeiro e, justamente por isso, incorporam-se à luta pelo seu reequipamento e pela ampliação de suas instalações, através da verba que lhe deve ser destinada pelo Fundo Portuário Nacional. Lutando por essa solução, os trabalhadores colocam-se com todas as suas energias contra a instituição da chamada Zona Franca, e estão dispostos a ir até as últimas consequências na luta contra a entrega do pôrto carioca a empresas particulares.



Os portuários cariocas, que há três anos lutaram e conseguiram derrotar a pretensão de se transformar o Pôrto do Rio de Janeiro em sociedade de economia mista, estão decididos a dar o mesmo destino ao projeto que cria a Zona Franca

Zona franca não passará

## Curitiba Também Fará Seu "Dia de Protesto"

### As autoridades, aos Trabalhadores e ao Público em Geral

Em defesa dos interesses de milhares de pensionistas e aposentados da CAIXA DE APOSENTADORIA E PENSÕES DOS FERROVIÁRIOS E EMPREGADOS EM SERVIÇOS PÚBLICOS (C.A.P.F.E.S.P.), e do nosso futuro, erguemos nossa voz e nossa ação, para resguardar o patrimônio da referida Instituição de Previdência. Se denunciarmos as irregularidades que se têm manifestado em sua administração, é porque queremos um organismo que, de fato, cumpra com as finalidades para as quais foi criado.

Por nossa ação constante junto à administração da C.A.P.F.E.S.P. e das autoridades públicas, conseguimos o pagamento de parte das vultuosas dívidas que mantêm com os pensionistas, aposentados e mesmo, com os seus funcionários. E não podem parar esses pagamentos atrasados. Denunciamos ainda, as medidas de dilatação, por cento e oitenta meses, das dívidas das empresas de aviação comercial e dos organismos que pertencem ou que estejam vinculados ao Estado, como a Rede Ferroviária Federal S/A.

Não obstante as vitórias decorrentes da luta e unidade dos trabalhadores, a situação dos pensionistas e aposentados em nada tem alterado, pois os mesmos continuam enfrentando verdadeira penúria, porque vultuosas verbas estão sendo empregadas em obras e outros fins, que não atendem aos interesses dos contribuintes da C.A.P.F.E.S.P., como por exemplo:

- a) — Início da construção de mais onze blocos de apartamentos em Brasília, fora do plano governamental, enquanto que no Estado da Guanabara a administração da C.A.P.F.E.S.P., alegando falta de verba, deixou de adquirir o Hospital São Francisco de Paula da Venerável Ordem Terceira dos Mínimos por quatrocentos e dez milhões de cruzeiros, menos de um terço do que se está aplicando atualmente em Brasília;
- b) — Admissão de protegidos por injunções políticas, para exercerem cargos desnecessários, enquanto que os vários setores diretamente ligados aos segurados, carecem de pessoal habilitado, como ocorre no setor médico e no setor de beneficiários; Enquanto isto, observamos:
  - a) — Falta absoluta de planificação administrativa para a distribuição das verbas, que desde a atuação da Comissão Inter-Sindical, (composta das Entidades abaixo assinadas), tem aumentado constantemente;
  - b) — Absoluta ausência das Delegacias do Interior do País;
  - c) — Cobrança da contribuição determinada pelo Orde de Serviço nº 60, cuja aplicação trata-se de sacrifício aos segurados, enquanto que as empresas de transportes aéreos, devedoras relapsas de quase dois bilhões de cruzeiros, vem se tutando, periodicamente e com a complacência do Governo, a cumprir as determinações legais e os acordos por elas firmados;
  - d) — Estudos para vender a pessoas estranhas à Instituição, por preço de custo e a longo prazo, os apartamentos construídos em Brasília, enquanto que — conforme e do domínio público — os trabalhadores, não obstante necessitarem, enfrentam as maiores dificuldades para adquirir um imóvel;
  - e) — Falta de pagamento da aposentadoria móvel a milhares de segurados, porque a verba para esse fim está sendo retida ilegalmente, pelo Sr. Ministro da Fazenda.

**Trabalhadores, Segurados.**  
A Comissão Inter-Sindical que se vem empenhando desde a sua criação, através da luta em defesa de nosso Orgão de Previdência, tomou conhecimento das deficiências e possibilidades da CAIXA estando certa porém, que sem a compreensão e participação ativa de todos os trabalhadores vinculados à C.A.P.F.E.S.P., será impossível a esta Comissão, atingir os seus objetivos.

A Comissão lança um veemente apelo a unidade e ação de todos os trabalhadores para a consecução das seguintes medidas:

- 1) — Participação ativa dos trabalhadores, no plano de aplicação das verbas;
- 2) — Regularização dos pagamentos dos beneficiários e da aposentadoria móvel, exigindo a liberação da verba retida no Tesouro Nacional;
- 3) — Exigir a abertura dos inqueritos administrativos já determinados pelo Excm. Sr. Presidente da República e o requerido pelo Tesoureiro Geral da C.A.P.F.E.S.P.;
- 4) — Revogação imediata da Ordem de Serviço nº 60;
- 5) — Impedir a venda a estranhos, dos apartamentos construídos em Brasília, os quais devem ser alugados para maior rentabilidade para a Instituição;
- 6) — Abertura das Carteiras Predial e de Empreendimentos Simples;
- 7) — Redução nas despesas com a revista "DIVULGAÇÃO CAPFESP" a qual consome cerca de um milhão de cruzeiros, anualmente;
- 8) — Melhoria dos serviços de assistência médica e hospitalar em todo o País;
- 9) — Aquisição do Hospital próprio.

Em torno destas reivindicações e, principalmente, da aprovação da Lei Orgânica da Previdência Social, com a direção coletiva e responsável dos trabalhadores, nas Instituições de Previdência, temos certeza que salvaremos o patrimônio sagrado da C.A.P.F.E.S.P. e, sob nossa BANDEIRA UNITÁRIA, os nossos velhos e sacrificados companheiros e suas famílias.

Sala das Sessões, 5 de julho de 1960.  
Federação Nacional das Indústrias Urbanas — Nelson Mendes — Presidente; Federação Nacional dos Ferroviários — Rafael Martinelli — Presidente; Federação Nacional dos Trabalhadores em Empresas Telefônicas — Jorge Monteiro — Presidente; Sindicato Nacional dos Aeronautas — Ernesto Costa Fonseca — Presidente; Sindicato Nacional dos Aeronáuticos — Otton Conde Lopes — Presidente; Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias do Rio de Janeiro — Demostoches Baptista — Presidente; Sindicato dos Trabalhadores de Empresas Elétricas e Produtoras de Gás do Rio de Janeiro — Argemira Rocha — Presidente; Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Telefônicas do Rio de Janeiro — Jorge Monteiro — Presidente; Sindicato dos Trabalhadores de Empresas de Curo Urbano — Antônio Joaquim Grupo de Vasconcelos — Presidente; Sindicato dos Trabalhadores de Empresas Telegráficas, Radiotelegráficas e Radiotelefonias — Wilson Reis — Presidente; Associação dos Aposentados e Pensionistas do Rio de Janeiro — José da Silva Camarinho — Presidente; Paulo Cesar — Secretário dos Sindicatos dos Trabalhadores na Indústria de Energia Elétrica e Produção de Gás do Rio de Janeiro.

As entidades sindicais e estudantis de Curitiba deliberaram promover, na segunda quinzena de agosto, o Dia de Protesto. Para coordenar as ações preparatórias desse movimento, que já está empolgando a população da cidade, foi criada a Comissão Organizadora do Dia de Protesto, composta dos líderes sindicais Alderico Reis Petra, Luis Gonzaga Paul e João Wagner, e dos líderes estudantis Antônio Pefesa e Cândido Machado de Oliveira. O programa elaborado por essa Comissão foi aprovado pelas entidades sindicais e estudantis.

### Os objetivos

O Dia de Protesto, organizado pelas entidades sindicais e estudantis, tem os seguintes objetivos: 1) alertar as autoridades sobre a insatisfação generalizada contra o alto custo da vida; 2) advertir seriamente aos exploradores do povo sobre as graves consequências de ordem política e social, que poderão advir se continuarem os assaltos indiscriminados à bolsa do povo; 3) evidenciar às autoridades, ao comércio e ao povo que as entidades sindicais e estudantis estão dispostas a enviar todos os esforços para forçar os exploradores do povo a limitar os seus lucros, estabilizando e até mesmo baixando o custo da vida; 4) lembrar às autoridades que o descontentamento popular é causado principalmente pela alta do custo da vida, falta de habitação, ensino gratuito e diversões ao alcance da bolsa popular.

### Programa

O programa para o Dia de Protesto compreende: 1) conglomeração ao boicote às compras com cartazes na zona comercial, cartazes individuais, e distribuição de volantes; 2) passeata, que terá início com uma grande concentração na praça Santos Andrade, às 16 horas, e percorrerá a rua 13 de Novembro, avenida João Pessoa, onde haverá um comício, prosseguindo depois pelas ruas Voluntários da Pátria, Carlos de Carvalho, terminando na praça Tiradentes.

## Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas

### Edital de Concorrência Pública da Comissão de Planejamento e Execução do Hospital da Previdência Social da Cidade de Tupã — Estado de São Paulo

Chama-se a atenção dos interessados para o Edital de Concorrência Pública do Projeto Estrutural destinado às obras do Hospital da Previdência Social em Tupã, no Estado de São Paulo, publicado no Diário Oficial do Estado da Guanabara - Parte I - dos dias 21, 22 e 23 do corrente, pag. 7 658/9.



### Eles vão enterrar o projeto entreguista

## Defende Teu Direito

**QUADRO EM CARREIRA** — Independente de aprovação pelo Ministério a validade dos quadros de carreira do pessoal das empresas. A Lei 1723, de 8-11-1952, que deu nova redação ao art. 461 da Consolidação das Leis do Trabalho, não mais exige a prévia autorização administrativa para tais quadros. Ac. TRT, 1ª Região (Proc. 1872/58). Relator: Simões Barbosa.

**QUITTAÇÃO** — O recibo de quitação há que se compreender tal qual nele se contém, valendo pelo seu texto, não importando o fecho padrão de quitação geral comum em recibos dessa natureza. Ac. TRT, 1ª Região (Proc. 1508/59). Relator: Jês de Paiva.

O recibo de quitação passado sem qualquer vício de vontade que o inutilize, deve ser recebido com valor absoluto, abrangendo, em se tratando de rescisão contratual, todos os direitos que possam decorrer da época em que as partes se mantiveram em relações empregatícias. Ac. TRT, 1ª Região (Proc. 1836/59). Relator: Gerardo Guimarães.

São nulas as quitações obtidas para burlar a contagem do tempo de serviço do empregado e impedir que o mesmo ultrapasse o prazo de um ano e adquira direito à indenização. Ac. TRT, 1ª Região (Proc. 1210/59). Relator: Amaro Barreto.

Só tem validade o recibo de quitação passado por menor, quando assistido pelo seu representante legal. Ac. TST, 2ª Turma (Proc. 2103/58). Relator: Maurício Lange.

Recibo de quitação que discrimina prestações realmente pagas, não extingue outras obrigações que não teve o empregado intenção de quitar, a menos que se prove terem sido também essas prestações objeto da quitação que, no caso, passaria a ser transaccional. Ac. TRT, 1ª Região (Proc. 2.118/58). Relator: Moraes Rattes.

**RACIONAMENTO DE ENERGIA** — Os reclamantes, hórlistas, se insurgiram contra a redução do horário de trabalho, tendo a empresa se defendido sob a alegação de força maior, consistente no racionamento de energia. A Junta julgou procedente a reclamação, por entender não configurada a força maior, eis que, além de não ter procurado remover os efeitos da redução de energia, a empresa diminuiu o horário apenas de um grupo, não estendendo, pois, a redução salarial a totalidade de seus empregados. — Não cabe recurso de revista de sentença que assim houver decidido. Ac. TST, 2ª Turma (Proc. 6835/54). Relator: Oscar Saravia.

Paralisados os serviços por falta de energia elétrica, decorrente do racionamento determinado pelo Poder Público, é de se aplicar o disposto no § 3º do art. 61 da Consolidação das Leis do Trabalho, admitindo-se a compensação das horas não trabalhadas, mediante a prorrogação prevista. Ac. TST, 1ª Turma (Proc. 1602/59). Relator: Oliveira Lima.

**RADIOTELEGRAFISTA** — As disposições dos arts. 227 e 230 da Consolidação das Leis do Trabalho aplicam-se aos operadores de terra, das empresas de navegação aérea, ainda que não se ocupem unicamente da exploração da telefonia, telegrafia, radiotelegrafia e radiotelegrafista e explorem tais serviços, apenas, em benefício de sua atividade principal. Ac. TST, 3ª Turma (Proc. 3694/57). Relator: Hildebrando Bisaglia.

Remuneração do rádio-operador nos domingos e feriados trabalhados. O acórdão recorrido entendeu aplicável a companhia de aviação o § 2º do art. 227 da Consolidação. — Recurso extraordinário não conhecido. Não é aceitável a alegação de que o dispositivo legal em questão só se aplica às empresas que exploram o serviço de rádio-comunicação, porque a lei não vê a finalidade da empresa, mas resguarda o trabalho de seus empregados. Ac. STF, 1ª Turma (Rec. ext. 43.918). Relator: Mota Filho, publicado em «Ementária Trabalhista», março-1960.



# Panorama Por Que Insistir em Mendes de Moraes?

Homologando a candidatura do sr. Mendes de Moraes, em sua fria convenção de terça-feira, o PSD carioca fez exatamente aquilo que o lacerdismo desejava: aprofundou a dispersão das forças que se opõem — ou devem se opor — ao Clube da Lanterna, quando está perfeitamente claro para todos que a unidade dessas forças é a principal condição para assegurar a derrota do entreguismo udenista e fortalecer, no quadro das eleições presidenciais, as candidaturas de Lott e Jango.

A falta de receptividade no nome do sr. Mendes de Moraes já era um fato acima de qualquer dúvida, comprovado no fracasso dos dois ou três comícios em que apareceu o ex-prefeito. O povo carioca compreendeu, desde o início, que esta é uma candidatura divisionista e incapaz de enfrentar com êxito a desbragada demagogia lacerdista. Mas agora já não se trata de comícios: foi a própria convenção do PSD que respondeu com uma impressionante frieza à imposição dessa terceira candidatura. Os convencionais pesadistas sabem muito bem que insistir nesse caminho é fazer simplesmente o jogo de Lacerda, amarrar o terreno para a sua vitória.

Por que, então, essa insistência? Os líderes pesadistas, que podem ser tudo menos ingênuos em matéria de política, sabem que as eleições não são uma mesa de poquer, em que a sorte pode pender ora para um, ora para outro lado. No jogo eleitoral não é a casualidade que decide, mas a maioria dos votos, cuja grandeza é de antemão conhecida. E homens como os srs. Augusto do Amaral Peixoto, Mendes de Moraes e outros não podem ter ilusões neste ponto: a existência de duas candidaturas contra Lacerda significa que o eleitorado antilacerdista se divide, mesmo que — como fatalmente aconteceria — ficasse apenas uma parte reduzida a favor do candidato pesadista. Nem é por outro motivo que precisamente jornais como «O Globo» e «Correio da Manhã» se encarreguem da publicidade em torno do sr. Mendes de Moraes. Eles fazem, afinal, o que lhes cabe: procurar manter e aprofundar a dispersão a fim de facilitar o absurdo que seria a subida do Clube da Lanterna ao Poder no Estado que era, até ontem, a capital do país.

Por que, então, essa insistência? — repetimos a pergunta, que é de todas as pessoas sensatas, que repetem a idéia de vir a se instalar na Guanabara a ditadura lacerdista. Tão evidente é o caráter divisionista da atitude em que se colocam os dirigentes cariocas do PSD, com o apoio — ou a conivência da cúpula nacional desse partido e do próprio sr. Kubitschek, que só podem ganhar força as suspeitas surgidas em alguns círculos, segundo as quais seria por interesses inconfessáveis que os dirigentes pesadistas batem os pés e se negam a tomar o único caminho razoável e capaz, seguramente, de levar à vitória sobre Lacerda: o apoio à candidatura nacionalista de Sérgio Magalhães.

Não é segredo para ninguém que a Light, os tubarões da Associação Comercial, os exportadores de café e outros grupos econômicos dão tudo, sem discussão, para impedir o triunfo de Sérgio e, ao contrário, dar a vitória a Lacerda. É necessário que os homens do PSD tenham a certeza de que a «jogada Mendes de Moraes» começa a ser situada como um dos aspectos desse esquema presidido pela Light. E se não dispomos, por enquanto, de elementos que confirmem concretamente semelhantes suspeitas, temos de admitir que, nas atuais circunstâncias, a recusa à candidatura Sérgio Magalhães se ajusta por completo aos interesses e desejos dos piores inimigos e exploradores do povo carioca.

Mas os patriotas e democratas da Guanabara não podem admitir que os partidos políticos comprometidos com a chapa Lott-Jango façam neste Estado o jogo daquelas forças entreguistas e reacionárias que dão tudo o que têm — e têm muito, sobretudo dólares — para entregar o Poder a Jânio Quadros e Carlos Lacerda.

Almir Motos

# UM MILHÃO DE DÓLARES POR DOCUMENTOS SECRETOS

## Brizzola Denuncia Ato de Espionagem do Embaixador Ianque

Com a clara e inofensável denúncia, pelo governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizzola, das atividades de suborno e espionagem dos diplomatas ianques no país, e do próprio Embaixador Cabot, o governo brasileiro está no ineludível dever de dar à opinião pública nacional uma rápida e enérgica reparação, pela ofensa inominável feita a nossa soberania. E, dadas as proporções do caso, a reparação não pode ser menos do que a pura e simples expulsão do Embaixador Ianque, e de todo o seu séquito de espíões, e a anulação de todos os convênios e tratados implicados na denúncia.

O desmascaramento público de Cabot foi feito pelo governador Brizzola, na cidade de Rio Grande, durante uma reunião na Prefeitura local, segunda-feira última, e na presença de diversos oficiais das forças armadas, autoridades locais e jornalistas. Declarou o governador gaúcho que foi procurado por representantes do governo dos Estados Unidos, que quiseram suborná-lo, propondo-lhe a quantia de um milhão de dólares, em troca de sua autorização para que fossem fotografadas pelo FBI as fichas da DOPS em seu Estado. A trama

seria feita na forma de um convênio entre o Ponto IV e o governo do Estado.

«Até o Embaixador dos Estados Unidos me procurou em Brasília para forçar-me a assinar o convênio», disse o governador Brizzola, acrescentando que Cabot lhe afirmara então «que o convênio correria por conta do Ponto IV de Ajuda ao Exterior e que fora proposto aos governos de dois outros importantes Estados brasileiros, visando o reequipamento de seus órgãos policiais».

O governador Brizzola disse ainda que os dois outros governadores referidos, segundo Cabot, haviam aceitado a proposta, mas ele a rejeitou.

É dispensável acentuar a gravidade da denúncia. Por muito menos, diplomatas estrangeiros têm sido expulsos de muitos países. Trata-se de uma insolência que nenhum governo soberano pode tolerar.

O mais grave, entretanto, é que a denúncia do governador gaúcho apenas confirma os inúmeros e inegáveis indícios que vêm sendo apontados há anos pela imprensa, especialmente pela imprensa popular, provando a atividade de sistemática espionagem a que se dedicam os diplomatas ianques em nosso país e, em particular, o caráter de suborno e intervenção em nossos assuntos internos que se prende ao chamado Ponto IV «de ajuda econômica».

Ainda há poucos dias, a imprensa noticiou a assinatura de um con-

vênio entre o Ponto IV e o Departamento Federal de Segurança Pública, exatamente como o denunciado pelo governador Brizzola, «para o reequipamento de suas instalações». A opinião pública tem agora todas as razões para suspeitar que os fichários da polícia política — e aí se revela a sua verdadeira utilidade — já estão entregues ao serviço do imperialismo norte-americano. Este mesmo Ponto IV há algumas semanas intervinha no movimento sindical brasileiro, através de uma campanha dita «pela extinção do Fundo Sindical», e pretendendo colocar as organizações dos trabalhadores brasileiros sob o seu controle; felizmente, para os bios de nosso povo, sua intervenção foi repelida neste caso, com o protesto unânime do movimento sindical brasileiro.

O mesmo não se pode dizer, entretanto, dos órgãos da polícia, onde o suborno em dólares, dentro ou fora do Ponto IV, encontra mais facilmente adeptos e cúmplices. A enérgica denúncia do governador Brizzola coloca o governo do Sr. Kubitschek diante da necessidade imperativa de um rápido e rigoroso inquérito, que entregue à opinião pública os nomes dos governadores subornados e revele toda a extensão do domínio imperialista ianque sobre o aparelho do Estado. Mais urgentemente ainda, o governo brasileiro está na obrigação de expulsar do país o Embaixador Ianque, e anular todos os tratados e convênios que têm permitido e estimulado a atividade de espionagem da Embaixada Ianque.

# Desmascarada a intriga de Falcão

Já são do domínio público as manobras promovidas pelo sr. Armando Falcão, de torpedeamento à candidatura nacionalista, agora sob o pretexto de formar um novo «Partido do Desenvolvimento», que outra coisa não é senão uma tentativa de conciliação com as forças janistas. Mais recentemente, o sr. Falcão foi tecer as suas intrigas na Capital cearense, onde se esforçou por conseguir o seu «arreglo» com os reacionários locais. Indo além, deitou falação na imprensa local, acusando os comunistas como «sabotadores» da candidatura Lott.

Não ficou, entretanto, sem resposta. A «Rádio Itacema», de Fortaleza, procurou logo depois o líder comunista cearense Aníbal Bonavides, para ouvi-lo sobre as declarações do ministro entreguista, num dos programas de maior audiência, na população local, o «Grande Jornal Político». Respondendo então à série de perguntas que lhe foram feitas, o jornalista Bonavides desmascarou a verdadeira face de intrigante continuísta e inimigo de Lott, do ministro Falcão, mostrando as ligações deste com trustes internacionais, como a Orquima, e o longo trabalho de sapa que ele vem desenvolvendo, no governo do sr. Kubitschek, contra os movimentos nacionalistas e populares, e contra a candidatura do marechal Lott.

# Estudos Sociais

Nº 8

à venda em

tôdas as bancas

Cr\$ 30,00

# AS CARTAS DE EISENHOWER E KUBITSCHEK:

## Uma Chantagem e Dois Fracassos

RENATO ARENA

As cartas trocadas entre os presidentes Eisenhower e Kubitschek são documentos preciosos. São a exposição pública e oficial, a um só tempo, do acelerado processo de quebra de dentes a que está submetido o imperialismo norte-americano, e do completo fracasso da política de conciliação com este mesmo imperialismo, seguida pelo governo do sr. Kubitschek, e formalizada na dita «Operação Pan-americana».

Ostensivamente, o Sr. Eisenhower quiz, com sua carta, comunicar ao governo brasileiro a intenção de

pôr em prática um plano de ajuda ao desenvolvimento econômico da América Latina. Na realidade, seu objetivo foi comprar o apoio do Brasil à intervenção planejada pelos imperialistas ianques em Cuba — e comprá-lo pelo simples aceno com um talão de cheques.

Foi um gesto tão descarado e sem pudor que o próprio «New York Times», foi o primeiro a revelar o seu caráter de chantagem. Este órgão dos mais reacionários da imprensa norte-americana, e mais ligados ao Departamento de Estado, ao anunciar a existência de tal plano «de ajuda» à América Latina, foi dizendo, logo de início, que o plano não era senão «uma tentativa para obter o apoio da América Latina na O.E.A.», contra Cuba; e restou-lhe ainda cinismo para registrar que a carta de Frondizi a Fidel Castro, pressionando-o para que repelisse a promessa soviética de ajuda a Cuba, foi um primeiro «fruto» dessa chantagem ianque.

É aí que se revela o estado de quase impotência a que está reduzido o imperialismo norte-americano, em nossos dias. Ainda se ouvem muitas vezes, de velhos e empedernidos imperialistas, como Rockefeller e Hoover, que pretendem afogar a revolução cubana pelos «métodos tradicionais»: com os canhões da esquadra e os «marines». Mesmo Herter, e o próprio Eisenhower, já se julgaram na obrigação de arrojar ameaças de intervenção armada em Cuba. Mas os tempos são outros. Hoje, sob a vigília da opinião pública mundial, e sob a mira dos foguetes soviéticos, os imperialistas ianques sabem que estão mexendo em caixa de marimbombos. E a velha política do «big stick» deve ceder lugar a outras «mais sutis», de chantagem e compra de influência.

Mas, o que os imperialistas não compreenderam é que as mesmas razões — que os impedem de agir a seu modo em Cuba, resultam num reforço das posições da América Latina. Hoje, mesmo um campeão da conciliação com o imperialismo, como é o Sr. Kubitschek, não pode mais dar guarida a simples promessas «de compreensão», e é forçado a taxar de «magalhães» — como o fez em declarações à imprensa — o «plano de ajuda» anunciado com tanto estardalhaço em Washington. E se, em sua resposta ao presidente Eisenhower, ele não repetiu esta crua expressão, tampouco mostrou qualquer entusiasmo pela oferta recebida. E a chantagem falhou, pelo menos em seu primeiro tempo.

A resposta do presidente Kubitschek, entretanto, se revela a fraqueza da posição atual do imperialismo norte-americano, também ressaltada, e com maior eloquência, o completo fracasso da política preconizada em sua «Operação Pan-americana». Mais de dois anos depois de lançar o seu movimento, que

devia «empolgar o Continente», o Sr. Kubitschek é obrigado a frizar, para seu colega norte-americano, que nada de concreto resultou até agora da OPA, que os resultados são «tímidos» e «aquém das expectativas». E ainda precisa gastar muita tinta e fosfato na vã tentativa de convencer o governo norte-americano de que, para as massas subdesenvolvidas e miseráveis da América Latina, «a liberdade e a democracia, a dignidade do ser humano, tal como a concebemos, são palavras sem sentido».

O que é chocante, nisso tudo, é que o sr. Kubitschek, embora confessando com grande franqueza a estaca zero em que ficou, no caminho da OPA, ainda insiste em trilhar por ele, e continue condicionando o desenvolvimento econômico da América Latina à ajuda imperialista. Sua incapacidade de compreender a contradição irremovível que existe entre a concepção da OPA e o caráter espoliador inerente ao imperialismo, torna-o tão impotente quanto o próprio imperialismo norte-americano.

Nessa altura, é importante observar a grande diferença que separa a forma e o espírito da carta do presidente Kubitschek, da política externa preconizada pelo marechal Lott. Enquanto o candidato nacionalista pauta a sua campanha política na preocupação com a defesa dos interesses nacionais contra a espoliação imperialista, prega a limitação e o controle das remessas de lueros das empresas estrangeiras, e defende uma política de desenvolvimento baseada fundamentalmente nos insumos recursos internos do país, o Sr. Kubitschek ainda se deixa embalar pela ilusão de que os investimentos imperialistas possam resolver os graves problemas de nosso povo. Enquanto o marechal Lott mostra, com razão, que a rapina imperialista é responsável pela miséria em que ainda vive a maioria dos brasileiros, o sr. Kubitschek está parado, esperando e pedindo a ajuda dos que nos roubam. Enquanto o marechal Lott denuncia a ditadura entreguista de Frondizi, o sr. Kubitschek quer apoiar-se nela, para construir a OPA.

Para o povo brasileiro, é esta a grande lição a tirar da decepção e decepcionante literatura do sr. Kubitschek. Ela vem tornar ainda mais evidente a necessidade da mudança da política de conciliação do atual governo, que já não se coaduna nem com as necessidades de nosso povo, nem com as possibilidades de nosso tempo. Ela vem dar razão à política de independência e soberania, defendida pelos nacionalistas, e pregada pelo marechal Lott. Ela vem mostrar, ao povo brasileiro, o grande passo à frente que representará a eleição, em 3 de outubro, do governo nacionalista e popular encabeçado pelo marechal Lott.



# JÂNIO: UM HITLER A SERVIÇO DOS TRUSTES

«O juízo que faço do sr. Jânio Quadros em nada difere do que penso em seus próprios amigos íntimos. Ocorre que tenho a coragem de vir à praça pública e dizer o que penso. Comparo-o a Hitler e Mussolini, que levaram a Alemanha e a Itália à destruição e à desgraça. Há pouco tempo, ele ludibriava o povo, através de insultos que assacava contra homens públicos e da

máscara com que se apresentava candidato do tostão contra o milhão. Hoje, não consegue enganar mais ninguém; é o candidato dos milhões, cercado de poderosos e festejado por grupos econômicos internacionais, que vêm em nossa candidatura um entrave irremovível às suas ambições e interesses imediatos». Estas palavras enérgicas foram pronunciadas pelo marechal

Lott ao povo de Fernandópolis, durante a excursão que empreendeu, na semana passada, com enorme sucesso popular, a vários municípios paulistas. A foto acima, mostrando a multidão entusiasmada que participou de seu comício em Baruru, é um exemplo vivo do êxito deste novo contato do candidato nacionalista com o povo de São Paulo.

# Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

Um dos generais da Operação Limpeza, cuja estratégia obedece à doutrina militar da OPA, falando ao vespertino «O GLOBO», revelou que algumas ruas da cidade, por onde passaram as vanguardas de suas brigadas, pouco depois estão novamente sujas, o que forma completamente inútil a atuação dos garis. É o círculo vicioso. O garí limpa e o cidadão suja.

mo chão. Algumas escavações etruscas demonstraram na velha Itália a existência de fenômenos semelhantes. Não devemos porém cair em pânico. O mistério é sempre apaixonante.

Os generais da Operação Limpeza sustentam o que afirmam e aconselham aos descrentes: «Basta que se dê uma volta pelo centro da cidade, às quatro ou cinco horas da manhã, para se ver que as ruas estão limpas. Contudo, duas ou três horas depois, está tudo novamente».

A sugestão é tentadora. Os passeios matinais, principalmente ao raiar da madrugada, são higiênicos, agradáveis e poéticos. Naturalmente, se a cidade amanhece limpa e logo depois de iniciado o movimento fica suja, não pode haver dúvidas a respeito da causa da sujeira. Todo o mal está na existência de três milhões e duzentos

mil habitantes, que teimam em poluir o Rio, cedendo ao prazer de pagar impostos. Muitos desses habitantes alimentam hábitos funestos: fumam, tomam sorvete, comem tangerinas e alguns elegam ao requinte de acender cigarros com fósforos, cujos palitos, depois de usados, não têm nenhum aproveitamento racional, sendo por isso jogados no chão.

E as estas bossa-nova? Claro que as estas bossa-nova poderiam resolver em parte esse problema. Por ora só estão servindo como promoção da publicidade comercial. Seu número é insuficiente. Também é claro que o povo deve ser educado. Mas os generais da limpeza não devem cometer exageros. A Operação Limpeza pode ser feita sem a necessidade de transferirmos o Rio naquela Nova York do filme «O Rato que Rugiu», completamente limpa de lixo e de gente. Uma cidade daquele tipo, varrida uma vez, só se suja de novo com a poeira dos séculos.

# A Sucessão e os Comunistas de Pernambuco

DAVID CAPISTRANO DA COSTA

Nas campanhas presidenciais, os problemas de âmbito nacional têm preferência sobre as questões locais. Estas são sempre de natureza diferente, restrita, e só terão solução quando forem resolvidos os problemas mais prementes do país, formulados pelas forças nacionalistas. Seria falso sobrepor os interesses locais aos problemas de toda a Nação. Sobrepor os interesses de facções políticas de Pernambuco aos do Brasil seria, não apenas um erro, mas abrir caminho para o surgimento de uma nova oligarquia. É o que vem fazendo o governador Cid Sampaio, procurando justificar seu apoio à candidatura Jânio Quadros com argumentos de alcance local, tirados do arsenal da luta de 1958 contra a reação policial, verdadeiros, então, para o Estado, mas que não podem ser transferidos para o país, como pretende fazer o sr. Cid Sampaio, com o objetivo evidente de criar confusão na opinião pública e mistificar o eleitorado com o espantoso superado do etelvinismo. O candidato das forças nacionalistas é o marechal Lott, que não é preposto de nenhum grupo político estadual ou nacional. Identificar a vitória desse candidato com a volta ao passado de perseguições policiais em Pernambuco é querer jogar terra nos olhos das forças nacionalistas e populares, confundindo-as e atraí-las para a órbita do candidato entreguista Jânio Quadros.

Engana-se, entretanto, o governador Cid Sampaio com a posição tomada à revelia e contra as forças nacionalistas e populares que o elegeram em 1958. Desligando-se, no plano estadual e federal, destas forças, que agora apoiam a chapa nacionalista Lott-Jango, s. ex. ca. toma, na realidade, o partido do entreguismo. A suposta contradição, tão explorada pelo sr. Cid Sampaio, da aliança atual entre os comunistas e os possedistas de Pernambuco é tão frágil que, para desfazê-la, bastaria apontar a presença do ex-governador Cordeiro de Farias, conhecido às do etelvinismo, ômbro a ômbro com o dr. Cid Sampaio na campanha janiista. Com suas insinuações, o governador Cid Sampaio tenta conduzir para o terreno pessoal «etelvinista» uma campanha que, na realidade, só pode ser de princípios ou, mais claramente, de nacionalistas contra entreguistas.

É a agravação de certos problemas do Estado que está levando o governador à impopularidade. Um desses problemas é a sua política de industrialização baseada unicamente no grupo econômico por ele mesmo liderado.

As taxas de carga e descarga do Porto de Recife tiveram novas tarifas, para o fim de atender à elevação dos salários dos trabalhadores. Mas, a majoração das tarifas foi desproporcional (mais elevada) em relação ao aumento de salários. Além disso, a Administração do Porto de Recife não vem pagando regularmente e a tempo o pagamento salarial conquistado em 1959. O governador aumentou, também, de muitas vezes, o preço dos serviços de água e saneamento. O imposto de vendas e consignações foi elevado com o objetivo de formar capital para uma indústria de borracha sintética, cuja finalidade é a defesa de um pequeno grupo de felizardos, com o sacrifício de todos os consumidores. Enquanto isso, o aumento de vencimentos para o funcionalismo estadual é adiado, apesar de a arrecadação ter-se elevado de cerca de 60%. Começou a perseguição às Ligas Camponesas, sob o pretexto de defesa da propriedade, que ninguém ameaça. Mas, o governo fecha os olhos quando as lavouras e as residências dos

lavradores são destruídas pelos sicários dos donos das terras. É verdadeira farsa foi montada na Engenho Manassu, município de Jaboatão, em cumprimento de seu proprietário, com alegações infundadas de os camponeses haverem planejado uma invasão das terras do engenho juntamente com membros das Ligas de outros municípios. Por conta disso, prisões foram realizadas, um processo foi instaurado contra os dirigentes das Ligas, o qual, aliás, mereceu brilhante parecer do Juiz de Direito de Jaboatão, que reduziu a farsa policial às suas verdadeiras proporções. No engenho Pindobal, município de Paudalho, o governo criou um comissariado de polícia para obrigar os moradores a trabalharem mais dias, por semana, para o senhor do engenho.

O governo de Pernambuco nenhum passo deu até agora e nem pretende dar no sentido de tomar medidas contra a carestia de vida. Tendo, como tem, uma concepção empresarial dos problemas econômicos, não dá atenção às iniciativas que não oferecem lucros. Pelo contrário, algumas providências tomadas pelo governador Cid Sampaio têm contribuído para a elevação do custo de vida: aumento de 0,5% do imposto de vendas e consignações, aumento de 300% dos serviços de água e saneamento, e a majoração das taxas de carga e descarga do Porto de Recife.

Os próprios projetos de industrialização, tão propalados nas falas governamentais, têm, ao lado dos aspectos positivos de qualquer empreendimento produtivo, objetivos de interesse exclusivo do grupo econômico que gravita em torno do dr. Cid Sampaio, que as forças nacionalistas e populares não podem defender. Outro exemplo é a constituição de empresas mistas com a ajuda do Estado para a formação do capital, mas sem a participação proporcional deste nas diretorias das empresas apesar de ser o maior acionista. Os diretores estão sendo indicados entre possuidores até de apenas seis ações, como é o caso da Companhia de Colonização, onde o Estado tem mais de 90% do capital. Em outros casos, além disso, o Estado fica obrigado a garantir um lucro certo aos acionistas particulares, mesmo que a empresa dê prejuízos, como é o exemplo da fábrica de leite em pó, de Belo Jardim. Os diretores de todas as empresas formadas pertencem ao grupo político do governador, que está colocando os recursos do Estado para fortalecer não somente um pequeno número de felizardos.

Isto quer dizer que o Estado está sendo usado como uma espécie de comitê que rege os negócios e os interesses de um grupo econômico ligado ao etelvinismo estadual. A máquina administrativa do Estado está sendo posta a serviço dos partidários da candidatura Jânio Quadros pelo dr. Cid Sampaio, principalmente no Interior. Nesse particular, a diferença que há da situação anterior a 1959 é só de quantidade. Agora, com a «política de recuperação», é muitas vezes maior a utilização da coação e do suborno para fortalecer politicamente o governo.

A vitória política de 1958, está sendo desvirtuada de maneira gritante. Os comunistas apoiaram então o sr. Cid Sampaio e lutaram abnegadamente por sua vitória, porque lutaram e lutam pelo desenvolvimento econômico do Estado, pelo respeito às liberdades democráticas, pela prática de processos administrativos que excluam a coação, pela

realização de um programa de governo visando a solução dos problemas sociais, como o ensino, a saúde e outros, mas particularmente pelo encaminhamento da questão da terra, tão aguda no Estado. Para a execução dessa política, apoiaremos as medidas que forem tomadas.

Na campanha presidencial em curso nossa posição de participantes da coligação lottista, como uma força independente que somos, deve se desenvolver dentro dos limites da nossa linha política e dos postulados que apresentamos ao povo e às forças políticas nacionais para discussão, como sendo, em nossa opinião, os mais justos. A vitória da chapa Lott-Jango no Estado dependerá muito da unidade de ação das forças que a defendem e do entusiasmo que imprimirem à campanha política, até 3 de outubro. Havendo, como há, todas as possibilidades de vitória, é no entanto necessário e indispensável um trabalho intensivo para conquistá-la.

Aos comunistas cabe um papel de destaque nesta campanha, tanto para a mobilização das massas populares como para unificar a ação das forças políticas da coligação lottista no Estado. Faremos tudo para nos colocar à altura da tarefa de derrotar em Pernambuco o candidato entreguista.



Trabalhadores de Todo o País Voltados Para o III Congresso

Milhões de trabalhadores das cidades e dos campos continuam sendo mobilizados pelas suas entidades sindicais, discutindo o temário do III Congresso Nacional dos Trabalhadores, e elegendo os seus delegados ao conclave que se realizará de 11 a 14 de agosto próximo, no Estado da Guanabara. A Comissão Organizadora do Congresso, composta de representantes das Confe-

derações, Federações e Sindicatos Nacionais não confederados, reúne-se quase que diariamente, na sede da CNTI, acertando os últimos detalhes do importante encontro. Em quase todos os Estados estão sendo promovidas convenções regionais preparatórias do Congresso Nacional. No Paraná, de 5 a 7 de agosto, reunir-se-á o I Congresso dos Trabalhadores Rurais. Em Pernambuco

realizou-se de 23 a 24 de julho a Convenção Estadual Preparatória. No Estado da Guanabara, por outro lado, as reuniões dos líderes sindicais são constantes. Na foto, aspecto da última reunião da Comissão Organizadora, vendo-se os dirigentes sindicais Ermildo Gomes de Almeida, da CONTEC; Ari Campista, da CNTI; Luis Augusto de Franca, da CNTC, e Rafael Martinelli, ferroviário.

## FEDERAÇÃO NACIONAL DOS ESTIVADORES

### III CONGRESSO NACIONAL DOS ESTIVADORES

#### TEMÁRIO

##### Projeto nº 850/55

- 1.) (Todos os artigos constantes do projeto).
    - 2.) SALÁRIOS, TAXAS E OUTROS ASSUNTOS DE COMPETÊNCIA DA COMISSÃO DE MARINHA MERCANTE:
      - a) — majoração das taxas de cargas insalubres, periculosidades e corrosivas;
      - b) — extinção dos meios dias de trabalho;
      - c) — equiparação de taxas na base do Rio e Santos;
      - d) — reajuste do M3 e equiparação das taxas Norte e Sul;
      - e) — que as cargas à granel de procedência estrangeira sejam pagas com o acréscimo de 50% nas taxas e salários;
      - f) — considerar todo e qualquer serviço de estiva insalubre;
      - g) — modicidade para o pagamento das cotas dos contra-mestres gerais;
      - h) — aumento da taxa do material de proteção;
      - i) — taxa de fiscalização e controle dos manifestos;
      - j) — cobrar por metro cúbico todas as cargas que dêem maior rendimento por M3;
      - k) — reivindicar 5% para a assistência social do Sindicato;
      - l) — reivindicar aumento dos salários e taxas, na base do custo de vida a cada região;
      - m) — reivindicar melhoria de salário e taxas para os serviços manipulados com volumes superior a 60 quilos;
    - k) — ambulatório médico para os casos de emergência, no caso do porto, e em toda orla marítima, onde tiver serviços de estiva;
    - l) — medicamento gratuito aos Segurados e Beneficiários;
    - m) — aposentadoria especial para os Segurados aos 25 anos de serviço e 55 anos de idade;
    - n) — abrigo para os Segurados que ficarem cegos;
  - 4.) LEGISLAÇÃO SINDICAL
    - a) — fundar uma Delegacia da Federação Nacional dos Estivadores na cidade do Recife;
    - b) — autonomia e liberdade sindical;
    - c) — lutar pela estabilização do custo de vida;
    - d) — aprovação da regulamentação dos serviços de estiva em todos os portos;
    - e) — defender a regulamentação do direito de greve, revogando o Decreto-Lei nº 9.070;
    - f) — modificação dos Estatutos da Federação Nacional dos Estivadores;
    - g) — lutar pelo pagamento das subvenções dos Sindicatos, pelo Orçamento da União;
    - h) — dirigir memorial ao Presidente da República e Ministro do Trabalho no sentido de ser revogada a Portaria que isenta a Petrobrás, Liqüigaz e Ultrazag, de requisitar estivadores sindicalizados;
    - i) — lutar pela extinção do Imposto de Renda;
    - j) — discutir o Decreto-Lei nº 48.262 de 3-6-60, que cria a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transportes Marítimos, Fluviais e Aéreos;
    - k) — afastar da D. T. M. da interferência no ingresso de associados no Sindicato;
    - l) — distribuição equitativa do serviço, examinando o rodízio de cada porto;
    - m) — direitos e deveres ao Representante do Sindicato à Federação Nacional dos Estivadores;
    - n) — férias para os estivadores.
  - 5.) PROBLEMAS ECONÔMICOS E SOCIAIS
    - a) — moções e solidariedades.
  - 6.) PROJETOS DE LEI QUE TRATAM DAS QUESTÕES DE ESTIVA
    - a) — Projeto nº 1.347/56;
    - b) — Projeto nº 3.638/57;
    - c) — Projeto nº 2.457/57;
    - d) — Projeto nº 1.129/59;
    - e) — Projeto nº 4.407/58;
    - f) — Projeto nº 1.267/48.
  - 7.) QUESTÕES ESPECÍFICAS DOS PORTOS
    - a) — reaparelhamento;
    - b) — dragagem;
    - c) — empacação ou administração dos portos.
- 3.º — PREVIDÊNCIA SOCIAL
  - a) — extinção da carência, para efeito da concessão de benefícios;
  - b) — organização das Delegações Regionais, no que diz respeito ao serviço médico, liquidação de débitos com as casas de saúde, laboratórios, diferença de diárias de acidente de trabalho e demais benefícios da Previdência Social;
  - c) — hospitalização para os Segurados e Beneficiários, em casos especiais, como sejam: doenças mentais e contagiosas;
  - d) — transferir para os Sindicatos de Estivadores o monopólio de acidente de trabalho;
  - e) — construção de casas residenciais para vender e alugar aos Segurados;
  - f) — concessão de empréstimo para construção de sede própria para os Sindicatos;
  - g) — discutir a participação dos segurados na administração do Instituto;
  - h) — financiamento para construção de casa própria para os segurados;
  - i) — seguro de vida especial nas operações de cargas inflamáveis e explosivas;
  - j) — indenização dos diários de acidente de trabalho igual, para todos os estivadores;

## Frente Operária Cresce Com Lott

Ao aproximarem-se as eleições de 3 de outubro, intensifica-se em todos os Estados a campanha popular pela chapa Lott-Jango, e, em particular, cresce no seio dos trabalhadores o movimento de apoio resoluto às candidaturas nacionalistas. Em vários Estados, nas últimas semanas, foram publicados manifestos, com centenas de assinaturas de líderes sindicais, conclamando os trabalhadores à luta pela eleição dos candidatos nacionalistas, e demonstrando ao povo as razões que levam a classe proletária a bater-se pela vitória de Lott e Jango.

Os trabalhadores de Pernambuco, através de seus dirigentes em 61 sindicatos, publicaram uma enérgica Declaração, ressaltando que «a eleição de Lott e Jango, a 3 de outubro, é uma questão de importância fundamental para o desenvolvimento progressivo e ininterrupto de nossa economia e a manutenção e ampliação da democracia e da liberdade». O manifesto, lançado no Recife no dia 11 de julho, apela ainda aos trabalhadores para que se unam em torno da «Frente Operária Nacionalista» («FON»), «que se organiza para unificar os esforços de todos os trabalhadores, com todo o povo, no território nacional, para a vitória de Lott e Jango, e será um forte baluarte para que se possa realizar o programa nacionalista que adotamos.»

### Ceará, Goiás e Minas

Em Fortaleza, os trabalhadores organizaram o seu Comitê Nacionalista Lott-Jango, instalado no último dia 17, com um grande e entusiasmado comício, e tendo à frente o secretário do Sindicato dos Estivadores cearenses, José Lopes e Silva.

Em Goiás, os dirigentes de 7 sindicatos dos trabalhadores goianos também entregaram ao povo um manifesto de apoio caloroso às candidaturas nacionalistas, e de apelo à formação da «Frente Operária Nacionalista» naquele Estado. O manifesto traz a assinatura dos líderes sindicais José Guimarães, Luis J. de Oliveira, Otto Giesbrecht, Cláudio L. Correia, Luis Mamede, Clóvis Fleury e Domiciano de S. Marinho.

Em Minas Gerais, nada menos do que 196 líderes sindicais, representando a esmagadora maioria de todos os sindicatos de trabalhadores mineiros, igualmente advertiram os seus companheiros, em manifesto público, que «o pleito que se travará em 3 de outubro terá, segundo entendemos nós, operários, uma importância decisiva para o futuro do Brasil», e os conclamaram a votar maciçamente nos candidatos nacionalistas, Lott e Jango.

### Êxito de d. Edna

Uma demonstração vigorosa do apoio dos trabalhadores às candidaturas Lott e Jango foi a excursão de D. Edna Lott ao Nordeste, na última semana. Falando em várias capitais nordestinas — Teresina, João Pessoa, São Luis e Belém — D. Edna recebeu sempre a acolhida maciça e entusiasmada do povo e dos trabalhadores. Em Teresina, por exemplo, mais de 15 mil pessoas assistiram ao seu comício, na Praça Pedro II, que se encontrava repleta; no Aeroporto, e na passarela que os nacionalistas locais promoveram, com ela, pela cidade, outra grande multidão se movimentou para acolhê-la, e manifestar calorosamente o seu apoio à candidatura nacionalista do marechal Lott.

## Carta do Sertão

Estado da Guanabara, nos miedos de Sant'Ana. Doutr Chico Julião: verdade — pernambucana!

Seu doutô, meus parabéns! Eu li a sua cartila. Mecc deve vim de lá Diputado Federá pra combatê im Brasília

A «Liga do Camponês» é um passo de gigante. Os donos de nossa terra qui sempre foro importante vão respeltá o trabai do seu lseravo habitante.

Para frente... seu doutô! Deus ormente sua fé. Vamos butá para baxo o pudé dos coroné! Tudo isso vai té lá: lcola, luz, hospitá, para o flo do barnabé.

De Norte à Su do país, para servá a Nação. Percisa té quato ou cinco da fibra de Julião!

O coroné tem um livo, pra conta dos moradó, qui quem bota o nome nele pra sempre sé diagraçô.

O pobe trabai o ano passando már, sem cumé! O lape do coroné no nome do barnabé faz conta do Sé tremé!

A safra li dá metade a conta toma um e méi. «Daze e cinco são dizolto cum onze a'eu num buté». O pobe tem qui pagá, a fazenda não tem lei.

Dispôs de três de outubro, (palavas do Marechá.) vai té lcola no campo pru povo civillzá... e vai baxá um decreto para o pobe anarfabeté té direito de votá.

Doutô Chico Julião é um grande brasileiro! Aqui fica um forte abraço do seu puéta vaquéiro!





### Continuidade nacionalista

EM CUBA É ASSIM:

## Educação Para o Povo Dirigida Pelos Mestres

«Dois milhões e oitocentos mil cubanos não sabiam escrever as palavras liberdade, democracia, Martí. Mais da metade das crianças não podiam aprender a ler e escrever por falta de escolas. 31% das pessoas de mais de 14 anos eram analfabetas.» Este é o quadro traçado pelo ministro da educação de Cuba revolucionária, Armando Hart Dávalos, que recentemente visitou o Brasil. Falando a NR, o ministro, que chefiava a delegação cubana ao Congresso de educadores a se realizar na Guiné, declarou que a primeira preocupação do Ministério da Educação e dos professores cubanos é levar a escola primária a toda a população, acabando com o analfabetismo que era a sorte comum de 800 mil crianças durante a ditadura de Batista.

Sobre o papel dos professores, disse o ministro Hart que são eles os verdadeiros realizadores da política educacional em Cuba. Essa política é traçada e discutida pelos professores que opinam por meio de suas instituições e sindicatos. Prosseguindo, esclareceu o ministro da educação que o ponto de partida da política educacional de Cuba é fazer com que a escola chegue a todos os lugares, fazer com que a escola sirva ao povo, principalmente às camadas mais pobres da população.

Elegendo para a presidência da UNE o jovem Oliveiros Guanais (ao centro de óculos), os universitários brasileiros deram mais uma demonstração de sua maturidade política. (Foto de Fernando Rocha).

15.000 salas em 2 anos

Até a queda da ditadura de Batista existiam 18 mil salas de aula em toda a ilha. Para resolver o problema da falta de salas, o governo revolucionário resolveu entregar dez mil salas e cumpriu sua promessa em setembro do ano passado. Até setembro deste ano, mais

### XXIII CONGRESSO NACIONAL DOS ESTUDANTES

# Nova Diretoria da UNE: Nacionalismo e Defesa da Escola Pública

Belo Horizonte recebeu de braços abertos a invasão, ruidosa e alegre, de cerca de mil rapazes e moças vindos, do extremo norte ao extremo sul do Brasil, para o encontro fraternal da juventude universitária no XXIII Congresso Nacional dos Estudantes. Descrever a vibração, a alegria, a seriedade e o entusiasmo reinantes entre os jovens alojados no Hospital Júlia Kubitschek não é tarefa fácil. Só o convívio diário nos alojamentos, no plenário, nas mesas de refeição, nos jardins e nos corredores do Hos-

pital, poderia dar a fisionomia verdadeira da reunião anual dos universitários do Brasil. Representantes vindos dos 21 estados brasileiros misturavam-se em grupos discutindo, cantando, conversando ou, simplesmente, trocando fômulas de suas respectivas faculdades.

### Escola Pública

Já na sessão inaugural do XXIII Congresso Nacional dos Estudantes, delineava-se em suas linhas gerais a orientação do conclave. Um grande painel ostentando a inscrição «UNE Pela Escola Pública» encimava a mesa onde se contavam os representantes do governador Bias Fortes, do prefeito de Belo Horizonte e dos secretários de Interior e Segurança. Os oradores das bancadas da Guanabara e de São Paulo, Lauro de Camargo e Armando Martins de Azevedo, afirmando o sentimento nacionalista, hipotecando solidariedade ao povo cubano e reclamando maiores verbas para a escola pública, foram grandemente aplaudidos. Dias mais tarde, quando da visita do ministro da educação, prof. Pedro Paulo Penido, os oradores de todos os Estados reafirmavam estas posições de luta.

A Comissão de Ensino, em relatório apresentado pelo universitário Aron Abend, explica: «Segundo o censo de 1950, 51% da população maior de 10 anos era analfabeta; somente 4% dos maiores de 19 anos possuía curso médio completo. Segundo estimativa, a população escolar primária em 1958 atingia a casa de 12,5 milhões sendo que daquele total cerca de 6 milhões não frequentaram escola por falta de vagas. Em 1959 matricularam-se na primeira série, cerca de 4 milhões de crianças e na última, cerca de 42 mil». Baseando-se nestes dados chocantes recomendou esta comissão a luta pela supressão do Art. 95 (item a e modificação do item c); supressão total do Art. 5º; modificação do Art. 10; pontos onde a Lei de Diretrizes e Bases para o ensino colide com os interesses do ensino público e sua orientação.

«No plano de assistência, recomendou o Congresso a criação de restaurantes universitários em todos os centros estudantis; sugeriu também a criação de casas do estudante em todo o país, visando assegurar alojamento ao estudante pobre. O problema do livro didático mereceu a atenção dos congressistas, sendo recomendada a criação da Editora da UNE e o monopólio da importação de livros estrangeiros, a dólar oficial.

### Solidariedade à Cuba

Uma conferência do deputado Francisco Julião sobre a reforma agrária feriu um dos assuntos mais importantes dos debates — o voto para os analfabetos. Justificando sua posição, o deputado pernambucano explicou que só com a modificação da composição do Congresso e das Câmaras estaduais, onde 70% dos deputados são latifundiários, poderá ser aprovada uma lei de reforma agrária. Ora, esta modificação qualitativa da representação parlamentar só pode ser obtida quando 25 milhões de brasileiros analfabetos puderem votar, elegendo homens identificados com as aspirações das massas trabalhadoras.

A pretendida participação da «Hanna» na exportação do minério de ferro foi outro tema de debate. A voz unânime dos universitários

condenou a concessão feita ao truste, que pretende explorar a região mais rica de Minas Gerais, exportando um minério do mais alto teor fértil (cerca de 70%) não estando fora de suas cogitações a exportação do manganês.

Cuba, no tocante a problemas internacionais, polarizou as atenções gerais. Entusiasticamente aplaudido, o nome de Fidel Castro foi invocado como exemplo de luta contra o subdesenvolvimento nas Américas. A pretendida intervenção em Cuba foi estigmatizada como manobra dos monopólios do açúcar e do petróleo para conservar seus privilégios.

### Eleição da diretoria

Foram lançados dois candidatos

— Oliveiros Guanais (Bahia) e Francisco Déclo Stortini (Minas) — representando as duas correntes que se defrontavam. O primeiro, apresentado pelo líder estudantil Betinho (Minas), garantia a continuação da política nacionalista da UNE, adotando uma posição ideológica de consolidação da aliança operário-estudantil a fim de assegurar o direito à instrução e a uma vida digna para os trabalhadores.

Betinho, aplaudido entusiasticamente, lê a plataforma de chapa «Consciência Universitária Nacionalista» que inscreve o apoio aos povos subdesenvolvidos e a luta pela emancipação nacional, frisando também a sua posição de estudante cristão. O segundo, candidato da oposição, embora se apresentando como nacionalista propugnava para a UNE uma posição de atuação administrativa, afastada da luta política. Em meio a confete, serpentinas e foguetes, os candidatos apresentados falaram aos delegados que superlotavam o auditório do Hospital já ao raiar do dia. A eleição processada na manhã e tarde de sábado, acusou a vitória da chapa liderada por Oliveiros Guanais pela expressiva votação de 414 votos contra 342 dados ao outro candidato.

Na sessão solene de posse, em meio a alegria geral, foi recebida mensagem do marechal Henrique Teixeira Lott congratulando-se com os universitários brasileiros ali reunidos. Sob aplausos vibrantes, a nova diretoria foi também homenageada no baile de encerramento oferecido pelo Diretório Central de Estudantes de Minas Gerais.



## Mais um Ano de Leitura

Escritores dos mais diversos matizes reuniram-se em animado coquetel, no dia 20 último, nos salões do Automóvel Clube, para comemorarem mais um aniversário (18º) da consagrada revista de cultura LEITURA, que obedece à direção de Barbosa Mello. Na foto, aspecto do coquetel.

**HISTÓRIA MODERNA**

**I. EFIMOV**

3º volume de História Universal, à luz da teoria marxista, adotada nas escolas secundárias da União Soviética.

Publicação da Editorial Vitória Ltda.

A VENDA NAS LIVRARIAS

Cr\$ 250,00

Pedidos pelo reembolso para Caixa Postal 165

Rio de Janeiro — Estado da Guanabara

cinco mil salas serão entregues. Desse modo, observou o ministro Hart, foi comemorado o segundo aniversário da revolução, a 1º de janeiro de 1961, o governo revolucionário terá construído tantas salas de aulas quantas foram construídas durante toda a história de Cuba. Com isto, estará resolvido o problema do ensino primário.

Entretanto, assinalou o jovem ministro da educação, a nova escola não pode ser como a antiga, da ditadura, inteiramente divorciada dos problemas da sociedade. «O professor é um dirigente social, um agente da sociedade no elevado domínio da cultura. Nossa tese fundamental é de que a escola e a revolução, a escola e a sociedade, o professor e o ministério são uma e a mesma coisa. A revolução tem que ter os mesmos objetivos que a escola, do contrário não será realmente do povo. Por outro lado, a escola deve servir aos fins do Estado, porque o Estado serve aos fins do povo.»

### Converter quartéis em escolas

«A revolução converte quartéis em escolas porque a força da revolução está no povo, nas escolas, e não nos quartéis. As fortalezas da revolução não estão nos quartéis, mas na confiança, na segurança, no apoio, na defesa do povo. A revolução cubana ensina o povo, dá a ele consciência de suas necessidades, seus problemas, suas dificuldades. O mais elevado princípio a ser ensinado pelos professores é que os homens têm que viver com dignidade. E isto pressupõe que tenham sido resolvidos seus problemas econômicos, sociais e tenha liberdade. Mas para que o povo tenha liberdade é preciso que ele seja dono de sua economia, de sua cultura. Na miséria não há liberdade: esta é a nossa filosofia.»

Concluindo, lembrou o ministro Hart Dávalos uma afirmação de Fidel Castro: «Não há nada mais importante do que uma criança.» Por isso é que pela primeira vez na história da República de Cuba o orçamento do Ministério da Educação é maior do que os orçamentos militares.

### Rodriguez: professores apoiam

Comentando esta última afirmação do ministro Hart Dávalos, o professor Leslie Rodriguez, presidente do sindicato dos professores cubanos, precisou: «Dos quatrocentos milhões de pesos do orçamento do governo revolucionário, cento e quatro milhões vão para a educação, isto é, mais de um quarto dos recursos do Estado se destinam a educar o povo. É dentro deste mesmo espírito que os professores cubanos estão incorporados à luta revolucionária, considerando que, na medida em que avança o processo da reforma agrária e as outras medidas do governo, o Ministério da Educação irá resolvendo todos os seus problemas, da mesma forma que foi resolvido o problema do desemprego.»

Observou o professor Leslie Rodriguez que com a construção de 10 mil salas de aula no campo e 5 mil nas cidades estará resolvido o problema do ensino primário, contando-se com todas as escolas necessárias.

«Estando o povo no poder, prosseguir, os professores dirigem o Ministério da Educação. O plano de reforma do ensino foi elaborado e discutido nas escolas no fim do ano passado.»



### Maratona cubana no Rio de Janeiro

O ministro da educação de Cuba, Armando Hart Dávalos, passou menos de um dia no Rio. Mas isto bastou para que fosse uma conferência para mais de duzentos professores, fosse eleito presidente honorário do Congresso Brasileiro dos Estudantes Secundários, recebesse uma homenagem no Instituto de Educação e desse entrevista à imprensa.

## Protesto

A notícia apareceu num vespertino e merece não apenas comentário mas protestos. Conta o jornal (não preciso dizer o nome, mas está na cara que é o reacionaríssimo) que a polícia política anota os endereços da correspondência vinda dos países comunistas. E diz que as «autoridades» da Divisão de polícia política e social estão preocupadas com o inusitado aumento de correspondência proveniente da Rússia, etc., etc. Não transcreverei a notícia que é longa e suja. Suja sim, porque demonstra que a tão decantada liberdade brasileira, a tão apregoadada democracia é feita de coisas assim: até a correspondência está sob controle.

E lá vêm as velhas fórmulas que de tão gastas tornam-se cada vez mais ridículas: «serviço secreto do Kremlin», «publicações perigosas à ordem pública brasileira», «espionagem e um bofajar reacionário e cretino. Pois que eu declaro logo que para mim é uma alegria imensa receber, como venho recebendo, revistas soviéticas, chinesas, tcheecas. Revistas, livros, coisas muito bonitas, como essa revista chinesa do Comércio Exterior, onde há de tudo o que a China hoje produz, inclusive reproduções maravilhosas de gravuras.

Isso de estar meu nome na lista não me impressiona nem perturba. Não será por isso que terei outro enfarte do miocárdio. Mas não considero direito, não aceito que esteja a polícia interessada em ver o que chega para mim dos países por onde andei há pouco, onde fiz amigos, países que me interessam profundamente. Ah! se a polícia política pudesse julgar a beleza dos livros infantis tcheecos e chineses. Como meus amigos da China e da Tchecoslováquia sabem o quanto me interessa pela literatura infantil, mandam-me livros que vão publicando e que são lindos, lindíssimos.

Mapas e o tal material de espionagem de que fala o vespertino não sei o que é. Não. Não nasci para Mata Hari nem recebo material dessa espécie. Ninguém me manda mapas. Mas se mandarem bem que eu vou gostar, porque gosto muito de viajar e quando não posso fazê-lo na realidade, faço de conta. Nada melhor para se viajar do que um mapa. E só ir correndo com o dedo, pulando rios, olhando cidades, isso tudo sem precisar sair de casa.

Mas a notícia não é para rir nem para chorar. Merece protestos, isso sim. E é o que aqui ora faço; que a polícia procure ladrões, assassinos, etc. Que saia dessa mania de não «resolver» nenhum crime e inventar asneiras. E deixe em paz a correspondência daqueles que têm a felicidade de ter amigos nas repúblicas socialistas. Afinal isto não está contra a nossa Constituição?



## Tópicos Típicos

A gente quer ver se deixa o Corção em paz, se dá umas fériaszinhas a ele, mas a cada semana que passa o homem aparece com uma novidade, exigindo registro nesta coluna. Dessa vez, no «Diário de Notícias» de 24-7-60, a sacra fúria do escriba se volta contra o entusiasmo buco de uma moçoada católica que se julga obrigada, pela imposição da moda, a seguir os figurinos intelectuais espalhados pelas chamadas esquerdas.

Para Corção — logo se vê — católico nacionalista não serve. Tem que ser entreguista. E, sendo entreguista e reacionário, não precisa nem ser católico.

Os escritores famosos que vieram convidados para o Congresso dos PEN Clubs têm prestado interessantes declarações. No «Jornal do Brasil» de sábado último, temos que Graham Greene, ao ser chamado «o maior romancista católico da atualidade», retrucou: «romancista, sim; católico por acidente». Salvador Madariaga, respondendo a «até quando Franco permanecerá no Poder?», disse: «Até quando os Estados Unidos quiserem.»

José Carlos de Oliveira, autor da seção «O Homem e a Fábula» (ou será «A Fábula e o Homem?»), após longa conversa com Mário Pedrosa (também «nhecido por chobina», de tão enrolado que é), no «Jornal do Brasil» de 23-7-60, tenta fazer a «execração de Macunaima», concluindo ser Mário de Andrade um «escritor sem vitalidade».

E o caso de perguntar se um escritor, para ser viril, precisa ostentar barbicha, que nem o Ze Carlos.

Antônio Olinto mantém, no «O Globo», uma seção chamada «A Crítica do Leitor», que visa quebrar o monólogo que uma seção literária possa manter, depois de algum tempo. Está a disposição de qualquer mediocridade que queira falar de livro brasileiro, de preferência recente, citando várias vezes o «brilhante» crítico A. O. «Advinhem o nome dele», como é o caso da crítica publicada em 19-7-60.

Observação: entre as mediocridades, será escolhida sempre a pior.



As agências telegráficas anunciam um rude golpe sofrido pela cultura em Cuba; foi publicada a declaração da revista «Seleções de Ruyter Digest». Fidel Castro é citado com o propósito de zelar pela higiene mental de seu povo.





### METALÚRGICOS APÓIAM CUBA

Milhares de trabalhadores das indústrias metalúrgicas e de material elétrico do Estado da Guanabara, reunidos na sede do seu Sindicato, na noite da última sexta-feira, deliberaram, por unanimidade, aprovar um vo-

to de solidariedade aos trabalhadores cubanos, e de protesto junto ao Governo brasileiro contra qualquer remessa de açúcar para os Estados Unidos, em substituição à co-

ta que os lanques deixaram de comprar a Cuba. Os metalúrgicos cariocas deixaram claro a sua disposição de participar de qualquer ato de apoio à revolução popular chefiada por Fidel Castro.

### OPERÁRIOS, ESTUDANTES, INTELCTUAIS :

# Não Podemos Trair Cuba

«Creio ser de grande oportunidade que os trabalhadores ergam sua voz e se mobilizem em protesto contra o envio de açúcar brasileiro para os Estados Unidos. Só agindo dessa maneira poderemos ser dignos da solidariedade das nações irmãs caso amanhã venhamos a sofrer o mesmo tratamento, em relação ao nosso café, que os Estados Unidos estão dando ao açúcar cubano.» Com essas palavras o presidente da Federação Nacional dos Portuários, Walter Meneses, ressaltou a importância da solidariedade dos operários brasileiros aos seus companheiros de Cuba. Disse ainda Walter Meneses que a Organização dos Estados Americanos não deve servir de campo para manobras contra a soberania de qualquer país, que tem o direito de escolher a sua própria política.

No mesmo sentido se pronunciou o presidente da Federação Nacional dos Estivadores, Oswaldo Pacheco, que faz a seguinte comparação: «Como aceitar, por exemplo, que os moínhos aqui instalados arroguem-se o direito de se negar a trabalhar com o trigo que os navios soviéticos estão desembarcando em Santos? A negativa não poderia ser aceita pelo governo brasileiro, do mesmo modo que o de Cuba não aceitou a negativa das empresas petrolíferas.»

Também o secretário e presidente em exercício da Federação Nacional dos Marítimos, Nelson Mendonça, depois de ressaltar que o Conselho de Representantes de sua entidade já se manifestou solidário aos trabalhadores e ao povo de Cuba, classificou a exportação de açúcar brasileiro para os Estados Unidos de traição contra um povo que luta por manter sua independência.

Walter Meneses, Oswaldo Pacheco e Nelson Mendonça, juntamente com Felipe Rodrigues, presidente da Federação Nacional dos Portuários, foram encarregados por suas entidades para elaborar um manifesto de solidariedade aos trabalhadores cubanos.

### Mobilização no Paraná

A exemplo do que aconteceu em São Paulo, Santos e Campinas, ao tomarem conhecimento da disposição dos produtores de açúcar do Brasil a exportarem 300 mil toneladas para os EUA, a Federação dos Trabalhadores na Indústria do Paraná enviou telegrama de protesto ao presidente da República.

A iniciativa da Federação tem sido amplamente apoiada pelos tra-

balhadores paranaenses, destacando-se as manifestações dos dirigentes sindicais Jacomo Brunetti, presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas de Curitiba; Oto Bracarense da Costa, vice-presidente da Federação dos Bancários do Paraná; Nascimento Marcellio Pereira, secretário do Sindicato dos Trabalhadores em Construção Civil do Paraná; Miguel Krug, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos; Moacir Neves, secretário do Sindicato dos Marceneiros de Curitiba; Aldo Costa Pereira, delegado em Curitiba do Sindicato Nacional dos Aeronautas; Marina Martins, presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Fiação e Tecelagem do Paraná, e João Batista Filho, tesoureiro do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários do Paraná.

Além dessas manifestações, grande número de personalidades e representantes de todas as camadas sociais do Paraná, especialmente de Londrina, manifestaram sua mais irrestrita solidariedade à revolução cubana. A embaixada de Cuba no Rio recebeu inúmeras cartas com centenas de assinaturas de industriais, comerciantes, médicos, engenheiros, funcionários, estudantes, operários e donas de casa.

### Câmaras municipais

Várias câmaras municipais brasileiras, considerando as ameaças feitas contra o povo cubano, aprovaram moções de condenação ao governo dos Estados Unidos, de solidariedade ao governo revolucionário de Fidel Castro e exigindo que o governo brasileiro se coloque ao lado de Cuba. Entre estas manifestações podemos citar as de Volta Redonda, Rio Bonito, no E. do Rio, e Valença, na Bahia, e de 15 vereadores da Câmara municipal de Porto Alegre.

Também de Porto Alegre, a embaixada cubana recebeu um telegrama de solidariedade da Intersindical dos Segurados da CAPFESP, entidade que congrega os Sindicatos dos Trabalhadores em Energia Elétrica, Carris Urbanos, Companhia Telefônica, e as entidades representativas dos ferroviários, aeroviários e aeronautas do Rio Grande do Sul.

### Operários de Campinas

O Plenário Sindical de Campinas, entidade que reúne todos os sindicatos e associações dos trabalhadores de Campinas, apoiou o movimento de solidariedade a Cuba já iniciado em São Paulo, enviando no-

tas de protesto ao Instituto do Açúcar e do Alcool pela disposição manifestada por esse órgão e pelos usineiros de exportar açúcar para os EUA, ao Presidente da República e ao Itamarati, no sentido de que o Brasil apoie a luta do povo cubano, e à Confederação dos Trabalhadores de Cuba dando conta da solidariedade dos trabalhadores brasileiros à sua luta.

### Juristas democráticos

A Associação Brasileira dos Juristas Democráticos, por intermédio de seu presidente, desembargador Henrique Flahio, dirigiu a todos os juristas das Américas uma proclamação em que apela para o sentimento democrático dos juristas no sentido de defender Cuba. «Os juristas de todo o Continente poderão impedir que a agressão econômica contra Cuba evolua para a agressão militar, que poderia conduzir à guerra mundial. Defendendo Cuba, estaremos defendendo a paz mundial e nossa própria sobrevivência. Conclamamos os juristas de nosso Continente a que, nas cátedras universitárias, nas conferências, na imprensa, na tribuna, nos meios estudantis, de intelectuais e de trabalhadores, levantem com vigor a bandeira da independência de Cuba, de sua autodeterminação.»

### Kruschiov viria à A. Latina

Anuncia-se extra-oficialmente que o Presidente do Conselho de Ministros da União Soviética, Nikita Serguêievitch Kruschiov, visitaria o México em setembro deste ano, presidindo a delegação de seu país nas comemorações do 150º aniversário da independência mexicana. A ser verdadeira a notícia, Kruschiov estenderia a visita que deverá fazer a Cuba, em agosto ou setembro, ao México e, talvez, a outras repúblicas latino-americanas.

Para aqueles que afirmam que a guerra fria já criou raízes profundas em nosso continente, a visita do governante soviético apresenta uma ótima oportunidade de contribuir para pôr fim a esta situação anormal nas relações internacionais. Para os povos da América Latina, especialmente os que receberam a visita de Kruschiov, ela representa a possibilidade de estreitar os laços de amizade e compreensão recíproca.

# 26 DE JULHO: SUA HISTÓRIA

Reportagem de CESAR LEANTE  
Serviço Especial de PRENSA LATINA  
Exclusivo para NOVOS RUMOS

O Palácio de Justiça de Santiago de Cuba, capital da província de Oriente, fervia como um formigueiro. Dezenas de soldados, armados, guardavam as portas da Sala do Tribunal de Urgência, onde estava sendo realizado um dos mais célebres processos da história de Cuba. Os acusados, sentados em bancos compridos, vestindo uniformes de prisioneiros, permaneciam quietos e atentos. 6 de outubro de 1953.

A bancada dos advogados de defesa também estava repleta: mais de vinte advogados, com suas togas negras, silenciosos e atentos. No fundo do salão, contra um painel de madeira envernizada, estava a mesa do Tribunal. Atrás, sérios e graves, os três juizes que o compunham.

Todos os olhares estavam dirigidos para um só ponto: aquele em que se encontrava diante do Tribunal um jovem de uns 26 anos, alto, robusto, cabelos ondulados, sobrancelhas espessas e nariz afilado. Vestia um terno de casemira azul escuro que o fazia suar copiosamente. Sua voz era a única escutada. Há mais de três horas que estava falando. Era o principal acusado. E como era também advogado fazia sua própria defesa. Magistrados, defensores, acusados e soldados haviam ouvido seu extenso relatório que era mais uma declaração doutrinária.

Agora a exposição chegava ao fim. O jovem advogado parecia exausto. Seu rosto estava pálido. Mas seus olhos brilhavam como se estivesse febril. Fez uma pausa e voltou-se para o Tribunal:

— Quanto a mim, sei que a prisão será dura como não foi ainda para ninguém, cheia de ameaças, de ruim e covarde ensinamento. Porém não a temo, como não temo a fúria do tirano miserável que arrancou a vida de meus setenta irmãos. Condenem-me, não me importa, a história me absolverá.

Era Fidel Castro que estava sendo julgado pelo assalto ao quartel Moncada em 26 de julho de 1953.

### Nasce o 26 de julho

Tudo havia começado muitos meses atrás. Por motivo do golpe de estado de 10 de março de 1952, Fidel Castro havia apresentado diante dos tribunais um escrito denunciando a ilegalidade do regime de Batista e pedindo para seus autores a pena que impunha o Código de Defesa Social. Sua denúncia não foi sequer considerada.

Fidel Castro compreendeu então que as vias legais para devolver Cuba à normalidade estavam barreadas e que o único caminho para derrubar a ditadura era o da insurreição armada. Com aquele pensamento dirigiu-se para Artemisa, pequeno povoado da província de Pinar del Rio, onde existia um grupo de jovens rebeldes seguidores da linha política do extinto Eduardo Chibás, a quem expôs seus planos. Aquêles jovens logo deram seu apoio, surgindo assim a primeira célula do movimento revolucionário que, depois, se chamaria 26 de Julho.

Em Havana funcionava uma pequena organização de contadores públicos, também de filiação política ortodoxa, cujos integrantes se reuniam em um edifício da rua 26, no Vedado, e sonhavam com uma revolução. Era encabeçado por Abel Santamaría. Fidel Castro entrou em contato com ele, explicou-lhe seus propósitos. A pequena organização de contadores decidiu participar do movimento revolucionário.

Os fundos para a compra de armas foram arrecadados entre os componentes da recém criada organização. Um dos dirigentes, Jesús Montané, deu 4.000 pesos (dólares), produto da gratificação que recebera da General Motors, onde trabalhava, ao liquidar esta companhia seus negócios em Cuba; outro, Oscar Alcalde, hipotecou seu laboratório em 3.600 pesos; Renato Guitard deu 1.000; Pedro Marrero vendeu os móveis de sua casa; Fernando Chenard seu estúdio fotográfico; Elpidio Sosa o local onde trabalhava e Ernesto Tizol, dono de uma

propriedade nos arredores de Santiago de Cuba, colocou-a à disposição da revolução. Assim conseguiram reunir 16.480 pesos. Com esse dinheiro compraram armas e equipamentos para atacar o quartel de Moncada.

A direção do movimento estava a cargo de 10 membros, porém o que pretendiam fazer, isto é, o assalto ao quartel Moncada, só sabiam quatro pessoas: Fidel Castro, Abel Santamaría, Ernesto Tizol e Martínez Ararás. Eram os integrantes da direção militar.

### Este movimento triunfará

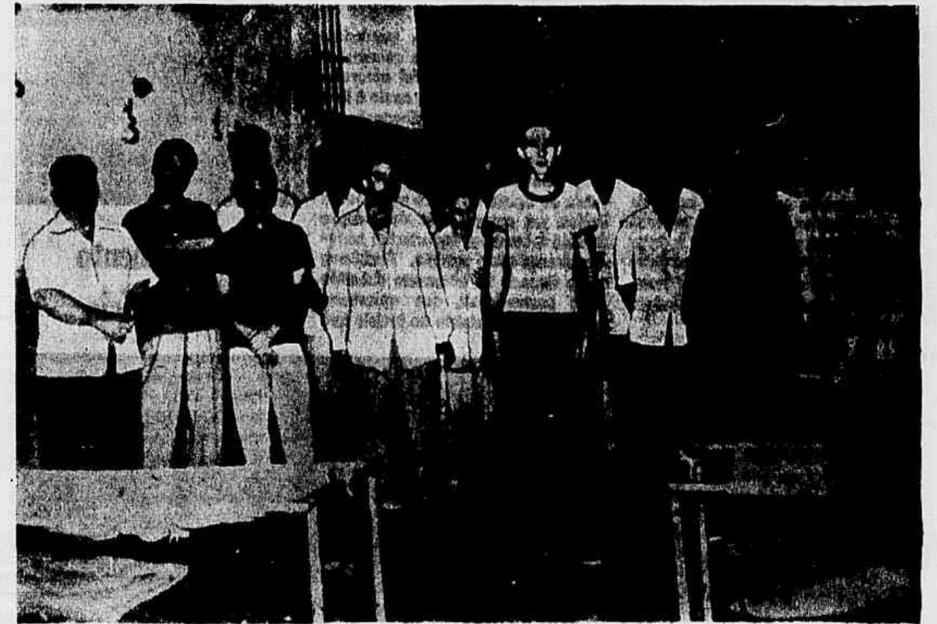
Quando os componentes da organização estavam treinados militarmente, Fidel Castro ordenou a Ernesto Tizol em abril de 1953, que se mudassem para Santiago de Cuba e alugasse, nos arredores da cidade, uma propriedade onde estabeleceriam uma suposta granja de frangos. Tizol estabeleceu-se na estrada que conduz à praia Siboney, a uns quinze minutos de Santiago. Incubadoras e gaiolas ficaram colocadas em lugares visíveis desde a estrada.

Caixas com alimentos para aves e outros acessórios começaram a chegar à granja. Entretanto, elas continham algo muito diferente: armas. Estas armas eram escondidas em um poço.

Em julho a capital da província de Oriente se preparava para celebrar suas festas de carnaval. Era o momento que aguardavam os revolucionários para voltarem a Santiago. Confundidos com os visitantes que todos os anos vão a essa cidade para participar dos festejos carnavalescos, sua chegada não levantaria suspeitas.

Duzentos homens partiram de Havana a 24 de julho. Uns de trem, outros de ônibus, e o resto em uma caravana de 16 automóveis. Chegaram a Santiago em 25 e foram hospedados na granja avícola da estrada Siboney.

(Continua)



### Raul Castro entre os presos

Raul Castro (em primeiro plano) chefiou um dos grupos que assaltou o quartel de Moncada e foi preso pelos policiais da ditadura de Batista, como mostra a foto histórica, tirada logo depois do 26 de julho de 1953. Batista mandou assassinar quase a metade dos companheiros de Fidel Castro no ataque, mas não conseguiu esmagar o movimento.

### Nota Internacional

Continua se desenvolvendo a guerra travada contra a jovem república independente do Congo pelo Consórcio Internacional União Mineira do Alto Katanga, que reúne os interesses dos trustes Sociedade Geral da Bélgica, Concessões de Tanganika (Ingles), Morgan e Rockefeller (dos EUA) e vários grupos da Alemanha Ocidental. A luta da União Mineira, que se desenvolve em vários planos, desde a intervenção direta do exército belga às manobras na ONU e em algumas províncias do Congo, tem por objetivo fundamental abocanhar a Katanga.

### Os Trustes e o Congo

Para se ter uma idéia do poderio desses interesses, basta que se diga que eles controlam, somente com a produção do Congo, cerca de 10% da produção de cobre, 60% da de cobalto e entre 25% e 50% da de urânio do mundo capitalista. Além disso, a União Mineira possui mais de 13 mil quilômetros quadrados de propriedades, isto é, mais de um sétimo da superfície total do Congo. Depois de explorar o país durante várias décadas, o grande consórcio internacional começou a temer por seu destino e resolveu travar uma guerra preventiva.

Fausto Cupertino

**NOVOS RUMOS**

Diretor — Mário Alves  
Gerente — Guttemberg Cavalcanti  
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.  
Secretário — Fragmoa Borges

**REDATORES**  
Almir Matos, Rui Facó, Paulo Mota Lima, Maria da Graça, Luis Ghilardini.

**MATRIZ**  
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1712 — Tel: 43-7844  
Gerência: Av. Rio Branco, 267, 9º andar S/906

**SUCURSAL DE S. PAULO**  
Rua José Bonifácio, 29 — 10º andar — S/ 103  
Tel: 37-52 64  
Enderço telegráfico — «NOVOSEUMOS»

**ASSINATURAS**  
Anual ..... Cr\$ 250,00  
Semestral ..... > 130,00  
Trimestral ..... > 70,00

Aérea anual, mais Cr\$ 100,00; semestral, Cr\$ 50,00; trimestral, Cr\$ 30,00.  
Número avulso ..... Cr\$ 5,00  
Número atrasado ..... > 8,00

COMITÊS NACIONALISTAS LOTT-JANGO NO ESTADO DO RIO

# Convenção: 600 Delegados 30 Municípios

Sábado e domingo últimos em Niterói, a atenção da cidade foi centralizada nos nacionalistas. Desde as manchetes dos jornais locais, até as conversas de rua, a 1ª Convenção dos Comitês Nacionalistas Lott-Jango do Estado do Rio, que ali se realizava, era o tema obrigatório e constante. Na sede da Assembléia Legislativa, cedida para o conclave, reuniram-se durante os dois dias da Convenção nada menos do que seiscentos delegados, operários, camponeses, médicos, advogados, militares, vereadores, deputados, vindos de trinta municípios do Estado, para trocar e balancear a experiência de trabalho de mais de uma centena de comitês nacionalistas, e também elaborar o programa de frente única nacional e democrática dos nacionalistas do Estado do Rio.

O êxito da Convenção não esteve apenas no número das delegações, mas também na sua composição. A delegação de Campos, por exemplo, foi encabeçada pelo próprio prefeito da cidade, sr. José Alves. Com a delegação de Rezende foi um dos oficiais de prestígio do Exército, o general Sousa Lobo. O deputado federal Jonas Bahiense, os deputados estaduais coronel Altineu Côrtes Pires, Nelson Rocha, Doso Coimbra e José Maria Ribeiro, eram outros delegados à Convenção, bem como numerosos oficiais graduados das Forças Armadas, líderes sindicais, operários e camponeses e muitos outros representantes populares, além do representante oficial e irmão do governador Roberto Silveira, sr. Badgé Silveira.

Quase todas as classes e camadas da população estavam representadas na Convenção dos nacionalistas fluminenses. Se nas delegações de Volta Redonda (com três vereadores) e Nova Iguaçu predominavam os operários de fábrica, a delegação de Rio das Ostras (Casimiro de Abreu) foi composta exclusivamente de camponeses, que naquele distante município formaram, com os próprios recursos, o seu Comitê Lott-Jango; e a delegação de Rezende, em outro exemplo, foi composta de militares.

Durante as sessões, na Assembléia Legislativa, os convencionais debateram ao longo de mais de dez horas os problemas políticos e econômicos do país, e a atmosfera de entusiasmo e calor patriótico nunca cedeu ao cansaço ou à aridez dos problemas. Como as refeições coletivas eram feitas no Estádio Caio Martins, cedido pelo governo do Estado (ali também foram instalados os dormitórios para todas as delegações) as discussões se prolongavam, às vezes acaloradas, fora também da Convenção.

## Apoio católico

Um dos fatos mais comentados pelos convencionais, que revela o caráter amplo assumido pela frente nacionalista no Estado do Rio, foi a carta que, a propósito da Convenção, o chefe da paróquia católica de Valença enviou a d. Edna Lott, patrona dos comitês nacionalistas. Eis a carta do padre D. José de Albuquerque e d. Edna:

«Exma. sra. professora Edna Lott. Cordiais saudações. Denodados e esforçados amigos da imprensa valenciana e membros do Comitê Municipal (nacionalista) desta cidade comunicam-me que em Niterói haverá Convenção dos comitês nacionalistas do Estado do Rio de Janeiro em prol das candidaturas populares do marechal Henrique Lott e do dr. João Goulart.

«Notícia auspiciosa como esta por um movimento que trabalha feverosamente para que venham governar o Brasil os continuadores das metas do grande presidente da República Juscelino Kubitschek enche-me de entusiasmo e peço a Deus que ilumine a todos os convencionais para que das reuniões saiam normas decisivas para a vitória em 3 de outubro próximo.

«Que sejam 23 e 24 do corrente dias de verdadeira unidade de todas as forças para a arrancada final que conduzirá os candidatos do povo ao Palácio da Alvorada.

«Ainda recordando a honrosa visita que fez a esta nossa Paróquia que tanto edificou com as suas longas e fervorosas preces, amigo in Domino, pe. José de Albuquerque».

## As resoluções

A necessidade da participação das direções partidárias na campanha pela vitória de Lott e Jango e os problemas econômicos da luta pela emancipação nacional foram os temas dominantes nas resoluções da Convenção. O governador Roberto Silveira, em particular, foi objeto de apelo, aprovado pelos convencionais, no sentido de que participe mais ativamente na campanha nacionalista para a vitória em 3 de outubro.

Outro problema sentido, nos trabalhos e nas resoluções da convenção, foi a questão cubana. Foi aprovada uma resolução vigorosa de apoio à luta do povo cubano por sua libertação do imperialismo yanque, e contra a intervenção dos Estados Unidos naquele país, bem como contra a propalada venda de açúcar brasileiro aos Estados Unidos, em consequência da redução da cota cubana nas importações norte-americanas deste produto. Também o «caso Hanna» foi vivamente debatido pelos convencionais, que aprovaram uma resolução contrária ao projeto que

dá àquele truste um poder de monopólio na produção e na exportação brasileira de minério de ferro, e em favor do reforçamento da Companhia estatal do Vale do Rio Doce.

A revogação do Artigo 58 do Código Eleitoral, a legalidade para o Partido Comunista, a imediata aprovação da lei estabelecendo o direito de greve, a encampação da Companhia Brasileira de Energia Elétrica (Bond and Share), que opera no Estado do Rio, o estabelecimento de relações comerciais e diplomáticas com todos os povos do mundo, a realização da reforma agrária, o controle das remessas de lucros das empresas estrangeiras, e a adoção de uma política de combate à carestia de vida foram outras reivindicações consagradas nas resoluções da Convenção, que também previram uma vitória «magadora da chapa Lott-Jango no Estado do Rio, por uma margem superior a 250 mil votos.

## A passeata

A sessão de encerramento da Convenção já começara na Assembléia Legislativa, na noite de domingo, quando um movimento irresistível surgiu na massa de convencionais, em favor de que o conclave fosse encerrado por uma grande passeata, através da avenida Amaral Peixoto, até a praça da Estação das Barcas, onde se realizaria um comício. «Vamos para rua», gritavam os presentes, em coro, e logo a

idéia foi adotada, suspendendo-se a sessão.

Com d. Edna Lott à frente, realizou-se então uma entusiástica passeata, à qual aderiram centenas de populares que estavam nas proximidades da superlotada Assembléia. No Comício, logo depois, a multidão exultante continuou engrossando, com a adesão maciça de populares que desciam das barcas, vindos do Rio. Falaram então d. Edna Lott e o sr. Plínio Barreira, presidente do Comitê Estadual dos nacionalistas fluminenses, além de outros aplaudidos oradores, que encerraram a Convenção, exprimindo unânimemente a convicção, diante do êxito do conclave, de que é certa a vitória das candidaturas nacionalistas e populares de Lott e Jango, em 3 de outubro, no Estado do Rio e em todo o país.

## A diretoria

Durante a Convenção foi também eleita a nova Comissão Executiva do Comitê Estadual do Movimento Nacionalista Lott-Jango do Estado do Rio. Entre dezenas de personalidades representativas do povo fluminense, foram eleitos para a Comissão: o general Sousa Lobo, o deputado Jonas Bahiense, o sr. Plínio Barreira, o sr. Nelson Alves de Sousa, a sra. Alzira Silveira, o dirigente sindical Gabriel Alves, os coronéis Altineu e Gumerindo Pinto e o deputado estadual José Maria Ribeiro.



## Prêmio a uma firme combatente

A palavra firme e patriótica de D. Edna Lott empolgou os nacionalistas fluminenses. Ela, recebendo a «espadilha» com que a Convenção decidiu «condecorá-la»



## O encerramento foi um comício

A sessão de encerramento da Convenção já havia sido instalada quando os delegados exigiram: «Vamos para a rua!» E o conclave foi então encerrado por um comício na praça da Estação das Barcas, depois de uma entusiástica passeata, encabeçada por D. Edna Lott, ao longo de toda a Avenida Amaral Peixoto, com a participação dos 600 convencionais e mais centenas de populares, que não conseguiram entrar na Assembléia Legislativa, superlotada. O entusiasmo e a convicção da vitória próxima marcaram a Convenção dos nacionalistas fluminenses.



## Uma frente única de todos os nacionalistas

Oficiais do Exército, deputados, vereadores, dirigentes sindicais operários e camponeses, representantes de associações liberais e simples trabalhadores, estudantes e donas-de-casa: tal era a composição das delegações à 1ª. Convenção dos Comitês Nacionalistas Lott-Jango do Estado do Rio. Durante os dois dias da Convenção, o entusiasmo e o calor nacionalista que caracterizaram os seus trabalhos dominaram a vida da Capital fluminense. (Na foto, um aspecto da mesa da Presidência, com D. Edna Lott, os Srs. Plínio Barreira e Nelson Alves, e o Sr. Badgé Silveira, representante do Governador do Estado)

# NOVOS RUMOS

## O Sonho Dos Subúrbios

Para conhecer uma cidade, as suas distâncias, os seus problemas, os seus sonhos abrigados nas casas, junto com as famílias, é preciso conversar com as mães, com as donas-de-casa. Elas têm, melhor do que os demais, o conhecimento exato das pequenas necessidades de cada dia e das grandes necessidades do bairro em que moram, em que criam os filhos. Elas medem e avallam essas necessidades através das queixas das vizinhas, do comportamento das crianças, dos comentários do povo. Têm mil afazeres, mil preocupações, mil dificuldades, mas no instante em que chegam à janela para espiar a rua guardam todas as lembranças e alcançam os limites onde as crianças perambulam, pelas horas vazias. E' o instante do sonho.

Na zona norte, nos subúrbios, as praças são nuas, miseravelmente nuas, queimadas de sol, sem um canteiro, sem uma flor, sem uma árvore, sem um banco, sem um brinquedo. E as mães comentam:

— Custaria tão pouco um jardim para as crianças! Sim, custaria muito pouco arrumar um canteiro, plantar uma árvore, cultivar uma flor, colocar um banco, instalar um balanço... Mas apesar de custar tão pouco as crianças são abandonadas nas esquinas, nas ruas sem calçamentos, nos terrenos baldios. E as mães explicam que é impossível prendê-las nas casas e nos apartamentos pequenos, sem conforto. Já não se fala daquelas crianças sem família, sem escola, mas das que conseguem matrícula num pequeno expediente escolar, que não atende às suas necessidades de ocupação. Não têm um livro para ler. Já é difícil aos pais comprarem livros didáticos. Seria impossível comprarem livros de histórias. Não existe nos subúrbios uma escola do governo que aproveite as tendências, as aptidões artísticas das crianças. Não há um teatro infantil. Nem um feirinho de fantoches. Nada. Tudo é difícil. Tudo está a longe. A cidade é grande e as distâncias custam dinheiro. As crianças dos subúrbios não têm uma folha de papel para desenhar. Nem um instrumento para tirar um som. Nem um livro para ler. Nem uma praça arborizada. O tempo na escola é curtíssimo. O tempo fora da escola é longo e sem nenhuma ocupação sadia. E as mães de todas as camadas sociais se preocupam com esse desperdício de tempo. E reagem, apesar dos mil afazeres, das mil preocupações, das mil dificuldades. E encontramos em todos os bairros um clubezinho, um local de encontro, uma sociedade de amigos do bairro, uma associação pró-melhoramentos, numa afirmação da sensibilidade do povo, que busca uma forma de solução para aqueles problemas da rua, do bairro, de todas as famílias. Infelizmente, não têm a menor ajuda dos poderes públicos. Sabe-se que existe quase uma centena de artistas plásticos recebendo bons ordenados dos cofres estaduais. E as mães perguntam:

— Eles não poderiam vir só algumas horas por semana ensinar aos nossos filhos?

Sabe-se que existe no orçamento do Estado uma verba de quinhentos milhões de cruzelros para a instalação de bibliotecas populares. E as mães indagam:

— Um pouco desse dinheiro não poderia ser empregado na aquisição de livros infantis, para os nossos filhos?

E' o instante do sonho de todas as mães nesta grande cidade, nos subúrbios distantes, nas praças nuas, miseravelmente nuas, queimadas de sol, sem um canteiro, sem uma flor, sem uma árvore, sem um banco, sem um brinquedo, onde as crianças desperdiçam o tempo, a inteligência, a alegria de viver.

Ana Montenegro

# Reforma Agrária Precisa de Campanha Como Abolição e Petróleo

Num dia já fixado, mas não, obviamente, revelado, os camponeses de determinada cidade de Pernambuco deixarão de comparecer à feira levando os gêneros habituais da semana. Esta original forma de luta será posta brevemente em prática, por iniciativa de uma certa Liga Camponesa, como protesto dos trabalhadores do campo contra a permanência de determinada autoridade atrabiliária que toma sistematicamente o lado dos latifundiários contra os camponeses. Tal foi a revelação feita pelo deputado Francisco Julião, líder das Ligas Camponesas de Pernambuco, em conferência pronunciada no auditório da ABI, sob o patrocínio do Centro de Estudo e Defesa do Petróleo, na semana passada.

Acrescentou o líder dos camponeses pernambucanos que, da mesma forma como sucede nas greves operárias, também na greve dos camponeses piquetes de grevistas serão postos nos caminhos e estradas para evitar que o movimento seja furado.

## 5 anos de experiências

Durante sua palestra, o deputado Francisco Julião expôs aos presentes, de uma forma viva, ilustrando com expressivos exemplos, o que tem sido a atividade das Ligas Camponesas, nos seus cinco anos de existência, para arregimentar, esclarecer e incorporar à luta pelos seus direitos, as massas espoliadas de milhares de trabalhadores do campo. Uma séria dificuldade nesse sentido, disse Julião, é a natural desconfiança do camponês, resultante de 400 anos de opressão e falta de direitos. Para vencer essa dificuldade, o deputado Francisco Julião explicou que frequentemente tem que recorrer à leitura de textos bíblicos, mostrando o contraste completo entre o modo como vivem e procedem os latifundiários e senhores de engenho e aquilo que pregam os textos religiosos do cristianismo.

## Caminho da reforma agrária

Depois da exposição feita pelo conferencista, foi-lhe apresentada pergunta sobre se já houve no Brasil alguma tentativa de elaboração de uma

lei de reforma agrária. Respondendo, disse Julião que projetos de lei é que não têm faltado. Mais de 200 dêes dormem no Congresso, «tados muito bonitos e sábios, mas nenhum será aprovado enquanto as assembléias de representantes do povo forem compostas de pelo menos 70 por cento de latifundiários ou seus representantes».

Afirmou, então, que a única maneira de modificar-se a composição das assembléias será a extensão do direito de voto aos analfabetos e assim, segundo o orador, estará aberto o caminho para a realização da reforma agrária sem comações mais violentas. Também considerou útil a sugestão apresentada por Caio Prado Júnior no sentido de uma taxaço progressiva da propriedade rural, mas definiu como

visando fins puramente eleitorais o projeto do governador Carvalho Pinto.

## Campanha como as maiores

Acha o deputado Julião que é chegada o momento de ser desencadeada no país uma campanha pela reforma agrária tão ampla como o foram as campanhas pela Abolição, a República e a Defesa do Petróleo. Lançada uma campanha nesses moldes, mesmo com o atual Código Civil, atrasado e reacionário, será possível dar-se importantes passos no caminho da reforma agrária. E aqui o deputado Julião convocou diretamente para a luta os seus colegas advogados que poderão desempenhar uma missão revolucionária simplesmente com a deslo-

cação dos litígios entre camponeses e latifundiários do âmbito da jurisdição e do atribuição delegado de polícia, para os tribunais do país.

## Divulgação

Por fim, afirmou que na presente fase de divulgação da atividade e até da existência das Ligas Camponesas — em face do elevado grau de analfabetismo — um meio que tem dado excelentes resultados são os desafios de cantadores populares. No interior de Pernambuco, disse, é hoje frequente a realização de desafios tendo como tema a reforma agrária e nos quais um dos cantadores representa o camponês e o outro o latifundiário. Não é preciso dizer ao lado de quem fica a simpatia do auditório...

# Violência Policial Não Resolve Mais na Luta Camponesa

RECIFE, julho (Do correspondente) -- Com um jantar, ao qual compareceram numerosos líderes camponeses, vindos de todo o Estado, e um comício em praça pública, as forças populares de Pernambuco homenagearam, no último dia 3, em Jaboatão, o dirigente da Liga Camponesa desta cidade, Joaquim Camillo Santana, vítima de uma farsa policial, que resultou na sua prisão e maltrato, pela polícia do governador janista Cid Sampaio, durante treze dias.

Grande massa de camponeses e operários compareceu ao comício, realizado na Praça Dantas Barreto, uma das principais de Jaboatão. Tomaram a palavra o deputado Francisco Julião, o dr. José Fagundes de Menezes, vice-prefeito de Jaboatão e advogado das Ligas Camponesas de Pernambuco, o líder proletário José Reis, em nome dos comunistas, o dirigente da Liga Camponesa de Pau d'Alho, Amaro Silva, e vários outros oradores. Todos exaltaram a bravura de Joaquim Ca-

millo, que resistiu ativamente à arbitrariedade policial, e condenaram veementemente a política de provocações adotada pelo governo do sr. Cid Sampaio, depois que este governador resolveu associar-se aos latifundiários na campanha pela candidatura de Jânio Quadros.

A provocação de que foi vítima Joaquim Camillo é, aliás, um exemplo expressivo dessa política janista e reacionária do sr. Cid Sampaio. O líder camponês foi preso após uma sinistra comédia encenada pela polícia do governo, que fez anunciar uma suposta «invasão» do engenho de Manassu, em Jaboatão, como pretexto para ocupar militarmente o engenho e colocar seus fuzis a serviço do latifundiário Nilcéus Gusmão — proprietário do engenho — para cometer toda sorte de violências contra os camponeses e, em particular, contra a Liga Camponesa de Jaboatão. Uma delas visou a Joaquim Camillo, preso «em flagrante delito de porte de armas», porque trazia consigo o seu instrumento de trabalho, a foice.

Libertado por um «habeas-corpus» do Juiz local, dr. Marinho dos Santos, que se negou a ser cúmplice da violência policial, Joaquim Camillo pôde comparecer pessoalmente à homenagem que lhe era prestada, e falar à multidão presente ao comício, comunicando-lhe a sua confiança na propagação e no aprofundamento da justa luta dos camponeses de Pernambuco.



## Julião falou: Reforma agrária

Uma campanha empolgante como o foram as da Abolição, da República e do Petróleo ajudará a avançar a ideia da Reforma Agrária, disse na ABI o deputado Francisco Julião (na foto) a um auditório que o ouviu com grande atenção.

# NOVOS RUMOS

ANO II

Rio de Janeiro, semana de 29 de julho a 4 de agosto

Nº 74



## Violência policial foi respondida

Um grande comício, na praça principal de Jaboatão, e um jantar, ao qual compareceu uma centena de convidados, foram os dois momentos centrais da festa de união e solidariedade que os líderes camponeses e o povo de Pernambuco ofereceram a Joaquim Camillo. A violência policial teve a resposta que merece, e a luta das Ligas Camponesas saiu mais forte, e mais unida. (Na foto, Joaquim Camillo, ao centro da mesa, ladeado por Julião, líderes camponeses, advogados, médicos, representantes sindicais e operários que se associaram à homenagem a Camillo)

# Ligas Criam Raízes Também na Paraíba

JOÃO PESSOA, julho (Do correspondente) — O movimento das Ligas Camponesas, que continua se alastrando em todo o Nordeste, lançou raízes na Paraíba, com a fundação da Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé. No dia mesmo da sua fundação, 19 de junho, a Associação já havia recebido a adesão formal de 800 camponeses, e contava com o apoio declarado de mais de dois mil lavradores e trabalhadores agrícolas do município, que compareceram à festa e participaram da passeata realizada na cidade, em regozijo pela instalação da «liga».

Sapé é um dos mais ricos e maiores municípios da zona açucareira da Paraíba. Cinco famílias de grandes latifundiários são praticamente donos do município; três delas (Ribeiro Coutinho, Marinho Falcão e Marajá) têm quase metade de todas as terras. Seu ódio aos camponeses é tão feroz que mesmo o delegado de polícia da cidade, tenente Severino Lins de Albuquerque, já mais de uma vez entrou em choque com ele, colocando-se ao lado de camponeses espoliados e perseguidos, com a cumplicidade da Justiça, pelos donos da terra.

Não constitui por isso surpresa que os camponeses de Sapé tenham acorrido em tão grande número, e com

grande entusiasmo, à fundação da sua «liga». Sua causa é tão justa que — como alguns pequenos proprietários locais se colocam a seu lado; um dos mais entusiastas do movimento é proprietário de um pequeno engenho, e também pequeno fazendeiro, o sr. Ramiro Fernandes.

Por causa mesmo da sua solidariedade para com os camponeses de Sapé, o sr. Ramiro Fernandes tornou-se o centro de um rumoroso episódio, que causou sensação na imprensa e na opinião pública da Paraíba. Nas vésperas da inauguração da «liga», o sr. Ramiro Fernandes recebeu um repete de outro proprietário de terras — mas, este, grande latifundiário — em Sapé, sr. Marinho Falcão; em declaração à imprensa, disse este último que, se o sr. Fernandes era de fato a favor dos camponeses, que lhes desse as suas terras: ele se comprometia a entregar aos camponeses exatamente a mesma quantidade de terras.

Na inauguração da «liga» em Sapé este episódio, que revela o auge da luta camponesa no Nordeste, era vivamente comentado, sobretudo porque o sr. Ramiro Fernandes estava presente na festa. Também estava presente, vindo especialmente do Recife, o deputado Francisco Julião, e foi o maior inspirador e organizador da «liga» de Sapé, ao lado do dr. Joaquim Ferreira, da Faculdade de Direito de João Pessoa e Presidente do Movimento Nacionalista nesta cidade; e que será o Assistente Jurídico da Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé.

# Marinha Denuncia: Ianques Pescam em Águas Turvas

Reportagem de ANIBAL BONAVIDES  
(Correspondente de NR no Ceará) — Via Varig

O norte-americano Mr. David Morgan desde há muitos anos explora a pesca de lagosta ao largo do litoral cearense.

Sua atividade, entretanto, sempre foi legal, pois sendo ele um estrangeiro, não pode, de acordo com a lei brasileira, explorar a pesca, o que é privativo de nacionais.

O DEMOCRATA, grande jornal que durante onze anos defendeu os interesses do povo alencarino, moveu vigorosa campanha contra as atividades perniciosas de Mr. Morgan, denunciando o caráter clandestino e insidioso de sua organização comercial. Entretanto, apesar da repercussão alcançada pelas denúncias, o Governo fez ouvidos de mercador, permitindo que o americano continuasse impunemente na exploração ilegal da pesca.

Avançando em seus negócios, Mr. Morgan conseguiu depois, em caráter excepcional, permissão para que trouxesse par o Brasil 15 barcos destinados à pesca e 5 barcos frigoríficos. Com essa concessão especial, fruto da mentalidade entreguista dominante em certos setores da pública administração, Morgan logrou assinar contrato na

Divisão de Caça e Pesca, no Rio de Janeiro, desta vez já com autorização do Governo Federal.

Segundo os termos do referido contrato, Morgan estava obrigado: a) a nacionalizar as embarcações, após a permanência das mesmas, durante dois anos, em atividades nas costas brasileiras; b) a que a pesca realizada por esses barcos, sob bandeira estrangeira, fosse distribuída nos centros consumidores do país, só se exportando o pescado oriundo de tais barcos que fosse excedente do consumo nacional; c) a entrega de cartas das costas em que esses barcos operassem, às autoridades brasileiras. Além dessas cláusulas, havia outras, todas elas referentes à obediência devida pelo americano às leis brasileiras.

Acontece que, apesar de ter contado com a benevolência absurda do governo brasileiro, Mr. Morgan nunca cumpriu as cláusulas do contrato. Dos 15 barcos, vieram dois: o «Albatroz», sob bandeira argentina, e o «Rosamãe», sob bandeira ianque. Ambas as embarcações acham-se paradas, no momento, quase transformadas em sucata. Nenhuma delas foi até hoje nacio-

nalizada, conforme mandava o contrato.

## Intervém a Capitania dos Portos

O desinteresse manifestado pelo americano quanto ao cumprimento do contrato por cuja obtenção tanto se batera, levou as autoridades a uma desconfiança quanto aos verdadeiros propósitos de Mr. Morgan. Essa desconfiança terminou por concretizar-se em fatos, recentemente, por intermédio da Capitania dos Portos do Ceará.

Tomando conhecimento de que Mr. Morgan, que já possui atualmente um pequeno frigorífico instalado numa das praças centrais de Fortaleza (de onde exala um insuportável mau cheiro) pretendia instalar outro frigorífico na zona portuária (desta vez um grande frigorífico), o Capitão dos Portos do Ceará fez divulgar uma Nota Oficial na imprensa de Fortaleza, na qual diz, principalmente, o seguinte:

a) a «Pan American Associadas Limitada», sediada à Avenida Atlântica, no Rio de Janeiro, é cons-

tituída pelos srs. David Morgan Hackman e Emory E. Hackman, cidadãos norte-americanos, sendo o primeiro residente no Rio e o segundo no Estado de Virgínia (E.E. U.U.);

b) a referida empresa tem como objetivo o comércio e a indústria de madeiras e atividades correlatas, não se incluindo, portanto, nos seus objetivos, a pesca de lagosta e indústrias correlatas, o que é privativo de nacionais, conforme a legislação em vigor (artigo 5.º do Código de Pesca);

c) em seu Item 3, diz a Nota Oficial da Capitania dos Portos do Ceará que «a empresa mencionada iniciou a construção de um armazém que se destina, ao que se diz, agora, à instalação de um frigorífico para a preparação de lagosta. Mas essa atividade é três vezes ilegal: primeiro, porque a firma não está constituída para esse fim; segundo, porque, como já ficou dito, a atividade de pesca é privativa de nacionais; terceiro, porque a construção em terrenos de marinha depende da autorização do Exmo. Sr. Ministro da Marinha, ouvidas a Ca-

pitania dos Portos e outras autoridades navais, após as devidas licenças dos outros órgãos federais e municipais, o que não foi sequer solicitado (art. 102 e seus parágrafos do Regulamento para as Capitânicas dos Portos).

d) em seguida, a Nota da Capitania dos Portos do Ceará levanta as mais graves denúncias contra a atividade ilegal do grupo ianque, afirmando que o mesmo construiu, clandestinamente, uma embarcação, em oficina instalada fora da zona marítima e portuária «possivelmente para fugir à fiscalização desta Capitania». Tal denúncia foi apresentada por uma comissão do Ministério da Agricultura, integrada também por um representante do Ministério da Marinha. Acrescenta a Nota que «a construção dos galpões de alvenaria, nas praias deste Estado, chegou ao conhecimento desta Capitania, por uma denúncia apresentada pelo Presidente da Colônia de Pescadores de Morro Branco à Federação das Colônias de Pescadores deste Estado, que, por sua vez, transmitiu-a, por telefone, mandando, inclusive, o Presidente daquela colônia a esta Capitania a fim de prestar melhores esclarecimentos». Finalmente, a Nota denuncia que a construção da edificação «que alegam se destinar ao frigorífico, foi denunciada pelo F. Distrito de Fiscalização dos Portos, Rios e Canais, sediada neste Estado.»

A Nota da Capitania dos Portos do Ceará termina por declarar que continuará firmemente disposta a defender o cumprimento das leis brasileiras e que não permitirá que os propósitos da companhia sejam materializados, pois «não se compreende, nem se permitirá, que alienígenas desrespeitem impunemente as leis do Brasil, sem que as autoridades responsáveis reprimam, pelos meios legais, as tentativas de desapeço às nossas instituições.»

## Desaparecido o Ianque

Acossado pela vigilância popular, pelas denúncias aparecidas em alguns jornais de Fortaleza e pela enérgica repressão do Capitão dos Portos que, além da vigorosa Nota Oficial, adotou medidas concretas contra as suas atividades clandestinas e antinacionais, Mr. Morgan desapareceu da circulação, admitindo-se geralmente que ele se encontra atualmente demorando nas antesalas ministeriais de Brasília ou nos escritórios políticos do Rio de Janeiro, «cavando» novas concessões e procurando anular as medidas da Capitania dos Portos do Ceará.

# Dicionário

## Fôrças Produtivas e Relações de Produção

Denominam-se forças produtivas da sociedade os meios de produção mediante os quais são criados os bens materiais e os homens que põem em movimento dos bens materiais. Também os objetos de trabalho constituem uma parte inseparável das forças produtivas. Ao lado do progresso atingido pelos instrumentos de produção, o desenvolvimento dos objetos de trabalho (a criação de novos tipos de matérias-primas, inclusive de materiais para a fabricação de instrumentos, a descoberta de novos recursos energéticos, etc.) são um indicador muito importante do nível das forças produtivas. Sabem-se, por exemplo que enorme importância tiveram a passagem à utilização dos metais para a fabricação de instrumentos de trabalho, a utilização do petróleo, da energia elétrica, e, finalmente, aquelas modificações operadas nos objetos de trabalho relacionadas com o desenvolvimento da química, a produção de novos materiais e a aplicação da energia nuclear.

As massas trabalhadoras são a força produtiva fundamental da sociedade humana em todas as etapas do seu desenvolvimento.

As forças produtivas exprimem a relação entre os homens e os objetos e forças da natureza, utilizados para a produção de bens materiais. Entretanto, no processo da produção, os homens não atuam apenas sobre a natureza, mas também se acham em determinadas relações recíprocas uns com os outros. Segundo as palavras de Marx, os homens não podem produzir sem associar-se de alguma forma para a atividade conjunta e para trocar experiências. Para produzir, os homens mantêm entre si determinadas relações e são unidos através destes vínculos e relações sociais estabelecem suas relações com a natureza e realiza-se a produção.

As relações sociais que se estabelecem entre os homens no processo de produção dos bens materiais constituem o que a Economia Política marxista chama de relações de produção. As relações de produção compreendem: as formas de propriedade sobre os meios de produção, a posição das classes e grupos sociais na produção e suas relações mútuas, e as formas de distribuição dos produtos.

Não se pode conceber nenhuma produção sem essa ou aquela forma de propriedade, isto é, sem uma determinada forma, historicamente determinada, de apropriação dos bens materiais pelos homens, e antes de tudo dos meios de produção.

O que caracteriza em primeiro lugar as relações de produção é o seguinte aspecto: em mãos de quem se encontram os meios de produção, se em mãos de algumas pessoas, grupos sociais ou classes, que utilizam esses meios para explorar os trabalhadores, ou se em mãos da sociedade, como propriedade da sociedade, com o objetivo de satisfazer as necessidades materiais e culturais das massas populares. Portanto, o papel determinante no sistema das relações de produção é desempenhado pela forma existente de propriedade sobre os meios de produção.

Hoje, como há mil anos:

# A Polônia é Uma só

JOSEF ZAREMBA

A completa integração, social, política e cultural, dos seus antigos territórios setentrionais e ocidentais no organismo da República Popular da Polônia é uma das mais altas conquistas da Polônia de hoje. Trataremos neste artigo apenas de alguns dos aspectos desse processo, já que seria impossível, dada a sua complexidade, expô-lo integralmente.

A guerra e a ocupação alemã do território nacional polonês levou à perda de cerca de 6 milhões de almas, poloneses mortos na guerra ou assassinados nos campos de concentração hitleristas. Não se incluem nessa cifra as perdas humanas indiretas. Por exemplo, não se considera o aumento do nível de mortalidade após a guerra, devido ao aumento da incidência de moléstias infecto-contagiosas (em 1945 1,5 milhões de poloneses estavam atacados de tuberculose), o excepcional número de inválidos, etc. Em tais condições a regeneração das forças vitais do povo polonês é o primeiro dos aspectos do problema a observarmos.

## Grande crescimento

Nos últimos quinze anos o crescimento natural da população no país

polonês em seu todo (a partir de 1947) atingiu ao nível de 18-20 por mil. Este índice, nos territórios setentrionais e ocidentais (voivodias de Opole, Wrocław, Zielona Góra, Lublín, Kaszulin, Gdansk e Olsztyn) tem sido consideravelmente mais elevado que em outras áreas do país chegando a atingir a média de 28-30 por mil. Este fenômeno tem de ser explicado pelo fato adicional de que considerável parte da população desses territórios além da nativa — ali se estabeleceram após a última guerra. Nela predominam os jovens, pioneiros, que determinaram as estruturas populacionais desusadamente jovens desses territórios. Cerca de 1/4 da população do país (7,6 milhões) habita hoje essas áreas.

Os jovens e as crianças ali nascidas desde o término da guerra logo estarão em idade de participar do processo da produção. Este fenômeno tem importantes consequências sócio-econômicas, sumarizadas nos diretivos para o futuro desenvolvimento econômico da região: proporcionalmente mais escolas que em outras zonas, maiores facilidades sociais e culturais para os crianças e os jovens, maiores oportunidades de emprego para os que atingem a idade de trabalhar.

## A catástrofe da guerra

O início da reconstrução na vida econômica da Polônia na pós-guerra ocorreu em condições de severa falta de pessoal e de uma redução de 38% na riqueza nacional. A destruição pela guerra foi proporcionalmente maior nos territórios setentrionais e ocidentais que em outras zonas do país. Enquanto no conjunto da nação 66% da indústria foi destruída, nos territórios do norte e do oeste este índice atingiu a 73%. De 9.255 estabelecimentos industriais ali localizados 6.727 foram total ou parcialmente destruídos. A extensão dos prejuízos na agricultura é eloqüentemente atestada pelo fato de que apenas 5% do gado sobreviveu à guerra.

Além disso, a restauração da indústria não se limitou à reconstrução fiel do que fora destruído. Após o primeiro estágio, o de mobilizar as fábricas nas quais era possível recomeçar a produção, teve início o período da reconstrução simultânea de empresas e da instalação da indústria moderna.

Um total de 150 bilhões de zlotys foi gasto na reconstrução e desenvolvimento dos territórios setentrionais e ocidentais nos últimos quinze anos, após os quais verifica-se que a capacidade industrial dessa região cresceu mais rapidamente que a do resto do país. Isto é atestado pelo fato de que o número de pessoas empregadas na indústria cresceu ali de 201% enquanto o índice para o conjunto do país não passou de 151%.

## Participação dos novos territórios

A participação desses territórios na produção industrial do país tem aumentado continuamente. Enquanto atingia a 22% em 1949, subiu 27% em 1955 e chegou a quase 28% em 1958. Em alguns setores, esta proporção é a seguinte: energia elétrica, 31%; carvão mineral, 27%; linho, 86%; coque, 50%; gás de iluminação, 48%; aço, 21%; cobre, 100%; máquinas ferramentas, 25,5%; válvulas para rádios, 58%; algodão, 30%; linho, 46%; açúcar, 37,7%, etc. Esses números revelam a criação nesses territórios de uma poderosa base industrial, que elabora as matérias-primas locais. Nessas terras, os geólogos poloneses realizam importantes descobertas de novos depósitos minerais.

Os processos a seguir apontados efetuaram a completa integração dos territórios setentrionais e ocidentais no conjunto do país, num organismo político-social-econômico uniforme:

- 1 — a industrialização do país;
- 2 — desenvolvimento da agricultura;
- 3 — a nova disposição das funções das cidades isoladas e centros;
- 4 — crescimento da população;
- 5 — a ampliação das bases de matérias-primas silésias;
- 6 — as novas descobertas geológicas e os novos centros industriais construídos à base delas;
- 7 — o intensivo desenvolvimento da economia marítima, com os centros portuários de Gdansk e Szczecin; a construção de sistemas uniformes de energia e comunicações em todo o país, etc.

## Unidade nacional

A luz desses fatos a nação convencional de «territórios setentrionais e ocidentais» perdeu a razão de ser do ponto de vista geo-econômico. Uma nova divisão territorial do trabalho na produção e serviços se impôs e, juntamente com ela, nova divisão do país em regiões-geo-econômicas, o que encontra sua expressão nas atuais subdivisões administrativas. O último censo mostra que as províncias polonesas do norte e do oeste produzem 25% da renda nacional, e que se pode contar com participação ainda maior, garantida pelo índice de aumento de sua população e dos investimentos ali feitos. A província de Wrocław — juntamente com a cidade do mesmo nome — está hoje entre as regiões mais destacadas do país no que tange à produção da renda nacional. No que se refere à distribuição da renda nacional, 26% é absorvido pelos territórios do norte e do oeste.

Esses índices combinados mostram o importante papel desses territórios na economia nacional polonesa, estabelecem o seu progresso no processo do desenvolvimento econômico e social e apontam suas enormes possibilidades futuras.

# Nota Econômica Ainda o Novo Rublo

A partir de 1.º de janeiro próximo, a moeda soviética, o rublo, terá o seu conteúdo elevado de 10 vezes, isto é, cada 10 rublos atuais passarão a valer um novo rublo, ou, o que é o mesmo, cada rublo atual equivalerá a 10 copeques novos. O rublo é dividido em 100 copeques. Já tivemos oportunidade de tratar do assunto nesta coluna, mas consideramos útil voltar a abordá-lo em face de algumas opiniões aparecidas em nossa imprensa e que não correspondem à realidade. Um jornal desta capital, por exemplo, realizou uma enquete com alguns economistas, revelando a maioria deles quase completo desconhecimento do problema. Outro economista, em artigo publicado no «Jornal do Brasil», emitiu algumas opiniões que revelavam, ao mesmo tempo, ignorância e falta de isenção, chegando até a anunciar uma suposta desvalorização da moeda soviética. Segundo tal articulista, o governo soviético teria fixado, em 1958, o valor do rublo em 10 cents de dólar para as operações de comércio exterior. De fato, isto nunca ocorreu. O rublo continua, como desde 1950, a valer 25 cents de dólar (ou 1 dólar = 4 rublos). Naquele ano, tendo em conta a desvalorização generalizada das moedas estrangeiras, o governo soviético fixou o conteúdo-ouro do rublo em 0,222168 gramas de ouro, correspondente aproximadamente à quarta parte do conteúdo-ouro do dólar, fixado em 1933 em 0,888671 gramas de ouro.

O equívoco do mencionado articulista talvez derive do fato de que, para fins de fomento ao turismo em seu território, o governo da URSS tenha estabelecido em 1957 uma taxa mais favorável para o dólar, isto é, os turistas quando na União Soviética trocam 1 dólar por 10 rublos. Essa providência decorre de certas peculiaridades do rublo. Essa providência decorre de certas peculiaridades do rublo. Essa providência decorre de certas peculiaridades do rublo. Essa providência decorre de certas peculiaridades do rublo.

Tampouco procede a comparação feita por alguns economistas entre o reforçamento do rublo soviético e, por exemplo, a recente reforma introduzida pelo governo francês, com o chamado franco «pequeno», ou franco novo, que vale 100 francos anteriores à medida. Na França, em consequência da vertiginosa inflação resultante sobretudo da dependosíssima guerra colonial contra a Argélia, o dinheiro em circulação havia atingido a casa dos dez bilhões de rublos e o valor da moeda caiu a um nível extraordinariamente baixo. O franco, porém, valeu em 1959 apenas 20% por cento do mesmo franco no ano de 1947, isto é,

o que se podia comprar em 1947 com 1 franco, requeria agora mais de 3.

Na URSS, o que se dá é precisamente o oposto: tomando como referência o ano de 1947, já em 1954 o rublo valia 23 vezes mais, isto é, valorizou-se a moeda, o que está relacionado com as sucessivas baixas de preços do comércio soviético a varejo. Entretanto, desde a reforma monetária de 1947, a economia soviética alcançou um desenvolvimento extraordinário. Eis algumas cifras: a produção industrial da URSS aumentou entre 1940 e 1959 de 4,8 vezes; ao fim do presente plano setenal, a produção industrial será de mais de dois bilhões de rublos e a circulação mercantil a varejo atingirá um trilhão de rublos; os créditos concedidos pelo Banco do Estado em 1959 aos diversos setores da economia nacional ascenderam a 3,4 trilhões de rublos.

Em face de tão elevadas cifras, o atual rublo tornou-se inadequado como medida de valor. Além disso, como afirma em artigo o economista soviético K. Plotnikov, membro-correspondente da Academia de Ciências da URSS, a presente escala de preços atua negativamente sobre os esforços para a introdução do cálculo econômico, pela observância de um regime de economia e suscita uma série de dificuldades na técnica contábil, etc. Entre outras consequências, a medida reduzirá a um terço as despesas do Estado com a emissão de dinheiro, facilitará a difusão de automáticos no comércio, de máquinas de calcular, etc.

A troca do novo rublo pelos atualmente em circulação durará três meses, isto é, de 1.º de janeiro a 1.º de abril do próximo ano e será precedida por uma ampla campanha de esclarecimento no sentido de que o público se habitue aos novos preços, procedendo ao consequente reajustamento dos seus orçamentos.

A 1.ª de outubro próximo deverão estar concluídas as tabelas remarcadas de aluguéis de casa, transportes e outros serviços. A renovação dos preços das mercadorias será feita de tal modo que as frações inferiores a meio copeque serão arredondadas para baixo (frequente baixa de preços) e as que excederem serão arredondadas para cima. Para uma série de produtos alimentícios (entre eles os da alimentação infantil), serão arredondados para baixo os preços que terminarem em 0,5 copeques.

Finalmente, no que se refere à cotação internacional do rublo, o governo soviético anuncia que não haverá alterações, mas alguns economistas, inclusive o polonês Stefan Zimowski, apontam a possibilidade de que a URSS venha a abandonar no futuro o sistema de barras de ouro, para adotar um de moeda-ouro, como passo eletivo para uma conversibilidade limitada.

J. A.



Sorrindo para o futuro

Os homens do mundo socialista encaram a vida com otimismo e confiança. É o que se pode ver na expressão feliz de Gomulka, dirigente do povo polonês.

# Tribuna de Debate

A Declaração de Março de 1958, que modificou radicalmente a nossa concepção política, trouxe um elemento novo e essencial, e de extraordinária importância para a nossa atividade: a defesa das chamadas soluções positivas pelo movimento revolucionário. Indicava aquele documento: "A frente única nacionalista e democrática acumula forças à medida que luta por soluções positivas para os problemas colocados na ordem-do-dia, realizando-as na proporção de sua capacidade e das condições favoráveis de cada momento. A exigência dessas soluções positivas para os problemas brasileiros conduz, inevitavelmente, à necessidade de um governo que possa aplicar com firmeza, em todas as esferas de política interna e externa a política de desenvolvimento e de emancipação reclamada pelo povo brasileiro". As Teses, ora em discussão, vieram confirmar e enriquecer aquela Declaração, dando mais esclarecimentos para a compreensão da tática das soluções positivas.

MARCO ANTONIO GOELHO

## A Tática Das Soluções Positivas

### Será reformismo a luta por soluções positivas?

Por que afirmamos ser esta tática um elemento novo de nossa linha política? Na orientação que predominou entre os anos de 47 a 58, não obstante as várias nuances e pequenas alterações ocorridas naquele longo período, de acordo com o pensamento de um de seus principais artífices, o camarada João Amazonas, nossa maneira de agir era, mais ou menos, a seguinte: "O Partido precisa de uma linha que apresente às massas a solução verdadeira de seus problemas e indique o caminho para alcançá-la. Ficar somente nas reformas e mudanças dentro do atual regime, nas modificações da política e da composição do governo é não dar perspectiva clara ao povo (O grifo é nosso M. A. C.). Precisamos dizer às massas onde residem as causas principais da difícil situação que atravessam e mostrar, simultaneamente, a necessidade de mudar o atual regime, de lutar por um governo democrático e antimperialista que liquide com o jugo dos monopólios norte-americanos e com o latifúndio, que garanta a liberdade e o bem estar para o povo" (N. R. n.º 68). Estas indicações sintetizam bem a política esquemática, primária e "esquerdista" seguida pelo Partido de 1947 a 1948. O camarada João Amazonas, no entanto, as apresenta como proposta para a elaboração da linha do 5.º Congresso!

O camarada Amazonas escreveu em seu artigo "confundem as possibilidades do caminho pacífico com o reformismo e, assim, transformam-se em evolucionistas, acreditam que por meio de "soluções positivas" poderão, não se sabe quando, chegar a um poder antimperialista e antifeudal e depois ao socialismo". (N. R. n.º 68).

Como não somos taludistas, isto é, como não usamos os textos marxistas como se fossem "livros sagrados", vejamos se realmente pode-se pesquisar o labéu de reformismo à luta pelas soluções positivas. Muito a propósito, o camarada Vello Spano, em "Cahiers Internationaux", fez a seguinte observação: "Estigmatizamos Bernstein e seus discípulos que negavam o valor dos princípios e exaltavam o movimento espontâneo, numa época em que os princípios eram a única perspectiva revolucionária possível, ao passo que o movimento espontâneo, considerado em si mesmo, não passava, em definitivo, de resignação ao domínio exercido pela classe capitalista e renúncia aos objetivos socialistas. Naquela ocasião a posição assumida por Bernstein bastava para caracterizar um reformista: hoje é necessário algo diferente (o grifo é nosso, M. A. C.). Ninguém pode racionalmente acusar de reformismo aos comunistas, que, atualmente, consideram o problema das reformas de estrutura como conquistas parciais, que modificam progressivamente a correlação de forças entre a burguesia e o proletariado, ou pelo menos possam fazê-lo.

Com a existência da União Soviética e de um sistema totalmente socialista, com o grau de maturidade da consciência de classe do proletariado, com as novas correlações de força que as vitórias da classe operária criaram no mundo, não existe hoje uma oposição decisiva e insuperável entre reforma e revolução. Ao contrário: as reformas de estrutura são, pelo menos podem ser, conquistas parciais e progressivas da revolução. É bem verdade — como afirma o camarada Chaveau — ("Cadernos do Comunismo", n.º 3, 1957), a propósito das nacionalizações, que "reformas úteis à classe operária podem perder seu caráter inicial para transformarem-se radicalmente a favor do Estado-patrão". É uma possibilidade e não uma necessidade. De fato, na verdade o contrário pode suceder: reformas úteis à classe operária podem constituir a base de conquistas posteriores, o que dependerá do desenvolvimento da luta, e em definitivo da correlação de forças". (C. I. n.º 104, 1959).

Este pronunciamento não é uma opinião isolada desse talentoso dirigente comunista, pois constitui um dos elementos básicos da linha política do Partido Comunista Italiano, conforme se vê na apreciação dos documentos do seu IX Congresso. Em torno das teses desse conclave, esclarece-nos o camarada Enrico Berlinguer: "A palavra de ordem de desenvolvimento econômico e político democrático e a luta pelas reformas de estrutura nada têm em comum, pois, com uma política reformista, que se propõe apenas introduzir, pela cúpula do sistema capitalista, determinadas correções de caráter paternalista. Para nós, uma política de desenvolvimento democrático e de reformas de estrutura significa que, sobre a base do avanço do movimento de massas, podem ser levadas a efeito radicais transformações na esfera da produção, que constituem outros golpes contra as grandes concentrações da propriedade e do Poder". ("Problemas de PAZ e do Socialismo", n.º 2, 1960, pág. 71).

Tal política, denominada de "renovação democrática" pelos camaradas italianos, é apoiada pelo C. C. do P. C. Francês, conforme se lê na Declaração comum das delegações do C. C. do P. C. F. e do C. C. do P. C. I., em dezembro de 1958. (ver "Unidade", de 27 de dezembro daquele ano).

### Novas condições determinam nova tática

O marxismo é uma doutrina eterna porque permite-nos, na base de uma análise dialética das novas condições surgidas, deixar de aplicar velhos rótulos a fatos ou posições que mudaram de conteúdo e são, só na superfície, semelhantes a outros fatos e

posições do passado. Um dos grandes méritos de Lenin foi o de mostrar, com coragem, que certas indicações de Marx não podiam ser mais válidas na fase do imperialismo. Na atualidade, os Partidos Comunistas realizam com audácia, generalizando a prática revolucionária de nossos dias, a mesma tarefa de formulação de novas teses revolucionárias, não obstante os esclerosados dogmáticos que protestam contra as inovações, buscando e refutando citações de Marx, Engels, e Lenin, mas sempre sem o cuidado de uma pesquisa de fundamental, isto é, da "verde árvore da vida".

Para os nossos dogmáticos não parecem que estamos solitários na "ousada" afirmativa de que o movimento revolucionário deve levantar a bandeira das soluções positivas, vejamos o que se diz num número recente da revista teórica do Movimento Comunista Mundial: "A edificação comunista em avanço na U. R. S. S. não pode deixar de exercer também uma profunda influência em todo o movimento operário internacional. Os filhos da miséria e da luta já não são o que eram antes. A classe que era oprimida e dependente até a revolução socialista governa hoje todo um sistema de Estados e, em escala internacional, transformou-se numa classe independente, no sentido de que os seus escalões de vanguarda já não se subordinam à ideologia burguesa e são capazes de realizar com o maior espírito de consequência uma política no interesse dos trabalhadores, uma política de vastas perspectivas. Quem pode hoje propor uma solução correta e positiva dos problemas que surgem nas relações internacionais? Em que mãos está a iniciativa?... As classes dominantes da sociedade feudal e burguesa não foram capazes de dar solução a todos os problemas colocados perante a nação e, durante muitos séculos, os trabalhadores tiveram e ainda têm de lutar para resolvê-los. Nessa luta, a classe operária atua como uma força dirigente. Mas hoje em dia o seu péso político nos diferentes países adquire uma nova qualidade, (o grifo é nosso M. A. C.) graças ao papel histórico que a classe operária desempenha na vida internacional. Esta é a razão porque os partidos comunistas e operários — inclusive nos países em que a classe operária é ainda pequena e relativamente inexperiente — não se limitam a uma oposição à política das classes dominantes mas, além disso, oferecem soluções positivas para os problemas nacionais (o grifo é nosso M. A. C.). Esta é também a razão porque esses partidos intervêm na vida pública com um sucesso cada dia maior e indicam o caminho para a solução não só dos problemas fundamentais, mas também dos problemas secundários da vida de cada dia das diferentes camadas do povo". ("O Crescente significado internacional da construção do Comunismo", de F. Hablicek e L. Gruppi, in "Problemas da PAZ e do Socialismo", n.º 1, 1959, páginas 11 e 12).

### Por que defendemos no Brasil as soluções positivas

Apesar do movimento revolucionário brasileiro é possível hoje apresentar soluções positivas para os problemas que afligem a vida de muitos e de poucos brasileiros, em virtude da situação criada pela superioridade das forças da classe operária e do socialismo em todo o mundo, que levam-nos a um "amortecimento da luta revolucionária", mas a realizar o combate em melhores condições, com outros recursos e possibilidades, que não existiam há 100, 50 ou 30 anos passados. Somos a favor das soluções positivas porque a frente única nacionalista e democrática ganha novos setores, acumulando forças, quando luta por medidas concretas para solucionar questões que dificultam a vida do povo e o progresso do país. Em contraposição, condenamos a tática da agitação pura das palavras de ordem radicais, porque não contribuem para a mobilização de amplas camadas e dificultam o desenvolvimento da frente única, isolando a vanguarda do proletariado das demais forças nacionalistas e democráticas. A luta pela Petrobrás, por exemplo, grande lição de solução positiva, contribuiu mais para o avanço da frente única do que todos os manifestos "revolucionários" do Partido dos tristes tempos de linha de "esquerda".

A tática das lutas pelas soluções positivas é acertada porque, vitoriosas ou não, criam em milhões uma compreensão nova, mais profunda e correta, sobre as diversas questões antes só entendidas pela vanguarda. Por isso mesmo, condenamos a orientação "esquerdista" dominante no Partido durante anos, que nos forçava a esclarecer as massas através da agitação intensa, contínua e exclusiva dos nossos grandes objetivos revolucionários, agitação desacompanhada de um real e ativo trabalho de mobilização de milhões de brasileiros por reivindicações concretas e sentidas em torno de conquistas políticas capazes de conduzir estes milhões a fortalecer a frente única nacionalista e democrática.

É indispensável a propaganda permanente e constante dos nossos objetivos revolucionários de longo alcance, para que se eleve a compreensão das massas sobre todas as fases da Revolução Brasileira. Mas, a experiência indica que o esclarecimento das massas se processa mais rapidamente quando organizamos certas lutas, por exemplo, como a defesa do petróleo.

### A acumulação de forças para realizar a revolução

O camarada Amazonas entende o processo do desenvolvimento político brasileiro, com o seu desprezo do artigo citado, de maneira nada marxista. Raciocina de tal forma que somos levados a tirar a seguinte conclusão: só admite o desenvolvimento social as transformações de qualidade (revolucionárias), mas menospreza e subestima as mudanças quantitativas (reformas). Como é possível desenvolvimento, na natureza e na sociedade, sem o avanço quantitativo? Ora, o processo do desenvolvimento é constituído pela unidade dialética entre as transformações de quantidade e qualidade.

O desejo de pretender realizar transformações de qualidade sem as de quantidade, sem acumular forças, é um sonho idealista, próprio da ideologia da pequena burguesia e leva inevitavelmente ao aventurismo. A tática da luta por soluções positivas, como parte da linha geral pelas transformações democráticas e antimperialistas, corresponde a uma aplicação correta dos ensinamentos marxistas sobre o desenvolvimento social, dentro das novas condições surgidas no mundo.

Qual é a dinâmica da tática das lutas por soluções positivas? Damos um grande valor aos êxitos parciais obtidos na luta por reformas porque eles nos conduzirão a outros ainda maiores. O próprio processo não leva a não conformarmos com as vitórias parciais, obrigando a nossa atividade a ser constante e diária. O sucesso de determinadas soluções positivas pode determinar um avanço brusco da revolução, com o acúmulo rápido das contradições fundamentais, o que nos aproximará célere de mudanças qualitativas. Por exemplo, o que pode resultar da emancipação das empresas do grupo Light?

Por outro lado, nossa opção pela tática das soluções positivas decorre da realidade política de nosso país, onde as coisas não se passam de acordo com esquemas revolucionários idealistas. Em primeiro lugar, o combate entre as várias forças, para a conquista das massas não se dá no terreno das divergências ideológicas ou das questões políticas abstratas, mas sim em torno de problemas concretos, como Nordeste, educação, energia elétrica, aumento de salários, etc. Os vários agrupamentos políticos ganham apoio da massa na medida em que formulam suas posições sobre as questões candentes, o que nos força a tomar posições a respeito de cada um desses problemas, porque só assim podemos ampliar nossa influência entre as massas. Grandes camadas seguem esse ou aquele partido político face à conduta de cada um sobre questões como educação, aumento de salários, industrialização, etc. Assim, a conquista das massas passa obrigatoriamente pelo caminho da solução dos seus problemas afilivos. Isto não compreendíamos no passado — esta é a causa de apresentarmos invariavelmente soluções negativas, só para desmascararmos os governos. (Não se chegou a dizer que o Vargas, quando votou a Petrobrás, estava fazendo o jogo dos trustes?)

Felizmente, hoje já não pensamos dentro da mesma bitola. Vamos para disputa das massas na arena política e colocamos na mesa as soluções que possuímos. (Denominamos de positivas essas soluções porque elas visam unir todos os setores do povo contra o imperialismo, por que isolam os piores reacionários e os inimigos da Nação Brasileira, e resolvem problemas do país e do povo). Na luta política muitas vezes somos obrigados a concordar com opiniões apresentadas por outras forças, porque não temos a presunção de possuir o monopólio da verdade ou da "linha justa". A tática das soluções positivas prestigia a nossa organização e os nossos militantes, que formulamos os problemas corretamente, nos sindicatos, nas organizações de massa, nos municípios, nos estados ou no plano nacional. Em consequência, somos mais acatados entre os aliados dentro da frente única.

O nosso prestigio aumenta não só porque formulamos soluções positivas adequadas e sentidas, mas, particularmente, porque participamos árdua e tenazmente dos movimentos para torná-las vitoriosas.

A tática das soluções positivas exige dos comunistas e da classe operária a mais intensa participação no processo político real, ao contrário da orientação setária e "esquerdista", preconizada pelo camarada Amazonas, que leva, de um lado, às manifestações de caráter aventuroso, realizadas pela vanguarda isolada e, de outro lado, à espera passiva das "grandes lutas que se avizinhavam".

A formulação das soluções positivas exige que se tenha em conta a força do movimento de massas em cada momento, o nível da frente única, mas, ainda, todas as possibilidades de soluções admitidas pelas normas legais vigentes. A utilização ao máximo da luta parlamentar deve ser uma de nossas maiores preocupações (trabalho no Congresso Nacional, Assembléias Legislativas e Câmaras Municipais), porém, em íntima ligação com a luta extraparlamentar, com a pressão de massas sobre os legisladores. Quando inexistente campanha de massas é inútil esperar que o Parlamento aprove qualquer medida de grande interesse popular e do país. Os casos dos projetos da "Eletrôbrás" e da extensão da legislação trabalhista ao campo ilustram bem esta afirmação.

Somos a favor das lutas pelas soluções positivas porque nos permitem mobilizar milhões de brasileiros, contra a dominação imperialista e a arcaica organização agrária de nosso país. Desde a memorável campanha de siderurgia, nos anos de 37 e 39, adquirimos muitas experiências neste sentido, e a base da tática das soluções positivas é constituída por uma forte e ativa movimentação de milhões de brasileiros e sem isto nada será feito. Se a luta "esquerdista", que empreendemos durante anos, exigia apenas a atuação da vanguarda, de "minorias ativas", a tática atual requer uma poderosa e ativa frente única e, ainda, um partido de classe operária combativo, com intensa atividade política e estreitamente ligado à classe operária, aos camponeses e demais camadas do povo. Em compensação, reciprocamente, essa tática auxilia o fortalecimento das forças motrizes da revolução.

A tática das soluções positivas obriga-nos a fazermos do Partido uma organização não unicamente de agitadores audaciosos, mas de homens capazes de empreenderem uma ação política multiforme, nacional e local, constante e cheia de vivacidade. Ultrapassamos a fase da valente atividade de nossos militantes na realização de pagamentos, comícios relâmpagos, atos de repercussão, etc. Hoje todos os militantes são chamados a solucionar problemas políticos nas empresas, nos sindicatos, nas escolas, nas organizações nacionalistas, nos Comitês Lott-Jango, etc. Nesse processo de transformação do Partido muitos avançaram, novos quadros se revelam e outros não se adaptam com facilidade às novas condições. A própria luta, no entanto, está forçando o partido de ação política que o proletariado

brasileiro reclama, um Partido Comunista combativo, ágil e ligado às massas. Isto se dá porque obriga as nossas organizações a um trabalho diuturno em prol das reivindicações da classe operária e do povo, o que nos engaja permanentemente em lutas, que exercitam o Partido e o fortalecem para combates mais sérios no futuro. A linha "esquerdista" conduziu a um resultado oposto: livravam os nossos militantes na espera passiva da revolução prevista pelos dirigentes e, de vez em quando, eram mobilizados para ações aventurosas de rua. Não é por acaso que o partido viu decrescer assustadoramente os seus efetivos depois de alguns anos de aplicação da linha setária.

### A luta pelas soluções positivas e o novo curso de desenvolvimento

Quando realizamos a política de soluções positivas estamos fazendo algo de concreto pelas transformações revolucionárias de qualidade, na sociedade brasileira. Compreendemos a ligação intrínseca que existe entre as duas coisas. As Teses expõem o problema com clareza. "A luta por soluções positivas está inseparavelmente ligada à luta para conquistar um governo nacionalista e democrático e, em seguida, para radicalizar sua política e composição. A medida em que aumentamos o seu poderio e adquirimos orien-

CLOVIS DE OLIVEIRA NETO (S. Paulo)

## Sobre as Contradições, o Caminho da Revolução e a Necessidade de Uma Orientação Política Certa

Uma das questões mais discutidas no atual debate é, sem dúvida, a da transição para o socialismo. De fato, esta questão é básica para que se possa fazer avançar a revolução. Ela suscita, obrigatoriamente, a pergunta: qual será o caminho da revolução no Brasil, será o das transformações radicais através do Parlamento e da pressão das massas ou o da violência aberta, da insurreição sangrenta? Para enfrentar com justiça uma resposta a esta pergunta somente será possível se for considerado, em sua devida conta, a questão prática da luta pela libertação do Brasil do jugo do imperialismo norte-americano e das garras dos grandes capitalistas e latifundiários. É uma questão com a qual não podemos brincar de adivinhação e nem formular antecipadamente qual deve ser o caminho. Entretanto, ontem como hoje, não podemos como não podemos, numa questão de tal importância, cairmos no espontaneísmo.

Tinhamos que formular, com toda a justiça possível, o caráter da revolução no Brasil, a correlação das forças de classe, das forças políticas, do grau de organização e da vontade e do caráter das transformações que o povo já deseja que se faça. Ontem, em 1956, por exemplo, não tínhamos dúvida em afirmar que o decisivo mesmo, o mais fundamental e que já sabíamos — era a luta sem quartel, de todas as formas e maneiras contra o domínio do imperialismo norte-americano e seus agentes e lacaios. Mas hoje, devido sobretudo ao desenvolvimento do capitalismo no Brasil e a existência de um governo absoluto que embora ajudado a eleger-se pelas comunistas encontrava-se, como encontramos durante os anos de 1957-58-59 e como ainda, em certo sentido, encontra-se hoje, fazendo o que bem quer e entende sem consulta alguma ao povo, só tendo obediência aos seus ams estrangeiros e aos banqueiros de Minas Gerais; sendo assim já não é mais possível, sob pena de cairmos, mais uma vez, no primarismo político ao encerrar a questão da luta contra o imperialismo norte-americano nas mesmas condições de ontem. É, sem dúvida isto que as teses fazem.

### Sobre as Contradições

Não há coisa mais banal neste mundo e sem nenhum sentido político e muito menos ideológico, do que a formulação das chamadas contradições ditas existentes na sociedade brasileira. Tanto a que se refere ao imperialismo norte-americano como a que se refere às forças produtivas em desenvolvimento e o monopólio da terra. A verdadeira e única contradição que realmente merece ser encarada pelos comunistas, se não quisermos negar a nossa própria existência, é a contradição que existe entre a necessidade histórica da libertação do Brasil e o emaranhado que estamos acumulando graças, em grande parte, à chamada política de desenvolvimento, às metas e OPAS do senhor Juscelino Kubitschek de Oliveira.

ção mais consequente, a frente nacionalista e democrática terá a possibilidade não só de alcançar novas soluções positivas como de dar-lhes conteúdo cada vez mais profundo o que, sob condições de aplicação de uma tática revolucionária, deverá acelerar o processo de realização completa das transformações inerentes à etapa atual". (Tese número 35).

O conjunto de soluções positivas que apresentamos ao nosso povo representa o novo curso que almejamos para o progresso de nossa Pátria, curso diverso daquele que o governo Kubitschek tem seguido com a sua política econômica e financeira, caracterizada, no fundamental, pela conciliação com os capitais imperialistas estrangeiros e com as sobrevivências feudais e semifeudais no campo. As soluções positivas que as Teses apresentam, embora devam ser mais enriquecidas, constituem os elementos essenciais do programa atual que irá orientar a atividade do Partido. Não nos esqueceremos, entretanto, que a luta pelas soluções positivas só é possível desenvolver-se num clima de democracia, quando haja respeito pelo direito inscrito na Constituição. Sendo assim, a tática das soluções positivas determina que se trave a defesa das liberdades e o combate pelo aperfeiçoamento do regime democrático.

Cremos que a Declaração e as Teses traçaram o justo rumo para o avanço da Revolução Brasileira. Trata-se agora de vencer em nossas fileiras as resistências à aplicação da tática de soluções positivas, resistências não só derivadas da falsa compreensão de que seja ela uma tática reformista mas, igualmente do pouco conhecimento que temos da nossa realidade econômica, política e social. Sem dominarmos na realidade brasileira, melhor do que qualquer outro grupo político, será impossível a formulação e a justificação de soluções positivas corretas e de acordo com as necessidades do desenvolvimento da frente única nacionalista e democrática e das forças da classe operária e do seu partido de vanguarda.

### A Necessidade de Uma Orientação Política Certa Para o Nosso Partido e Mais Uma vez Sobre o Caminho da Revolução

O curso normal da luta pela libertação do Brasil, foi substituído pelo engodo e pelo embuste do senhor Getúlio Vargas, quando derrotado, em 1961, o movimento revolucionário da Aliança Nacional Libertadora e o Partido Comunista não teve, nunca mais, a capacidade de repetir em seu lugar aquele curso revolucionário. A tentativa feita com o Programa de 1961, causou o mesmo porque aquele programa além de não ser, era um manual acadêmico. Não era o Programa de um Partido que luta praticamente, pois só sendo assim pode ser um programa do proletariado.

Então, o fundamental mesmo em nossos dias é a justa formulação do caráter da revolução no Brasil, a apreciação da correlação das forças de classes; das forças políticas, do grau de organização e da vontade e do caráter das transformações que o povo já deseja que se faça no Brasil.

A adivinhação, que mais uma vez se quer fazer, sobre o caminho da revolução no Brasil, talvez, muito breve, receba a necessária resposta e então, os seus formuladores e opositores terão mais uma lição a aprender.

Não podemos esquecer que o acontecimento em curso de maior importância em nossos dias é o da sucessão presidencial e que graças a Deus estamos inseridos nele. Desta vez precisamos estar preparados ou nos preparar com tempo para enfrentar a luta que nos aguarda a superação da contradição entre a necessidade histórica da libertação do Brasil e a política que convém ao dia, seguida pelo atual governo e apoiada pelas forças da oposição.

Em primeiro lugar, e como políticos que devemos ser, precisamos encerrar a realidade tal qual ela é: ver as forças de classes que estão empenhadas na atual luta política pela sucessão presidencial e procurar, radicalmente, no máximo possível, a fim de que o Brasil seja saudado e o seu povo preparado para enfrentar duros combates por sua libertação econômica. O exemplo de Cuba bem pode frutificar em nossa terra, para isto basta que tenhamos um chefe à altura das lutas que se avizinhavam. A classe operária precisa ser trabalhada, com afinco, para compreender a necessidade histórica de lutar por um desenvolvimento econômico, político e social que convenha aos seus interesses e que sirva para libertar a miséria os seus irmãos camponeses e dar estabilidade e garantia de vida, e feliz às demais camadas da população brasileira.

Faço votos para que a mais alta instância do Partido, possa de lado todo um amontoado de coisas vazias e encare, com a devida responsabilidade e critério, uma justa orientação política para o nosso Partido.

### EVERALDO BARRETO

## NOVOS RUMOS PARA UJC

Não digo que devamos «passar a borraça» sobre tudo quanto foi feito em matéria de trabalho juvenil. Se não tivesse outro mérito, o que foi feito, teria, o de servir como experiência para não ser repetido.

Afinal, o que deve ser a UJC? Na minha opinião, apenas o seguinte: «O estado maior da mocidade revolucionária do Brasil». Sempre achei, refinada tolice, pretender-se, organizar, os jovens, «sem nenhum sectarismo», sob a legenda super-secrética de «União da Juventude Comunista».

Certamente, os companheiros querem saber onde pretendo chegar: Como organizar os jovens?

AI é que a porca torce o rabo... E' muito fácil dizer, mais difícil é fazer. Todos nós sabemos, uma sociedade para crescer, precisa se tornar útil, necessária, aos seus associados, ou às pessoas que devam a ela pertencer. No caso presente, que atrativos deve oferecer, uma organização juvenil? Como deve ser estruturada? Vamos escolher dois pontos básicos para discussão:

- 1 — Diversão
- 2 — Instrução
- 3 — Recrutado, o jovem é asoberbado de tarefas, impedido, muita vez de ir ao baile, conversar com a namorada (o trabalho do partido, está em primei-

ro lugar), perde o filme que desejava assistir, etc.

2 — Milhões de jovens, recebem, instrução rudimentar, na escola primária. Poucos, frequentam o 1.º ou 2.º ano ginasial, menor número, conclui o curso. Que fazer, então?

Creio devemos fomentar a organização de milhares de clubes de jovens. Em todas as cidades, escolas, bairros, fábricas, etc. Dentro destes clubes, trabalharão os membros da UJC ou do Partido. AI, com a colaboração dos jovens sem partido (ou de outros partidos), estudarão os problemas específicos da massa juvenil. Procurarão a melhor fórmula para fazer funcionar uma autêntica Universidade do Povo, inclusive cursos por correspondência de preparo técnico. Se algum companheiro quiser negar a viabilidade do que vai escrito linhas acima, aconselho procurar se informar do formidável êxito dos chamados INSTITUTOS TÉCNICOS, com os seus cursos por correspondência. Seguindo a rota deles, podemos oferecer, com 50% de diferença, cursos de rádio-télex, alfabetização, marcenaria, apicultura, relójeiro, etc. «Novos Rumos», poderia duplicar ou triplicar sua tiragem, se dedicasse algumas páginas ao preparo técnico dos seus leitores. Não vêem «Mecânica Popular», com tiragem de 30 mil exemplares a 50 cruzeiros?



LUÍZ CARLOS PRESTES

# Por Uma Justa Linha Política

O debate que ora se trava em nosso Partido é a melhor demonstração da sua força e vitalidade e a revelação pública de seu caráter efetivamente democrático. Discutindo os mais sérios problemas da atualidade brasileira e as questões relativas à organização do partido político da classe operária, procuramos elaborar uma justa linha política capaz de orientar a atividade de nosso Partido no momento atual e traçar a política de organização correspondente.

Marchamos, assim, para o V Congresso de nosso Partido, o qual, por ser o primeiro que realizamos após o XX Congresso do PCUS — Congresso em que foi feita a generalização da experiência do movimento comunista mundial no pós-guerra — e vigorosamente criticado o sistema do culto à personalidade de Stalin — por ser o primeiro que realizamos após a séria crise por que passou nosso Partido nos anos de 1956 e 57, deverá revelar a força do movimento comunista em nosso país a medida em que já assimilamos a doutrina do proletariado e em que fomos capazes de aprender com a própria experiência e com a riquíssima experiência do movimento comunista mundial.

Chegam ao V Congresso com alguns êxitos de importância. A luta de nosso povo pela completa emancipação nacional alcançou nos últimos anos um novo impulso e as velhas palavras-de-ordem, que por serem levantadas por nós desde a fundação de nosso Partido identificavam como comunistas para a reação e a polícia aqueles que usavam pronúncia — anti-imperialista e reforma agrária — ganham hoje as grandes massas e são abertamente levantadas pelas mais amplas camadas do povo brasileiro. O movimento nacionalista — movimento patriótico e democrático, que visa a emancipação econômica e o progresso do Brasil — ganha as mais amplas camadas de nosso povo e influi de maneira cada vez sensível na vida política da nação. Pela primeira vez em nosso país, surge no cenário político uma candidatura à presidência da República — candidatura que conta com grandes possibilidades de êxito nas urnas de 3 de outubro — que não se origina na cúpula dos partidos políticos dos latifundiários e grandes capitalistas, mas vem do seio do movimento nacionalista e, por isso, efetivamente desvinculada dos círculos políticos mais reacionários serviais dos monopólios norte-americanos, bem como dos grupos de negócios e corruptos que infestam os negócios públicos em todos os seus escalões. Abertamente combatida pelos agentes do imperialismo em nosso país e pela imprensa a serviço dos monopólios norte-americanos, a candidatura do marechal Teixeira Lott é bem um sinal dos tempos e reflete o poderio crescente do movimento anticolonialista e democrático em nosso país, por cujos objetivos sempre lutaram os comunistas brasileiros.

Outro êxito de importância está no nível alcançado pela organização e unidade da classe operária. São muitas ainda as debilidades do movimento sindical em nosso país, incapaz por isso de romper as limitações de uma legislação reacionária. Cresceu, porém, de maneira considerável a força da organização sindical e, muito particularmente, a unidade da classe operária, que vem, por isso, lutando com êxito em defesa da dignidade de seu nível de vida e participando, de maneira cada vez mais ativa e consciente, da grande luta pela emancipação nacional e pelo progresso do país. Os últimos congressos operários realizados em todo o país e a convocação do Congresso Nacional a realizar-se em agosto próximo refletem essa crescente força do movimento operário. O proletariado do Estado do Rio, solidário com os grevistas de Cabo Frio, soube mostrar como a classe operária já luta em defesa de suas conquistas e da democracia e a grande greve geral de Santos revelou o novo nível de consciência, de organização e unidade na luta contra o arbítrio a que se habituaram as empresas imperialistas em nosso país.

Finalmente, um terceiro êxito com que chegamos ao Congresso de nosso Partido está na crescente atividade pública dos comunistas, mau grado a persistência de preconceitos legais reacionários que ainda impedem a completa legalidade do Partido Comunista. Participamos da vida política do país, estreitamente, assim, os laços que nos unem às grandes massas da população, somos enfim uma corrente política que ninguém pode mais desconhecer e que ganha dia a dia em força, influência e prestígio. Rompendo com a clandestinidade, formam-se em nossas fileiras novos quadros, dirigentes de novo tipo, ligados às grandes massas, capazes de atuar como políticos brasileiros dentro da complexidade da política brasileira, e que defendem de maneira consequente os justos interesses dos trabalhadores, e lutam pelo progresso do país.

Estes êxitos devem-se, sem dúvida, às condições objetivas que se tornam cada vez mais favoráveis à luta pela emancipação nacional e pelo progresso do país, mas também e em parte considerável à nova orientação política que adotamos a partir de março de 1958 e formulada em seus aspectos essenciais na Declaração política daquela data. Na verdade, chegamos ao V Congresso de nosso Partido com uma linha política diferente daquela que aprovamos no IV Congresso e que a prática da vida revelou ser errônea e contrária em sua essência aos interesses da luta pela emancipação nacional e pelo progresso do país. Muito especialmente os acontecimentos de 24 de agosto de 1954 revelaram o erro essencial da orientação política que vinhamos trilhando: nós, comunistas, que jamais vacilamos na luta contra o opressor imperialista na qual sempre estivemos dispostos aos maiores sacrifícios não só não estávamos preparados para apoiar o governo de Vargas contra o golpe pró-americanos desfechado pelos entreguistas de dentro e fora do governo, como na verdade contribuímos para o êxito do referido golpe. O pior, no entanto, é que apesar da brutalidade da lição que nos era imposta em agosto de 54 pela prática da vida, estávamos de tal maneira cegos politicamente, presos a dogmas e a documentos que julgávamos traduzir a mais alta expressão da ciência aplicada à realidade brasileira, que não aprendemos e, três meses mais tarde ratificamos, através do IV Congresso do Partido, o Programa do Partido, sancionando assim uma orientação política que já fora desmontada pela prática.

Presos a ideias sectárias e dogmáticas, nós, dirigentes do Partido e portanto os maiores responsáveis pela elaboração do Programa de 1954, não sabemos aprender com a prática, fomos incapazes de

uma atitude crítica e autocrítica, revelamos um sério desconhecimento da ciência marxista-leninista, que não sabíamos utilizar como guia para a ação, tornando-a como dogma morto cuja interpretação deixávamos ao critério dos dirigentes que cultivávamos e que julgávamos infalíveis. Este o nosso erro, que, se foi grave naquela época, é ainda muito mais sério quando já são passados quase seis anos, o que revela de parte de alguns camaradas responsáveis uma resistência à autocrítica inadmissível em nossas fileiras, é o que se passa, por exemplo, com o camarada Maurício Grabois, cujo comentário crítico a respeito dos acontecimentos de 24 de agosto de 1954 não vai além do reconhecimento formal de que aqueles acontecimentos colocaram nosso Partido diante de «grandes dificuldades».

A atitude de um dirigente comunista, especialmente daqueles que exercem os postos de maior responsabilidade na direção partidária, é, como já dizia o grande Lenin, uma das provas mais importantes e mais fiéis da seriedade e do cumprimento efetivo de seus deveres. «Reconhecer abertamente os erros dizia Lenin — por descoberta suas causas, analisar minuciosamente a situação que os gerou e examinar atentamente os meios de corrigi-los: é isto o que caracteriza a um partido sério, é isto que consiste o cumprimento de seus deveres, isto é educar e instruir a classe primeira, e depois as massas».

Diante da gravidade dos erros que nós, dirigentes mais responsáveis, cometemos, é evidente que todo o Partido exige com razão de nossa parte uma autocrítica aberta e clara, a exposição franca de nossas atuais opiniões, a fim de poder julgar a medida em que fomos capazes de aprender com a própria prática e de substituímos as ideias errôneas que tínhamos por uma nova compreensão das leis gerais do marxismo-leninismo e da realidade concreta em que devemos aplicar as referidas leis gerais. O que o Partido exige não é apenas o reconhecimento formal de determinados erros, já por todos reconhecidos e proclamados, mas o esforço honesto de cada responsável no sentido de descobrir as causas dos erros para erradicá-los de raiz e definitivamente. É isto o que venho tentando fazer desde o meu artigo de novembro de 1957 em VOZ OPERÁRIA e, posteriormente, em minha intervenção na reunião em que aprovamos a Declaração de março de 1958. É o que ainda não tentaram fazer, mesmo na oportunidade aberta com o presente debate, dirigentes tão responsáveis como são os camaradas Arruda Câmara, João Amazonas e Maurício Grabois.

Foi essa total incapacidade de autocrítica, essa completa insensibilidade a ver o novo que surgia com as teses levantadas no XX Congresso do PCUS, que não nos permitiu dar uma justa orientação à discussão aberta no Partido nos anos de 1956 e 57, levando-nos à grave crise por que então passou o Partido e que só pôde começar a ser superada a partir de agosto de 1957 com as modificações introduzidas no Presidium do Comitê Central. A luta ideológica que então travávamos contra as tendências de direita, contra o revisionismo e as posições anti-partido não podia ter êxito enquanto nós não desprendéssimo das posições sectárias e esquerdistas do dogmatismo, de uma orientação política enfim já condenada pela prática.

Neste artigo não me será possível abordar nem mesmo as principais causas de nossos erros. Estou no fundamental de acordo com a apreciação crítica sobre a atuação do Partido, incluída nas Teses para Discussão e considero-me o maior responsável pelos erros que são ali apontados. Creio que entre as causas de nossos erros deixando de lado nossa conhecida insuficiência teórica e o subjetivismo de que padecemos, deve aqui destacar a falsa avaliação que fazíamos, a partir de 1948, da situação internacional.

Com o início, em 1947, da guerra fria, fizemos uma análise unilateral e portanto falsa da situação mundial, em que superestimávamos a força do imperialismo, julgávamos desfavorável a correlação de forças e linhamos uma concepção fatalista a respeito da eclosão de uma terceira guerra mundial. Não sabemos nem mesmo compreender o sentido profundo da recomendação de Andrei Zhdanov em seu conhecido Informe de outubro de 1947, ao afirmar que «o principal perigo para a classe operária consiste, atualmente, na subestimação das próprias forças e na superestimação das forças do adversário». Foram as teses levantadas no XX Congresso do PCUS, no entanto, que vieram nos despertar para as grandes modificações que ocorreram na situação internacional com a derrota do nazi-fascismo na segunda guerra mundial, para as modificações profundas que mudaram a correlação de forças a favor do socialismo e do movimento de libertação nacional dos povos dos países coloniais e dependentes. Custamos, porém, meses e mesmo mais de um ano para compreender o que havia efetivamente de novo nas teses sobre a situação internacional levantadas no Informe do camarada Kruschov ao XX Congresso do PCUS e, muito especialmente, o que devia decorrir para a luta de nosso próprio povo pela completa emancipação nacional e pelo progresso.

Em geral, os camaradas que ainda hoje sentem honestamente dificuldade para compreender a atual linha política de nosso Partido, inicialmente formulada na Declaração de março de 58 e que tentamos agora fundamentar com as Teses para a discussão, são até agora vítimas de uma falsa apreciação da situação internacional. Não compreendem ainda que o aparcimento do sistema socialista mundial com a União Soviética à frente constitui um fator decisivo que passou a existir a postulação dos problemas internacionais de maneira completamente diferente, não compreendem que as guerras deixaram de ser inevitáveis e que surgiu no mundo a possibilidade real de evitar as ou impedí-las. É sintomático, por exemplo, que o camarada Grabois desentenda ainda toda uma plataforma política em fazer qualquer referência à nova situação mundial e ao que disto decorre para a luta de nosso povo pela completa emancipação nacional. Declara muitos artigos, que não abordou outras questões, como «a situação internacional», «para não alongar ainda mais esta exposição...». O camarada Amazonas, por sua vez, pretende contestar as afirmações das Teses em discussão a respeito da atual situação do país com exemplos do período do ascenso do fascismo no mundo inteiro, como se entre uma época e a outra não passasse o mundo pelo formidável abalo que foi a segunda guerra mundial e a derrota

do nazi-fascismo, como se a divisão do mundo em dois sistemas mundiais não significasse nenhuma modificação de importância nem tivesse reflexo algum na situação interna de nosso país.

A falsa avaliação da atual situação mundial leva também a uma incompreensão a respeito das novas possibilidades que facilitam a luta dos povos dos países coloniais e dependentes pela criação de uma economia nacional independente. Na luta contra o explorador estrangeiro, a burguesia desses países pode agora apoiar-se no campo socialista, o que determina um sentido novo para o próprio desenvolvimento econômico nacional e a maior amplitude às possibilidades revolucionárias antimperialistas da própria burguesia. Apesar dos numerosos exemplos dês após a guerra que mostram como a burguesia dos países coloniais e dependentes vem lutando pela independência nacional e pela democracia, muitos camaradas em sua argumentação contra a atual linha política de nosso Partido ainda pretendem levantar a teoria oposta de que a burguesia já jogou fora as bandeiras da independência nacional e da democracia. E' o que acontece, por exemplo, com o camarada Pomar que não acredita que nas atuais condições de nosso país, isto é, sem modificações revolucionárias, possa o desenvolvimento da economia seguir um curso independente, e que teme que semelhante curso, sob a direção da burguesia, leve a uma ditadura burguesa com todas as suas mazelas. E' evidente que o camarada Pomar não compreende a nova situação mundial e não pode por isso ver que na luta contra o explorador imperialista a burguesia dos países economicamente atrasados e dependentes é cada vez mais obrigada a apoiar-se internamente, na própria classe operária e em seu partido de vanguarda e, externamente, nos países do campo socialista. Os recentes acontecimentos de Cuba constituem a melhor comprovação do acerto e mostram como a revolução nacional e democrática, iniciada sob a direção da burguesia, avança em sentido completamente oposto ao de uma ditadura fascista.

No fundo, os camaradas que pensam poder traçar a linha política de nosso Partido sem tomar em consideração, antes e acima de tudo, as novas condições internacionais afastam-se na prática do internacionalismo proletário e caem na quilo-rião nacionalismo pequeno-burguês. A pretensão de defender os interesses do proletariado do próprio país negam-se a participar da luta pelo desenvolvimento econômico, des- quido que o desenvolvimento capitalista dos países atrasados e dependentes ao contrário de reforçar o sistema capitalista mundial o debilita e que ser internacionalista é hoje, antes e acima de tudo, lutar contra o imperialismo. Esquecer-se tais camaradas da lição de Lenin ao afirmar que o internacionalismo proletário exige «a subordinação dos interesses da luta proletária em um país aos interesses desta luta em escala mundial» (ver «Esbôço inicial de Teses sobre o problema nacional e colonial»). A tarefa primordial da classe operária, nos dias de hoje, é defender a paz, é contribuir para a derrota dos provocadores de guerra, e, no caso brasileiro, lutar pela completa emancipação nacional, pelo desenvolvimento independente da economia nacional.

E' ainda uma falsa avaliação da situação internacional que leva diversos camaradas a horrorizarem-se com a tese da possibilidade real de um caminho pacífico para a revolução brasileira. Subestimam os referidos camaradas a força crescente do sistema socialista mundial, a desagregação do sistema colonial e as demais contradições que minam o sistema capitalista mundial. Por sua vez, o crescimento do movimento nacionalista, a força crescente do movimento operário e a democratização da vida política são fatores internos que nos permitem ver como real a possibilidade de otegrarmos a um poder revolucionário das forças antimperialistas e antifascistas sem a necessidade da utilização das formas mais violentas da luta de classes, com a insurreição armada e a guerra civil. O caminho pacífico não nega, de forma alguma, as demais formas da luta de classes, mas, ao contrário, exige a luta mais consequente por reformas profundas na estrutura econômica e nas instituições políticas. Nesta questão do caminho pacífico possível para a revolução talvez um único reparo pudesse ser feito às formulações empregadas nas Teses para a discussão. Ao ser afirmado com acerto que devemos nos preparar também para o caminho não pacífico, seria melhor não restringir-lhe apenas ao caso particular da conspiração das forças reacionárias contra as forças revolucionárias. Não podemos jamais prever a sucessão dos acontecimentos a não ser em linhas muito gerais. Lutando por transformar em realidade a possibilidade de um caminho pacífico para a revolução brasileira, devemos estar preparados para tomar, sem medo, pelo caminho não pacífico sempre que a correlação de forças for favorável e garanta uma possível vitória das forças revolucionárias. Por vê-las, circunstâncias imprevisíveis, podem nos obrigar a utilizar formas mais agudas de luta e, como revolucionários, não temos o direito de deixar passar inativos ou omitidos certos instantes favoráveis. Na vida dos povos, há por vezes momentos em que, como dizia Lenin na véspera do 7 de novembro de 1917, «retardar a insurreição é a morte», isto é, é perder uma oportunidade feliz.

Não é possível neste artigo abordar outras causas dos erros políticos que cometemos até 1958 e que foram por mim levantadas na intervenção que fiz na reunião de março daquele ano, publicada em VOZ OPERÁRIA da época sob o título — «E' indispensável a crítica e a autocrítica de nossa atividade para compreender e aplicar uma nova política». A essência de nossos erros políticos consistiu numa compreensão «esquerdista» do processo revolucionário e em suas raízes mais profundas no subjetivismo que se expressou da ideologia pequeno-burguesa nas fileiras de nosso Partido. Nós, dirigentes do Partido, que fomos os maiores responsáveis pelos erros cometidos, só poderemos avançar no caminho de melhor assimilação da ideologia do proletariado uma autocrítica séria e profunda. E' o que já exige todo o Partido que não pode admitir que após tão sérios reveses persistamos no mesmo lugar, naquela posição de demora pequeno-burguês a que se refere Marx em seu «Zetzel Bruno» e que «sal da derrota mais iminente não imaculou como inocente né a entrou, com a convicção recém adqui-

rida de que tem necessariamente que vencer, não de que ele próprio e seu partido têm que abandonar a velha posição, mas de que, pelo contrário, são as condições que precisam amadurecer para se colocarem em harmonia com ele.» (Obras escolhidas, em espanhol, pg. 253).

As Teses para a discussão refletem um sério esforço no sentido de fundamentar a atual linha política do Partido que teve sua primeira formulação na Declaração de março de 1958. Baseadas na prática de dois anos de aplicação da linha política, as Teses já formulam de maneira diferente uma série de problemas, procuram suprir falhas e omissões da Declaração e mesmo corrigir alguns erros. Nas Teses tenta-se também a formulação de numerosos problemas teóricos da revolução brasileira que vinham sendo até agora enfrentados de maneira errônea e, em geral dogmática.

As acusações de direitismo e inclusive de revisionismo associadas por alguns camaradas contra a atual linha política e os documentos em debate não nos parecem ter qualquer consistência, traduzem em geral a reação daqueles que ainda não conseguiram se desprender das ideias sectárias e «esquerdistas» dominantes durante tantos anos em nosso Partido e, muito especialmente, em seus círculos dirigentes. Isto não significa que não seja nosso dever nos mantermos vigilantes, a fim de evitar que ao sair das posições de esquerda sejamos levados ao erro oposto, e ao combatermos o dogmatismo não sejamos arrastados ao pântano do revisionismo. E' de esperar que com a colaboração de todo o Partido sejamos capazes de evitar os erros e desvios de maior gravidade, bem como de melhorar e precisar o muito que, sem dúvida, ainda há de imprecisão e pouco claro nas Teses em discussão.

Para a maior parte do Partido a extensão do documento em discussão dificultou seu estudo e uma mais rápida assimilação da linha política. Preocupados em dar resposta aos numerosos problemas em discussão em nossas fileiras, talvez não tenha sido de todo justo pretender desde já firmar posição a respeito de todos eles, acentuando, assim, divergências que poderiam ter sido evitadas e dificultando principalmente às bases do Partido uma mais rápida assimilação dos problemas essenciais da linha política. Além disso, em documento de semelhante extensão, elaborado em tempo relativamente limitado, são inevitáveis as repetições e mesmo as contradições que dificultam também sua assimilação.

Pensamos que a maneira por que está colocado o problema das contradições na sociedade brasileira merece exame mais aprofundado. Não cremos que tenham razão os camaradas que dizem que ao se falar nas Teses de maneira tão concisa e elucidativa principal dominante, omite-se a defesa das reivindicações dos operários e camponeses. Na Tese de número 27 disse claramente que o proletariado é a força mais firme e consciente da frente única, e que o proletariado só pode fortalecer-se como classe, organizar-se e adquirir consciência revolucionária se, ao lado da luta pela interesses gerais da nação, travar a luta de classes contra a burguesia. E' na Tese de número 30 se diz: «A aliança do proletariado urbano com as massas trabalhadoras do campo é condição básica para que ele possa imprimir ao movimento revolucionário uma direção firme». Além disso, nas Teses de números 41 e 42 são levantadas as reivindicações dos trabalhadores. Parece-nos, no entanto, que convém examinar se a maneira por que foi colocado o problema da contradição principal não determinou que se acentuasse a subordinação das demais contradições, quando muito mais importante é destacar a íntima relação entre todas existente e que não se trata, de forma alguma, de amainar as contradições secundárias. Talvez por isso alguns camaradas são levados a dizer que têm a impressão de que a esperança principal não está no movimento de massas e sim na burguesia e nas forças do governo. E' certo que na Tese de número 28 se afirma: «Uma justa relação entre os problemas gerais da nação e os interesses vitais das massas é condição essencial para alargar e reforçar as bases da frente única, mediante a participação ativa das massas trabalhadoras e populares». De qualquer maneira, talvez a essência da questão pudesse ficar mais clara se, em vez de destacar-se a contradição principal dominante de maneira tão insistente, dissessemos que no curso da luta antimperialista é necessário desenvolver um amplo movimento democrático de massas, se acentuássemos mais a necessidade da luta de massas, destacando suas reivindicações levantando as tarefas básicas do Partido no movimento sindical, no trabalho no campo e entre outras camadas da população laboriosa.

Alguns camaradas vêem nas Teses um certo exagero a respeito do papel da burguesia no movimento antimperialista e no curso de todo o desenvolvimento. Outros chegam a falar de objetivismo na análise que se faz da situação nacional. A questão merece também um exame atento. E' certo que nas Teses não se acentua com a força que talvez fosse necessário o verdadeiro caráter do regime político atual e não se mostra com o necessário vigor que o aparelho estatal brasileiro é utilizado para explorar o povo e, na política exterior, para apoiar um curso favorável aos imperialistas norte-americanos. Se bem que nas Teses sejam apresentadas as soluções positivas no que tange às reivindicações das massas e a uma política exterior independente, nelas não se faz com o necessário vigor a crítica ao regime atual e ao aparelho estatal, o que dificulta a mobilização de massas para a luta por aquelas soluções positivas. E' através, porém, da intensificação das lutas de massas por suas reivindicações econômicas e democráticas, em defesa da paz e contra uma política exterior favorável aos Estados Unidos, que se intensifica a luta nacional libertadora. O problema das justas relações entre o proletariado e a burguesia precisa por isso ser formulado em maior profundidade, de maneira a evitarmos qualquer exagero a respeito do papel da burguesia na luta pela emancipação nacional e pelo progresso.

Esperemos que o Congresso do Partido saiba recolher a contribuição construtiva de todos os comunistas e contiga, assim, partindo dos documentos em debate, da sistematização de nossa rica experiência e do estudo atento da experiência do movimento comunista mundial, chegar à elaboração de uma justa linha política.

## Tribuna de Debate

NERY MACHADO

# Os Povos Não Querem Palavras, Exigem Fatos

De modo geral falamos muito e agimos pouco. O espírito de combatividade do Partido está afluando cada vez mais. Sentimo isto diariamente máxime com a efervescência de caráter nacionalista que vem entusiasmando o povo brasileiro principalmente o setor intelectual do proletariado.

O entusiasmo nacionalista é muito louvável, não resta dúvida, mas, praticamente, pouco resolve, por isso que os elementos que o constituem, por ignorância ou conveniência, não dão o devido apelo às massas, não acreditam na capacidade realizadora destas.

Por outro lado, o índice ideológico dos elementos componentes das organizações de base que, como sabemos, constituem o alicerce de toda a organização do Partido, o elo de ligação deste com as massas, parece de ser levantado sem delongas.

Se nós, cuja missão é dirigir as massas de milhões na luta por um governo socialista, não tivermos uma compreensão exata da ideologia do Partido, ficaremos no mesmo caso de um cego conduzindo outro cego.

O desconhecimento da doutrina do marxismo-leninismo incapacita os dirigentes no sentido de uma luta acirrada contra as diversas correntes ideológicas reacionárias: burguesas, oportunistas, direitistas e outras que contrariam a essência do estado socialista.

Evidentemente o nosso estilo de estudo, de trabalho e de linguagem precisa de ser modificado sem o que não eliminaremos o subjetivismo, o sectarismo e o formalismo do Partido. Se o estilo de trabalho do Partido, sem sectarismo, for aplicado de modo correto, não tenhamos dúvida, as massas nos aplaudirão.

Não é possível conseguir bons órgãos dirigentes, quadros bem constituídos e militantes esclarecidos sem o conhecimento exato do marxismo-leninismo substanciado na unidade da teoria e da prática.

Sugerimos desde já que terminado os debates seja designada uma comissão para, com o material colhido, usando linguagem concisa e precisa, preparar um manual com cerca de 300 páginas aproximadamente, no mesmo tipo de papel das "Teses para discussão e Projeto de Estatutos" vendido por preço que cubra apenas o custo, acrescido de 10% para a Editora. Esse manual, será de grande utilidade para todos os que se interessarem pela divulgação do socialismo em nosso país.

No que diz respeito às Teses apresentadas para discussão temos alguns pontos a comentar: — Não concordamos com a opinião de que o «elemento progressista por excelência» é o capitalismo nacional. Isto equivale a dar a preponderância à burguesia brasileira na luta antimperialista e democrática, subestimando, assim, a atividade revolucionária das massas trabalhadoras.

A burguesia não entregará o poder político ao proletariado sem luta revolucionária, os exemplos são inúmeros: a grande Revolução Socialista de Outubro, 1917; a revolução da China, em 1949; a revolução cubana, a independência do Congo Belga, a luta da Argélia, etc. E' preciso ser revolucionário e não reformista, é indispensável não dissimular as contradições, mas sim descobri-las e superá-las com a força política proletária inexorável de luta de classes, assim nos ensina o materialismo dialético e histórico.

Se pretendemos de fato transformar o proletariado de classe oprimida e explorada pelo capitalismo, seja este alienígena ou indígena, em classe dominante, o que nos resta a fazer é incentivar o acúmulo gradual das forças desse mesmo proletariado, pelo crescimento numérico, associacionismo com todos os trabalhadores, organização aproximada e consciência de classe levada ao máximo.

O principal elemento incentivador de nossa presente etapa revolucionária é sem dúvida o imperialismo norte-americano enraizado ultimamente pelo imperialismo alemão (indústria automobilística) e pelo japonês: estaleiros, indústria da pesca e outros tentáculos com que estão pretendendo nos sublevar ainda...

A contradição fundamental que vem se acentuando dia-a-dia motivada pelo imperialismo norte-americano agindo de maneira voraz, apanhando por alguns setores da burguesia, entre os quais o da maioria parlamentar, está a indicar que não devemos perder tempo com medidas conciliatórias admitindo que o espontaneísmo e a modificação

das forças produtivas possam em curto prazo levar a um governo socialista. A espiral inflacionária que envolve e constringe todo o povo não justifica mais delongas nas medidas coercitivas a serem tomadas urgentemente.

Se quisermos sobreviver temos que despertar e lutar. A massa camponesa, constituída aproximadamente pela terça parte das forças revolucionárias, sendo os outros dois terços representados pelo operariado, proletários e pequena burguesia, não tem sido convenientemente esclarecida apesar de haver, no momento, condições para isso: ausência de força moral de quem poderia obstar e o regime de fome imperante que está exaurindo as energias do povo brasileiro, principalmente da laboriosa parcela que constitui a massa camponesa. Como vive a maioria dos camponeses no Brasil! Ainda que pareça um absurdo, eles, que produzem para abastecer as cidades, de cereais, frutas, carne, leite, queijo, manteiga, etc., eles, que plantam e cultivam o café, que com o cacau e o algodão constituem os produtos básicos da economia nacional vivem, ou antes vegetam, sob o domínio da fome crônica, desnutridos, doentes, sem um hospital regional que os abriguem e as mulheres sem poder apelar para uma maternidade técnica e econômica aparelhada. Que fazer diante de tudo isso? Esperar? Até quando? Apelar para a tão preconizada arma, o voto, ou as coligações partidárias que só se preocupam com demagogia e interesses individualistas? Pensamos que não. O que precisamos é despertar para a vida consciente. Lutar pelos nossos direitos. Toda a história da sociedade é a história de lutas de classes, entre exploradores e explorados, entre opressores e oprimidos.

Na época em que Marx e Engels publicaram o «Manifesto do Partido Comunista» não havia telefone, rádio nem aviões, entretanto as ideias desses dois gênios imortais difundiram-se no meio das massas trabalhadoras de todos os países. Hoje, que dispomos de todos esses recursos ficamos quase em atitude contemplativa ou vamos a rebuque de políticos corruptos e sem moral alguma. Em nossa opinião o Partido tem prevaricado apoiando políticos corruptos ao invés de optar pela abstenção. Dizem os líderes do Partido que isso é sectarismo, alegam que nesses casos não é o político A ou B que estaremos apoiando é o seu eleitorado que estaremos conquistando. Não nos conformamos com essa orientação de apoiar políticos ignorantes, desconhecidos, os problemas econômicos e sociais mais importantes do país e ainda sem nenhum lastro moral. O povo também não aceita essa norma e fica considerando o Partido como da mesma laia do candidato. Cabe aqui o proverbio popular «diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és».

Será bom que os companheiros que não concordaram com nosso modo de pensar tenham sempre na memória as palavras de Lenin quando se referia ao Partido: «Né acreditados, nele vemos a inteligência, a honra e a consciência da nossa era.»

Voltando às teses. O inciso a) da tese 42 aconselha o reajustamento geral dos salários. Isto a nosso ver é a aplicação do princípio homeopático: curar a doença com o agente que determine a própria doença. E o mesmo círculo vicioso que vem de longa data: reajustamento dos salários, aumento de impostos, vida mais cara; vida mais cara, reajustamento salarial, aumento de impostos e assim vai-se de um a outro ano na abominável repetição dos mesmos erros.

No inciso b) da mesma tese lê-se: «Contenção da carestia da vida, com a adoção de medidas concretas (o grifo é nosso) contra a alta dos preços.» Como adotará essas medidas concretas no atual regime econômico-social se o governo nomeia para os postos que deveriam tomar essas medidas indivíduos sem escrúpulo algum, que se deixam subornar com a maior desfaçatez?

O primeiro parágrafo da tese 43 pode ser todo suprimido sem fazer falta alguma. Na parte referente à legalidade do Partido, no último período do 4º parágrafo, sugerimos transcrever à maneira de nota, ao pé da página, os dizeres do artigo 9 da lei 1808 — Lei de Defesa do Estado.

Quando ao Projeto de Estatutos não temos objeção nenhuma a fazer a não ser talvez redação mais clara em alguns trechos.

LUCAS P. OLIVEIRA (São Paulo)

# Por Uma Política Independente Para as Massas

Como operário e elemento de base que tem acompanhado o debate, não podia passar sem dar minha opinião sobre as Teses e os artigos que, ao meu ver, têm aprofundado bastante os problemas da revolução brasileira.

Acho que existem posições de direita e outras de esquerda. Na realidade os companheiros que pegam uma política de direita não conseguiram, em tantos anos, nem sequer harmonizar o pensamento do conjunto da direção do partido e nunca levaram as massas para uma política independente que elas desejam, dentro da realidade brasileira.

A classe operária, nos últimos anos, tem se jogado com entusiasmo em vários movimentos quase sem direção, como greves espontâneas e quebra-quebras como o de Niterói, etc., pois perderam a confiança nos homens indicados pelo Partido. E' claro que as massas procuram uma saída própria e desanimadas com a política do Partido, dizem-se enganar pelos que melhor fazem demagogia, como Janio e Cia.

A classe não acredita no nacionalismo de Lott, que grita aos quatro cantos do país contra a política da União Soviética, contra Cuba e contra a legalidade do Partido. Os companheiros chamados de esquerda são, ao meu ver, os que melhor estudam o problema da linha a ser seguida depois do V Congresso e, por exemplo, o companheiro Marcos Pereira, com seu artigo «Opiniões sobre o debate», embora um tanto compreido, dá de fato «aula» de comunismo aos que lideram nosso partido.

O verdadeiro papel dos comunistas é mesmo falar a verdade para o povo e não esquecer também os ensinamentos dos líderes do socialismo Lenin foi um revolucionário e não deixou uma «cartilha» que nos ensiasse a fazer frente única a todo custo, para defender diretamente ou indiretamente o capitalismo explorador. O caminho pacífico da revolução e a «coexistência pacífica» são ao meu ver teses falsas. Lembro que o camarada Kruchiov diz na Europa que «Deus está com o socialismo» e que a coexistência pacífica é o verdadeiro caminho, mas na prática é obrigado a mostrar que lançará foguetes sobre os Estados Unidos caso venham intervir militarmente sobre Cuba.

Tenho sido criticado várias vezes por não concordar com os pontos de vista dos que querem fazer frente com a burguesia a todo custo. Pergunto: será que o exemplo do apoio errôneo ao Ademar, Cirilo Junior, Prêles Maia, e tantos outros não ensinam nada?

A minha preocupação é que o esforço das militantes não seja inútil por causa de uma linha errada. Nós comunistas de base temos o direito de lembrar aos dirigentes do partido que precisamos de uma linha política independente e que mobilize a massa, começando por suas reivindicações mais sentidas, como aumento geral de salários e revisão do salário mínimo imediatamente.

Não podemos cair no erro do PC do Egito, que apoia os nacionalistas e eles encheram os cárceres de comunistas, e nem no erro do PC do Iraque, que perde uma grande oportunidade para tomar o poder. Temos a grande responsabilidade de seguir um caminho próprio, sem sectarismo, para ganhar força correspondente à nossa fama e não nos enfraquecer organizatoriamente todos os dias.

Foco, por último, um apelo para que todos os militantes de base deem sua opinião, certa ou errada, porque é a base que garante a vida e o fortalecimento do Partido.

Lucas P. Oliveira — S. Paulo

JOSÉ DUARTE (S. Paulo)

# Para Acertar em Política: Olhemos Para a Frente e Não Para o Passado

Estão de parabéns os comunistas e todo o povo brasileiro, particularmente a classe operária e os camponeses, com o debate que ora se processa em torno das Teses e dos Estatutos, que depois de amplamente estudados e analisados pelo coletivo do Partido, eliminados os pontos de divergência, serviram de orientação aos comunistas e a todo o povo nesta fase da revolução brasileira.

E' através da discussão, corajosa e franca, dentro de princípios que devemos descobrir a verdade e elevar cada vez mais o nosso conhecimento.

Nada melhor, portanto, de que chamar para o debate todos os membros do Partido. Esta é a forma de se encontrar o rumo certo: conduzir, mais rapidamente, a classe do proletariado ao poder.

Mister se torna também consignar a desaprovção à forma pela qual estão querendo conduzir os debates, os camaradas Jacob Gorender, Milton Eloy Nicolau Abrantes, José Armando de Castro, Arlindo Lucena e Fragmon Carlos Borges. É uma forma não comunista, ou melhor dito, pequeno burguesa, com a qual procuram sufocar as opiniões e intimidar os camaradas que expressam pontos de vistas contrários aos seus. Esses métodos nos levarão de volta ao passado que essas camaradas tanto condenam e que, também, foram por eles largamente praticados, sem que até agora se verificasse autocritica de sua parte, das posições sectárias, dogmáticas e mandonistas e, mais do que isso, discriminatórias de que eram portadoras. Vamos camaradas, façam autocritica, por que só assim o Partido se reforçará. Quando se é portador de erros e se muda de posição para corrigi-los, devemos ter a coragem de dizê-lo e não imputar esses erros a outros, como se na a tivéssemos com isso.

Estamos seriamente preocupados em encontrar o caminho mais curto e menos penoso para atingir o nosso objetivo. Para encontrá-lo, certamente, devemos partir dos erros do passado, mas sem comilitar os do presente. Tivemos erros de esquerda no passado remoto e recente, mas nesse mesmo período tivemos erros de direita. O período de 1934 a 1942 se caracterizou fundamentalmente por erros de esquerda e aventureiros; o período de 1942 a 1947 se caracterizou fundamentalmente por erros de direita do mesmo modo aventureiros, já que esquerda e direita são duas faces de uma mesma moeda e que no final dão o mesmo resultado: isolamento das massas e, principalmente da classe operária e dos camponeses. Ao desapertarmos o cinto em 1947, voltamos novamente ao esquerdismo que perdurou em nossa orientação até meados de 1957. Ao corrigirmos essa posição, voltamos para as posições de direita e, desta vez, com certas características mais graves, de fundo revisionista e até certo ponto liquidacionista.

Por que então, ligados com as massas e com maior influência, não conseguimos eleger um vereador sequer? Esta interrogação exige resposta das camaradas de Santos, São Paulo, Sorocaba, Santo André e do Rio de Janeiro. Não seria melhor, não ajudaria mais o conjunto do Partido se analisassem estes fenômenos, autocriticamente, de que ficar à procura de carimbos para atirar-lhes contra camaradas? As bases do nosso Partido e a classe trabalhadora esperam isto!!! Façamos-o que o povo o reconhecerá.

Deve-se partir, para uma análise correta, da nossa orientação, a ser traçada, do ponto de vista que a maior parte dos poucos sucessos e êxitos que obtivemos, durante estes dois últimos anos, foi mais em consequência dos acontecimentos externos do que em virtude da linha política da "Declaração". Vivemos a época do socialismo que já atinge metade do globo e quase metade da população do planeta, e que pode ser levado a todos os países do mundo seja qual for o seu grau de desenvolvimento econômico e social no momento que estamos vivendo.

Em 1917, na Rússia, as relações de produção e mesmo as forças produtivas eram enormemente atrasadas. O mesmo se pode dizer da China em 1948. Não obstante, com todo este atraso, a Rússia e a China puderam dar um salto para o socialismo.

O contrário se verifica na velha Inglaterra e nos Estados Unidos da América do Norte, onde as relações de produção e o caráter das forças produtivas atingiram um alto grau de desenvolvimento e, no entanto, estão ficando para trás. Por que ocorre isto? Não será porque os revolucionários russos e chineses basearam sua tática nos movimentos sociais, partindo das forças da sociedade mais revolucionárias — o proletariado e os camponeses? Os revolucionários só poderão conduzir o processo da revolução e alcançar com êxito seus objetivos se assentarem sua tática nas classes sociais e consequentemente revolucionárias. Terá a burguesia, aqui no Brasil, esta característica, por muito progressista que seja? A história responde isto que se tem verificado nos países onde apesar do alto desenvolvimento capitalista não conseguiram avançar. Os maiores exemplos disto são a Inglaterra reformista e os Estados Unidos da América do Norte, para só citarmos estes dois. A burguesia pode lutar na frente única em determinadas conjunturas, mas não se poderá nunca ter ilusões.

Por isso possuímos a opinião de que tanto a linha política da "Declaração de Março de 1958" e bem assim das Teses em discussão deve ser examinada com espírito autocritico. Pensamos que parte de premissas falsas, de crescimento da burguesia e do consequente progresso capitalista.

Se colocarmos nas teses esta premissa, estamos, sem o querer, dificultando a frente única com a própria burguesia. O que cresce, se desenvolve e ganha força, não aceitará frente única com quem contraria os seus interesses de classe.

Se continuarmos assim, com esta concepção de endearar a burguesia, exagerando suas virtudes revolucionárias, levaremos a classe do proletariado e os camponeses a se prosternarem diante dela. Mas isto não o conseguimos, porque esta concepção foge à realidade. A vida nos coloca perante as lutas do proletariado e dos camponeses, que se desenvolvem.

O desenvolvimento econômico é de mascladamento acentuado na "Declaração" e no programa. Hoje, na medida em que conta os fatores que o determinam. A partir de 1922, época em que tive

ram início os movimentos sociais de grande envergadura, por já participarem deles fortes contingentes do proletariado e dos camponeses. Estes movimentos se acentuaram mais ainda nos últimos vinte anos, isto é, de 1940 a esta data, devido, entre outros fatores, a segunda grande guerra, na qual foram envolvidos milhões e milhões de trabalhadores, para todos os mistérios das atividades humanas.

Na nossa opinião, o que impulsionou o desenvolvimento econômico foram estes grandes movimentos sociais e não os impulsos do capitalismo, como se afirma nas Teses. É certo que este último fator também deve ser considerado, mas não como princípio. Se a nossa tática for traçada, partindo do crescimento da burguesia e do consequente progresso do capitalismo e não dos movimentos sociais, será sempre uma tática oportunista. Marcharemos a rebouque da burguesia, o que aliás já ocorre. Não se poderá concordar, orientar a classe operária e os camponeses para que se contente com algumas migalhas e algumas reformas que a burguesia lhe conceder.

Se como comunistas quisermos, realmente, ocupar o lugar de vanguarda de que a história nos reserva e que nos compete no processo histórico revolucionário, temos que voltar as nossas atividades para as massas de milhões de operários e camponeses. Mas para que estas atividades sejam profícuas temos que levar em conta o novo que está penetrando na consciência de todos os que trabalham. Este novo é o socialismo já vitorioso na metade do globo terrestre e proporcionando dias felizes a quase metade da humanidade.

Se continuarmos a defender o capitalismo, mesmo que seja progressista e nacional, não conseguiremos atrair para os nossos objetivos essas camadas decisivas da revolução. O capitalismo seja ele nacional ou não, é sempre explorador e, não se pode vencer ninguém a se deixar explorar e a viver na desgraça. Toda a tática que se colocar fora do descontentamento das massas está condenada ao fracasso total. Estarão o proletariado, os camponeses e as grandes massas do nosso povo satisfeitos com o que al estão? O desenvolvimento capitalista estará elevando o padrão de vida do povo trabalhador ou enriquecendo cada vez mais um número cada vez menor de capitalistas em detrimento da maioria da população? O que poderá responder a estas perguntas é o confronto entre a renda nacional e a sua distribuição pelo número de habitantes. A renda nacional em 1958 foi de 976 bilhões de cruzeiros e está crescendo de ano para ano de acordo com

o desenvolvimento capitalista. Os lucros dos grandes industriais, nacionais e estrangeiros e dos latifundiários e grandes comerciantes é enorme. Em contraposição a média dos salários e dos vencimentos dos que trabalham é de Cr\$ 18.000,00 (dezoito mil cruzeiros) por ano.

A renda per capita, em 1958, era em São Paulo de Cr\$ 41.246,70, enquanto no Ceará, Maranhão e Piauí era de Cr\$ 4.606,10, 3.926,40 e 3.099,00, respectivamente (ver revista "Desenvolvimento e Conjuntura", n.º 3, março de 1958).

Enquanto 12.600.000 de camponeses auferiam da renda nacional 18,4%, 629 mil auferiam 38%, isto é, 42 vezes mais que os primeiros, 35 mil grandes empregadores auferiam 18% ou seja, 370 vezes mais em relação aos primeiros. Isto no setor do campo.

Vejam os agora o setor industrial, que nos apresenta o que segue. Os grandes empregadores percebem 250 vezes mais que os empregados e artesãos, enquanto que os empregados e artesãos ganham 4 vezes mais em média de que os trabalhadores rurais (ver revista "Desenvolvimento e Conjuntura", n.º 10, outubro de 1958, páginas 101 a 104). Será isto um bem para a maioria do povo brasileiro?

Se o capitalismo ainda conseguir existir por algum tempo, não seja por que os comunistas o defendam. Ao contrário, o socialismo que constitui a esperança de milhões e milhões que ainda vivem oprimidos e explorados e que facilmente se incorporarão à luta, para acabar com a exploração e construir a sua felicidade.

Dizem os grandes mestres do marxismo-leninismo que quem quiser acertar em política deve olhar para o futuro e não para o passado, para a frente e não para trás.

Se quisermos triunfar devemos abandonar a formulação "de que não existem nas atuais circunstâncias condições para o socialismo em nosso país". Isto é erro e oportunista. O triunfo pertence àqueles que abandonam o que está morrendo e marcham com o que se desenvolve. O capitalismo morre. Devemos entrê-lo. O socialismo cresce e se desenvolve. E' nosso dever lutar por ele em quaisquer circunstâncias.

Concordo com os camaradas que acham que o tempo para se debater problema tão importante, como sejam a tática e a estratégia do Partido, é pouco. Opinamos para que seja prorrogado para 180 dias.

Se tivermos tempo e espaço, voltaremos para tentar ajudar a descobrir a origem dos nossos erros.

São Paulo, julho de 1960.

Se quisermos triunfar devemos abandonar a formulação "de que não existem nas atuais circunstâncias condições para o socialismo em nosso país". Isto é erro e oportunista. O triunfo pertence àqueles que abandonam o que está morrendo e marcham com o que se desenvolve. O capitalismo morre. Devemos entrê-lo. O socialismo cresce e se desenvolve. E' nosso dever lutar por ele em quaisquer circunstâncias.

LEONARDO RODRIGUES (Volta Redonda)

# Ser Comunista!

Desajamos manifestar a nossa satisfação, pelos debates ora travados, nas colunas democráticas de NOVOS RUMOS. Muito bem, Camaradas, Saldamos em campo e participemos da luta. Luta aberta, franca e decidida, sem subterfúgios, sem temores, luta honesta, sem paralisismo. Falamos francamente. Defendamos nossas opiniões livremente. Vamos aprender a acertar coletivamente. Entremos portanto no formidável debate, demonstração punjante do fortalecimento de nosso querido Partido, sentinela avançada da Classe Operária, na luta pela emancipação de nossa querida Pátria.

Cumpre-nos ressaltar, inicialmente, o nosso descontentamento pela enormidade do material publicado. Com honestidade, somos levados a reconhecer, a impraticabilidade de um debate profundo em nossas fileiras, sobre o documento "Teses para Discussão". Bem poucos camaradas se encontram em condições de analisá-lo marxistamente. Dentre eles, aqui estamos nós. Mesmo assim, nos animamos a escrever, porque dentro de um esforço hercúleo conseguimos ler o trabalho elaborado pelos Camaradas dirigíveis, e alguns aspectos notados no mesmo animaram-nos a emitir nossas opiniões.

Quando em 1950, ferido no qual ingressamos no Partido, recebemos os primeiros ensinamentos, o batismo de fogo, como chamávamos, tendo logo de imediato, em pleno cumprimento do MANIFESTO DE AGOSTO, a obra comercial onde trabalhávamos invadida pela polícia e aprisionamento sem maiores esclarecimentos. O movimento revolucionário era considerado ultra-perigoso e o péso da reação policial, caía impiedosamente sobre os que usavam militar no glorioso Partido Comunista. Dal em diante, uma série sucessiva de cadeias e pauladas, levaram-nos à conclusão idiota de que éramos «machos», diferentes.

Sem dúvida alguma, hoje, nossos métodos de trabalho nos levam a outras posições. As condições para um crescimento do Partido são as mais favoráveis possíveis. O trabalho com nossos aliados é realizado em bases honestas, prevalecendo na Frente Única o espírito da maioria contra qualquer discriminação. Nós mesmos, participando da construção de uma entidade nacionalista, fomos levados pelo reconhecimento de seus membros a assumir temporariamente, a Presidência da mesma, sem o menor constrangimento por parte dos seus componentes. A confiança em nossas atitudes, de integral respeito às deliberações tomadas coletivamente, despertam simpatia à nossa direção e nossas opiniões são acatadas democraticamente.

Desde a reviravolta operada em nossas atitudes, a partir da DECLARAÇÃO DE MARÇO, sentimos que a existência de uma política inteligente, mais consentânea com a realidade em que vivemos, forçou-nos a uma aprofundada modificação em nossos métodos de trabalho junto às massas trabalhadoras de nossa Pátria. A persistência em métodos antigos de trabalho, com o não aproveitamento da grandeza de perspectivas preconizadas na DECLARAÇÃO, dificulta o nosso trabalho, prejudica o crescimento do Partido, restringindo a amplitude dos movimentos de massas.

É bem verdade, que não mudaremos da noite para o dia; não fomos capazes ainda de compreendermos a virada de quase 180 graus, que resultou em nossas atividades com a DECLARAÇÃO DE MARÇO, mas podemos perfeitamente conduzir a causa que abraçamos, tentando de imediato, sem maiores tardanças, a aplicação de alguns princípios, que julgamos essenciais para uma boa aceitação de nossas posições junto aos trabalhadores brasileiros.

Nós, Comunistas, temos que independentemente dos sofrimentos por que passamos, sermos fraternais com o Povo, carinhosos, meigos, ao ponto de convencê-lo de nossos elevados propósitos. Isto significa participarmos decididamente, das mais insignificantes reivindicações do povo. Desde a vaga na escola primária à matrícula na escola superior. Desde a falta de água à completa reforma no abastecimento. Nada pode ser descuidado. Nosso pósto é de luta, incessante, incansável.

Nas escolas, nas fábricas, nas casas comerciais, nas fazendas, nos hospitais, a nossa posição é de luta permanente. Diante da opressão, saibamos elevar nosso protesto. Que nenhuma injustiça, seja praticada diante de nossos olhos, sem o nosso mais veemente protesto público, indo até o desmascaramento e punição dos responsáveis. Que a massa sinta em cada um Comunista o amigo sincero, o homem em quem se pode confiar plenamente, o seu confiante no momentos difíceis, o seu orientador.

Chega de mais exemplos em nossas posições. Não pode ser um Comunista, quem não consegue aliar às pa-

# Tribuna de Debate

MARCOS PEREIRA

## Por um Programa Revolucionário

Não é possível fechar os olhos e tampar os ouvidos ao que está acontecendo no plano internacional, em Cuba dos últimos dias, em Santos, em toda parte. Ao contrário do que pensa o camarada Arlindo A. Lucena, o proletariado brasileiro avança, enquanto os «dirigentes» recuam. Deixemos as discussões apaixonadas, o burocratismo partidário, a rotina sindical da minoria e discutamos um programa revolucionário, com a mesma objetividade com que Fidel Castro apontou ao mundo a tirania imperialista contra seu país, dividida em quatro etapas.

Os debates são úteis, quando não desluzam para as generalizações apressadas, para o subjetivismo estéril, para o conformismo modorrento. Parece que a problemática partidária, apresentada assim, não atinge as raízes e as perspectivas do movimento de massas. Analisemos os fatos à luz da crítica feita pelo camarada Lucena:

- 1 — Pode haver luta ant imperialista sem a participação das massas? Como dinamizá-la então? Aliando-nos com a chamada burguesia progressista, que adquire «ações» na Light, esfomeia crescentemente o povo, fecha a COFAP para aumentar ainda mais os preços, desemprega milhares de operários?
  - 2 — Um programa revolucionário precisa ou não conter o imediato e o mediato, prover o presente e prever o futuro? Se houver a Revolução um dia, continuará o regime por até que se complete a etapa da nivelção política do campesinato com o proletariado?
  - 3 — Porque existe movimento sindical há de ser ele dirigido necessariamente pelos «pelegos», a serviço do DOPS, da «paz social», do Papa e da Federação das Indústrias? Apontá-lo é fazer alguma discriminação arbitrária? Seguir-se politicamente constitui boa política? Mas os sindicatos brasileiros, não vivem quase todos às moscas? Por que os operários fogem dos sindicatos e apenas um décimo do proletariado brasileiro é sindicalizado?
  - 4 — Este marxismo das Teses, de subordinar a luta de classes exclusivamente à luta nacional, não será uma herança do estalinismo, cultivado tanto tempo pelo P. C. B. e depois criticado?
  - 5 — Os operários das Teses não falam na Revolução Brasileira, como algo de novo, de singularíssimo, que não pode ser compreendido no quadro geral da Revolução Latino-Americana?
- É impossível politizar um partido da noite para o dia. A nossa autossuficiência provém, em parte, do baixo nível ideológico da direção comunista e, consequentemente, das bases. Poucos dentre nós leram obras marxistas e houve tempo em que os estudá-las provocava sarcasmos. Lenin mesmo vem sendo comentado às avessas e lido como pal

do direitismo. Estamos cada vez mais confundidos com a plasticidade ideológica do marxismo. Os operários paulistas já não acreditam mais no P. C. e preferem Jânio, apesar de tudo. Muitos deles riem do nosso jornal, ao denunciarem o conformismo. Serão mal polinizados? Mas como politizá-los, explicando-lhes que os próprios aliados de Leite estão traíndo, se o marechal afirma que isto é mentira deslavada?

Não me chame pois de Messias a camarada Lucena, nem queira se superexcitar como defensor das Teses.

Urge, no momento, discutir e aprovar um programa revolucionário, sem preocupação de originalidade. As massas procuram um caminho, perderam muitas ilusões e hoje assistem, frias, aos comícios eleitorais. Falta-lhes quase tudo: o pão certo de cada dia, os transportes, as escolas, os empregos seguros. Sobem os preços, diminui o consumo dos gêneros de primeira necessidade. E' preciso elaborar o programa. Não elaborá-lo apenas. Isto é pouco. É necessário lutar por ele, pô-lo na boca das massas, torná-lo vivo nos debates ardorosos. Ninguém é revolucionário de mentira, de meia palavra, de termo médio. Ou se é lutador, ou não. As massas nunca pensam em termos de geladeiras. As vezes cometem grandes erros, porque os revolucionários, ou pretensos revolucionários lhes propõem charradas oportunistas para resolver.

Um programa revolucionário não tem donos: nasce nos sindicatos, nas organizações camponesas, nos grêmios estudantinos e contém naturalmente reivindicações imediatas e mediatas, ou coisas do presente e do futuro. Elaborado, pode ser superado pelos acontecimentos, ou aperfeiçoado mesmo, porque nasce da necessidade das massas, não do messianismo de qualquer espécie. Vou apenas apresentar alguns itens dum programa, de que quase nada é meu, registrando numerosas reivindicações de operários, camponeses, estudantes, pequenos burgueses pobres:

- 1 — Aperfeiçoamento efetivo da Legislação Trabalhista. Estabilidade do operário na fábrica, pois o desemprego já se tornou calamidade pública e espoliadores menores vão sendo aperfeiçoados criminosamente, substituindo os que têm salário mínimo.
- 2 — Reajustamento automático de toda a escala salarial, proporcional ao aumento dos preços. Não é possível morrer de fome, trabalhando, embora isto seja indiferente aos «pelegos», aliados à classe patronal.
- 3 — Plano nacional de industrialização, que coordene globalmente a economia do país e a coloque ao serviço das massas. O progresso nacional não se mede pelos empréstimos bancários concedidos a industriais aventureiros, que se enriquecem da noite para o dia, à custa do pauperismo popular. Os investimentos imobiliários também refletem um negócio sútilíssimo contra a coletividade brasileira.
- 4 — Controle operário de todos os organismos de previdência social. Deve ser incluído no programa imediato o pagamento dos setenta bilhões de cruzeiros que a União subtraiu há mais de vinte anos dos Institutos de Previdência Social. Se a lei de previdência social não é aprovada, a culpa cabe aos dirigentes sindicais, comprometidos com os políticos continuistas.
- 5 — Direito mais amplo à instrução. Ensino primário inteiramente gratuito. Ensino secundário e universitário totalmente estatal e gratuito.
- 6 — Controle operário dos preços. Organismos operários de repressão contra acambarcadores e especuladores de todo o tipo.
- 7 — Poderia ainda apresentar outros Itens. Espero que outro companheiro o faça, referindo-se naturalmente à reforma agrária, à encampação de certas empresas estrangeiras e à constituição dum governo ant imperialista, etc.
- 8 — Não permanecemos roendo o osso do nacionalismo burguês. Não abandonemos as lutas camponesas, pois que há mais de trinta milhões de escravos no campo, morrendo de fome, analfabetos, desdentados, verminóticos, que acreditam ou querem acreditar no Partido Comunista. Não briguem entre nós por questão de princípios para não sermos ainda mais estranhos à classe operária. Não nos precipitemos na política de adesismo a candidatos burgueses, que nos hostilizam a toda hora. Não continuemos a engulir as pilulas doiradas da burguesia nacional, nesta farsa eleitoral.

São Paulo, 8 de julho de 1960.

LÁZARO P. MAIA (S. Paulo)

## Teoria Revolucionária Sem a Prática Nada Vale

Certos camaradas que estão participando dos debates, têm uma enorme preocupação com a teoria revolucionária. Isto a meu ver é justo, todavia estes companheiros esquecem que sem ligar a teoria revolucionária à prática, de nada valem seus conhecimentos técnicos. O palavreado revolucionário tem a capacidade de levar à prática as tarefas fundamentais do movimento operário.

Não pretendia citar nomes, e nem tampouco participar dos debates. Mas como conheci os restos mortais da velha linha, jamais poderia ficar indiferente ao que alguns companheiros vêm levantando contra a «Declaração» e as Teses em discussão. Os companheiros Pomar, Amazonas, Chade, Pioto, etc., em vez de procurarem estudar as Teses em discussão resolveram seguir a Plataforma de Maurício Grabois. Esqueceram estes companheiros, que as teses em discussão são nada mais nada menos que a sabedoria e a experiência de todo o conjunto do Partido. Acostumados no mandonismo, estes camaradas de maneira nenhuma podem estar de acordo com as TESSES, pois as mesmas refletem a luz de uma época: va. Falhar em Reforma Agrária, em aliança Operário-Camponesa, tomar as fábricas dos burgueses, é realmente um palavreado bonito. Que fizemos durante anos e anos, com esse palavreado? Foi acaso forçarmos a Aliança Operário-Camponesa, quantas Fbricas foram confiscadas, qual o latifúndio divi-

dido, e qual a empresa Imperialista Nacionalizada?

Pois bem, com a DECLARAÇÃO de 58 houve uma reviravolta nunca vista em nosso Partido, o programa CIENTIFICO foi para o MUSEU, os comunistas vieram para a LEGALIDADE, a Bond-Share foi NACIONALIZADA, a Fazenda Nova Galiléia em Pernambuco está em mãos dos camponeses, já não se faz greves de meia dúzia de gates e sim greves de verdade. Ex.: Santos, Pôrto Alegre, etc., o nosso 5º Congresso não é patrimônio mais dos teóricos, dos Congressos Sindicais já participa a Classe Operária, nos O.B.S. não existe mais aquele famoso «JA FALARAM TUDO».

Diz o camarada Pomar que o Partido está diluindo, só se for onde está dando assistência, pois nos lugares onde não existe os magos da teoria o Partido cresce a passos largos. Diz também o camarada Pomar que não teme intimidações, é pela primeira vez que ouço isso depois de 58.

E' simples entenderem o que querem estes companheiros, quem voltar para as direções superiores do Partido, pois prozerram na prática aqui em baixo suas debilidades e mostraram com isso que não estão aptos a se adaptarem à nova linha.

Para frente camaradas, os esquerdistas ultra-revolucionários são na prática, nada mais nada menos, que OPORTUNISTAS DE DIREITA.

Viva o P.C.B.  
LÁZARO P. MAIA — São Paulo.



# Tribuna de Debate

IVAN RAMOS RIBEIRO

## Nova Etapa na História do Partido

Em certo instante do desenvolvimento da vida social, o partido do proletariado surge e passa a existir como necessidade histórica. Criado pelo homem, pelos comunistas, e constituindo a organização viva destes, o partido está subordinado, como entidade social que é, a leis objetivas determinadas. A essência dessas leis é a centralização democrática.

A centralização surgiu na organização da vida social em tempos remotos e desenvolveu-se através dum longo processo histórico, conhecendo, com a sucessão das diferentes formações econômico-sociais, formas diversas e mais ou menos despóticas, — militares e burocráticas. Com o advento do capitalismo, ao lado de formas de centralização que chegaram a ser inauditamente extensas, potentes e opressivas, aparecem, num ou noutro país, as primeiras manifestações de centralização democrática da vida social.

Marx e Engels as assinalam, nos primórdios da sociedade capitalista, na França (de 1792 a 1798) e nos Estados Unidos à mesma época, assim como, até em pleno século XIX, nas colônias inglesas do Canadá, Austrália e outras. Os fundadores do socialismo científico, e, mais tarde Lenin, deram a essas manifestações, apesar do seu caráter burguês e, por isso mesmo, elementar e temporário, toda a importância histórica que têm.

Mas é com o desenvolvimento do proletariado como classe revolucionária, vanguarda da luta pela criação de um tipo novo de sociedade, sem classes, que vai amadurecendo estável e definitivamente a necessidade de centralização democrática da vida social.

A centralização democrática é, com efeito, em definitivo, a organização do movimento interno da sociedade humana que surge, busca impor-se e triunfa quando chega a época em que as grandes massas podem e devem dirigir-se a si mesmas, enfrentando e pondo abaixo a centralização antidemocrática das classes minoritárias, privilegiadas, exploradoras.

A primeira grande manifestação histórica de centralização democrática proletária foi a Comuna de Paris. Baseando-se sobretudo na experiência riquíssima da Comuna (e também nas manifestações burguesas de centralização democrática a que acima nos referimos) Marx e Engels elaboraram os primeiros rudimentos teóricos sobre essa forma de movimento da organização social, mais tarde desenvolvidos a fundo e, se se pode dizer, sistematizados por Lenin.

Foi assim que, com a criação da concepção e método do materialismo dialético e com o início da formação, na velha Rússia, do partido de classe do proletariado como partido de novo tipo, a centralização democrática, cujos germes tinham emergido objetivamente e espontaneamente na vida social, começou a refletir-se cientificamente na consciência humana, até chegar ao ponto de traduzir-se em princípio racional, — o princípio do centralismo democrático. E aquelas leis objetivas, que norteiam o movimento interno do que se vai tornando e se vai tornando o partido, chegaram por sua vez a traduzir-se, aproximadamente, em leis racionais, que encerram o princípio e juntamente com ele, constituem a medula da teoria do partido. (As relações entre o partido, de um lado, e a classe e as massas trabalhadoras e a classe e as massas trabalhadoras em geral, de outro, são também de natureza centralista democrática e, ao desenvolver-se, vão até à centralização democrática de toda a sociedade, que se inicia com o advento da ditadura do proletariado dirigido por seu partido, a União Soviética e todos os demais países socialistas são sociedades centralizadas democráticas. Mas este aspecto fundamental da realidade do partido, do seu movimento externo, é aqui em geral deixado à margem do ponto de vista formal, expositivo).

O centralismo democrático e as leis do desenvolvimento do partido são, portanto, manifestações particulares da dialética e de suas leis, e constituem, assim, ao mesmo tempo, uma particularização dos princípios e leis do conhecimento. O centralismo democrático é, em um de seus aspectos, uma expressão do princípio fundamental do conhecimento: "Da intuição viva ao pensamento abstrato, e *déle à prática*" (Lenin), ou seja, digamos: do pensamento abstrato da direção partidária (*centro*) à prática de todo o partido (*democracia*) e dessa prática, através da intuição viva, de novo ao pensamento abstrato; e, ainda: do pensamento abstrato do partido (*centro*) à prática das massas (*democracia*) e dessa prática, de novo, através da intuição viva do partido, ao pensamento abstrato.

O partido comunista, com efeito, ocupa na sucessão histórica multiseccular das formas de organização que foram surgindo na escala social um lugar semelhante ao que o homem ocupa na sucessão biológica dos seres organizados na escala animal. Forma superior da organização de classe do proletariado e, depois, de toda a sociedade, — até nesta desaparecer quando ela própria assumir sua forma histórica superior de organização no comunismo, — o partido é um ser social, coletivo, dotado de capacidade de conhecimento da realidade objetiva, inclusive da sua própria realidade interna. Por ser assim, ele constitui — e constitui necessariamente — uma unidade de pensamento e de ação em contínuo tornar-se recíproco de um em outra. E a história do partido, — seu incessante movimento, seu perene transformar-se, — está indissolubilmente ligada ao seu maior ou menor conhecimento de si mesmo.

Sempre que o princípio e as leis do partido, sua teoria, são conhecidos e utilizados acertadamente pelos comunistas no mínimo exigido, a cada momento, pelas necessidades imediatas do desenvolvimento ulterior do próprio partido, as múltiplas contradições a este inerentes e que nele permanentemente ressurgem (e também dentro de certos limites, as contradições permanentes entre o partido e a classe, entre o partido e as massas trabalhadoras em geral, etc.) vão sendo resolvidas mais ou menos em tempo, mais ou menos harmoniosamente.

Se, em relação às exigências reais do desenvolvimento do partido, o princípio e as leis são em geral pouco ou mal conhecidos; se essa precariedade de conhecimento permanece insuperada durante muito tempo; se o princípio e as leis não são compreendidos em sua essência real, dialética; se são demoradamente desprezados, ou infringidos em escala considerável; se são substituídos pelo abastardamento de

dogma, pela esterilidade das fórmulas, pela vacuidade das frases, pela prática cínica da centralização burocrática (parafrazeando a definição famosa do grego Diógenes sobre o cinismo, pode-se dizer que o burocrata-comunista adula quem faz o que ele quer, ladra para quem não faz o que ele quer e morde quem age contra o que ele quer...), — então as contradições inerentes ao partido entram afinal em processo de aguçamento e tendem a assumir formas antagônicas. O partido adoce, — segundo a imagem tantas vezes empregada, francamente por Lenin, em relação ao seu próprio partido — e aos partidos-comunistas em geral.

Se o processo mórbido não é detido em tempo, — isto é, até quando é ainda possível fazer com que o mal regreda paulatinamente, à semelhança de como se desenvolveu, — então todo o ser partidário chega a um momento em que, ante a ação excitante de elementos de natureza interna ou externa, entra em comóção, em crise mais ou menos grave, profunda e prolongada. Explodem, aqui e ali, de súbito e com violência, as contradições exacerbadas, a organização partidária arde em febre, descontrolam-se, libes estas ou aquelas funções internas, todo o seu ser se agita, convulsionado pelo surto agudo dos próprios males.

E, assim, de forma rude e drástica, dramática, às vezes trágica, que a essência e as leis objetivas do movimento interno do partido revelam em tais ocasiões a sua necessidade e se dão a conhecer à consciência comunista ainda pouco clara, ou entorpecida.

No processo da crise ou comóção, o que está putrefato ou é maligno já não pode deixar de manifestar, ou pelo menos de começar a manifestar, o seu verdadeiro estado, ao passo que as forças vivas e sãs do partido, na luta desencadeada, afinal, contra o que está superado, o que apodreceu ou é máislo, podem mostrar e vão mostrando o seu vigor.

E começa, de tal modo, uma nova etapa na história do partido, tanto mais fecunda, do ponto de vista crítico e autocrítico quanto mais extensa e profundamente o conjunto da organização comunista, sob o impacto da crua realidade desenvolvida pela crise, avança na elaboração e assimilação do princípio do centralismo democrático e das leis do partido, quanto mais, na prática, o partido efetivamente se movimentava como organização centralizada democrática.

O debate em que ora se empenham os comunistas do Brasil e, como elemento desse debate, os dois documentos que lhe servem de base, — as *Teses para discussão* do Projeto de Estatutos do P.C.B., — parece-me que mostram, com toda a evidência, que o nosso partido entrou de fato numa era nova e promissora de sua história, a partir da grave comóção interna dos anos de 56/57.

Ao definir a causa profunda de nossos graves e grosseiros erros mais recentes, então postos à mostra, a Teese 57, *in fine*, afirma que "não sabemos, em suma, aplicar corretamente os princípios universais do marxismo-leninismo às particularidades específicas do nosso país". Na medida em que essa formulação pode ser compreendida como querendo significar que não conhecíamos suficientemente, — como continuamos não conhecendo ainda, — os próprios princípios do marxismo-leninismo, considero-a uma formulação acertada.

A crise de 56/57, com efeito, revelou a tremenda debilidade do partido simultaneamente em duas frentes fundamentais: na apreciação da realidade social brasileira, em seu movimento (e daí, principalmente, os nossos erros de orientação em política), e na apreciação da realidade do partido, em seu movimento (e daí os nossos erros de orientação em organização).

Quando se considera, — como podemos fazê-lo sobretudo os velhos membros do partido, por nosso conhecimento direto de causa, — que tal debilidade assinala e caracteriza o lado negativo da história de 35 anos do partido, então devemos reconhecer, honesta e abertamente, sem nenhum receio de estar denegando nada do muito que tem de grande e glorioso o passado do partido, que padecemos, como organização dum baixo nível teórico-crítico.

Na verdade, o partido do proletariado surgiu no Brasil num ambiente social, em que, diferentemente do que aconteceu em vários outros países ainda não se formara em nossa sociedade uma corrente de pensamento marxista vigorosa e atuante. O nosso partido nasceu ignorando a primeira, senão a principal experiência do bolchevismo: a de que este surgiu em 1903 como partido político, — e de outra forma não teria podido surgir, — "sobre a base solidíssima da teoria do marxismo", sobre uma "base teórica de granito" (Lenin).

Os fundadores do nosso partido eram, e isso não representa nenhum desdouro para o seu imperceptível mérito revolucionário, precários neófitos do marxismo, provindos do sectarismo artesão-obreirista e da aridez teórica do anarco-sindicalismo. Em tais condições, não foi difícil instalar-se de saída no partido a subestimação generalizada pela teoria, um menosprezo de fato por ela, que quase quarenta anos de prática revolucionária não conseguiram desarraigar, como o atesta gritantemente para dar apenas um exemplo, a ausência a bem dizer completa, até hoje, de uma literatura marxista brasileira. Tal fenômeno se deve, inquestionavelmente, à influência de complexa série de fatores, até hoje por estudar, e que compõem, em última análise, o próprio

processo objetivo do desenvolvimento social em nosso país. Mas era inevitável que acabasse por entrar um dia, em contradição aguda com as necessidades revolucionárias desse mesmo desenvolvimento.

O mais importante, o decisivo, o que tem significação realmente histórica na crise partidária de 56/57, e dela faz um ponto de viragem na vida do partido, é que essa crise pôs a nu perante nós mesmos, pela primeira vez, crua e cruelmente e sem deixar qualquer sombra de dúvida, a nossa extrema debilidade teórica, ao desmascarar de choque as concepções antimarxistas de caráter subjetivista, idealista metafísico, dogmáticas e sectárias, que, com centro no culto à personalidade, acabaram por empolgar de alto a baixo o partido, constituindo-se, por trás do seu radicalismo bombástico, em coto complacente de tudo quanto é contrabando ideológico, inclusive de sua contrapartida revisionista e liquidacionista.

Fomos impiedosamente postos diante dos resultados pouco brilhantes da nossa própria prática de longos anos, acumulada mais ou menos empiricamente, à falta da necessária elaboração teórica marxista. E assim, afinal, ficamos em condições de compreender a fundo a letra *a* do *abo* do comunismo: "para os materialistas práticos, isto é, para os comunistas, trata-se de revolucionar o mundo existente, de apreender e de transformar praticamente as coisas existentes" (Marx).

A verdade é que, depois de um longo e moroso processo no caminho histórico da formação do pensamento materialista-dialético militante no Brasil, chegamos ao momento dum salto: criaram-se condições que, se bem utilizadas, nos permitirão daqui por diante um rápido avanço na elaboração da teoria da revolução brasileira e na elaboração da teoria do partido com respeito à nossa própria organização comunista.

A realidade dessas condições é demonstrada, entre outros, por dois fatos materiais, sensíveis e sentidos nos dois últimos anos, em escala crescente, não apenas pela massa de membros do partido mas também por setores cada vez mais amplos da classe operária, da intelectualidade, da população em geral, inclusive, embora ainda em grau muito elementar, pelas massas trabalhadoras do campo: primeiro, o processo de integração dos membros e organizações do partido na ação política real, no amplo movimento de frente única de massas nacionalistas e democrático em ascensão no país; segundo o processo de reorganização da vida interna do partido no sentido de sua efetiva centralização democrática, processo cuja característica mais aparente é o aumento da iniciativa dos membros e organizações do partido.

Só os que continuam ainda com a visão obliterada pela obstinação dogmática e sectária não podem enxergar a tremenda dinâmica revolucionária que começou a desenvolver-se com a nova situação criada. Agarrados, a contraluz, aos destros ideológicos da naufragada "revolução a curto prazo", privados, por isso, da capacidade de compreender e de criar, céticos, em suma, acolham como "de revolução a longo prazo" precisamente uma orientação política que, fruto da nova época aberta para o movimento comunista mundial pelo XX Congresso do PCUS e fruto de um primeiro exame crítico e autocrítico real da nossa própria prática, é justamente a orientação capaz de levar à vitória da revolução, em nosso país, no mais curto prazo possível.

O subjetivismo renitente, o verdadeiro estancamento teórico de antigos membros do Partido que se opõem à atual linha política, — linha sintetizada originariamente na Declaração de 58 e agora re-exposta nas *Teses para discussão*, com as correções e os enriquecimentos que foi possível elaborar à luz de dois anos de prática, — manifesta-se, aliás, de saída, na maneira como procuram a gênese dessa linha. Declaram simplesmente que esta é, em sua origem, obra de alguns, chega-se a dizer mesmo que de um pequeno grupo e às vezes, até, que resultou de um convívio com gente expulsa do partido. A mesmissima concepção aristocrática, voluntarista, diretivista, mandonista que, no passado, se negava a considerar as massas do povo e as massas do partido na elaboração da linha partidária, agora ressurgiu ridiculamente pretendendo negar o papel indireto daquelas e direto destas últimas na elaboração da nova linha política.

Não foram poucos, entre nós, os camaradas que se habituaram, erroneamente, a ver em si mesmos (e em alguns outros) "personalidades em si", altamente capazes, que extraíam de seus próprios crânios linhas e orientações a torto e a direito, fazendo e desfazendo a seu bel prazer dentro do partido. Aquêles que não conseguiram renunciar ainda a esse falso conceito sobre si próprios (isto é, aquêles que ainda não compreenderam que não eram aquilo que pensavam ser, sim, como tantos e tantos dentre nós, comunistas brasileiros, sem o saber e apesar de todas as nossas boas intenções, instrumentos em maior ou menor escala de uma ideologia antimarxista de base social bastante concreta e atuante em nosso país, — o complexo de classes feudal-burguês), — esses não têm agora outro jeito senão atribuir a outrem aquêles miraculosos poderes de que se julgavam eternamente possuídos...

A comóção de 56/57, riquíssima de aspectos que o partido mal começa a elaborar do ponto de vista teórico, é algo sobre que tais camaradas passam como gatos sobre brasas. Cristalizados, inflexivelmente, em suas até agora inabaladas posições subjetivistas, não conseguem ver as proporções reais do acontecido naqueles dias contrabandados, não atinam com o verdadei-

ro conteúdo e a significação do que então se passou. Não enxergam que o que houve foi um congresso *de fato* do partido, sob a forma inicial única que lhe restava assumir, — explosiva, caótica, — num momento em que a centralização burocrática em auge tinha desenvolvido em alto grau os complicados falôres do seu indefectível contrapelo, do seu irmão gêmeo, — a anarquia.

A essência e as leis iminentes do partido, de tanto infringidas e contrariadas, rebentaram enfim, de súbito, nas pélas em que este estava constrangido e asfixiado.

Pouco importaram, então, as contritas lamentações, os honoráveis brados de protesto — e, também, é preciso dizer, as tortuosas manobras conciliatórias compreendidas de cambulhada com os últimos atos atrabiliários — do burocrata-comunista, do dogmatista encascado ingênuo, filisteu ou fanático, surpreendido, alarmado ou em pânico ante a brusca interrupção de toda aquela confusão "inadmissível" e "intolerável"... E pouco importaram, também, os gritos esganados de vitória dos revisionistas e liquidacionistas em alvorço, dos pseudo-teóricos "renovadores", que reportaram, aqui e ali, um pouco por toda parte...

As massas do partido, o que havia nelas de realmente adquirido e consolidado historicamente como condição comunista, a sabedoria coletiva partidária autêntica com todas as suas inevitáveis limitações, a experiência viva e verdadeira do partido, em suma, — fizeram sentir a sua força revolucionária intrínseca, e impuseram, por fim, pelo menos no que era essencial, à desarvorada direção partidária (seria mais exato dizer que acabaram pondo de pé de novo a direção, ao conseguir obrigá-la a entrar, junto com o partido, no processo autocrítico aberto).

Quando se atenta para o processo objetivo dos acontecimentos, não se pode deixar de reconhecer que a Declaração de março de 58 foi uma das resoluções, a resolução principal do Congresso *de fato* de 56/57, do amplo debate que então se realizou. Como tal foi acolhida pela esmagadora maioria do partido. Ela constituiu, na verdade, o primeiro passo de importância fundamental no balanço desse

A. TINÉ (S. Paulo)

## As Teses: Uma Orientação Eclética

Camaradas! Com o propósito de dar minha pequena contribuição ao debate das *TESES* aqui estou com algumas considerações que acho de meu dever revelar ao Partido.

Ao meu ver as *TESES* não demonstram o domínio dos conhecimentos satisfatórios da realidade brasileira. Sua análise situa-se no campo estreito do objetivismo. As *TESES* querem o socialismo. Lutam pelo socialismo. Tem em mira o socialismo, o comunismo. Fazem uma profissão de fé revolucionária. Todavia a forma e o conteúdo são errôneas. A tática é errônea, e usam uma estratégia não menos errônea. Porém seu objetivo não muda. É o socialismo, o comunismo. Então, são objetivos ou objetivistas? Ser objetivo não basta bater no peito e jactanciar-se: sou objetivo, sou revolucionário; luto pelo socialismo, pelo comunismo... É necessário que as suas ações e atitudes políticas o confirmem. Se há uma necessária harmonia entre os seus objetivos, suas ações e atitudes políticas; se a tática, a estratégia e a forma de luta que desenvolvem coerem com a realidade brasileira, não há dúvida, trata-se de uma luta objetiva e revolucionária. Se se passa de forma contrária, trata-se realmente de objetivistas: tudo pelo objetivo, sem levar na devida conta as condições gerais que revestem determinadas condições particulares do movimento revolucionário mundial. Eis porque parafrazeiam, as *TESES*, pertenciam, alguns impulsos e progressos do capitalismo que manobra diante do aprofundamento das contradições incontroláveis que se estendem a todo o longo deste sistema econômico atualmente debatendo-se nos horrores de sua própria crise. As *TESES* não visam acurçar ou deixar que se agravem estas contradições. Ao contrário, procuram contorná-las, isto é, procurar enxergar nas medidas tomadas pelos trustes imperialistas para abrigar-se da crise, elementos de progresso e necessário à revolução atual brasileira. Eis porque vêm nas acumulações internas elemento progressista e dinâmico da economia brasileira, manifestando-se no incremento das forças produtivas e na expansão de novas relações de produção. TESE 12. Ora, o próprio fato da existência de um ideoso campo socialista que tem superado o sistema capitalista em vários aspectos, o fato da existência de PP. CC. em todos os países do globo, coloca na ordem-do-dia a luta aberta entre o novo sistema socialista e o velho sistema capitalista. Como, pois, tecermos elogios a determinado progresso do capitalismo? Progresso para quem e por quem defendido? «Progresso» onde o processo de acumulação constitui um fator de fome e miséria e espoliação crescente da classe operária e seu aliado principal — o campesinato.

Por outro lado, ao criarmos ilusões com relação a atual política do Sr. Juscelino Kubitschek que no fundamental em nada se diferencia dos governos feudais-burgueses da América Latina, estamos de fato desviando-nos, politicamente, para o local do oportunismo entravando o desenvolvimento da luta revolucionária, criando, no seio das grandes massas, o espírito de confiança em setores do atual governo, im-

pedido o livre incremento da capacidade criadora de nosso povo. Neste particular devemos atentar bem para o espírito conciliador das *TESES* com tempo necessário para rever seus erros e não entrarmos num novo período de retardamento da revolução. A pressa pequeno-burguesa constitui um sério erro no processo revolucionário, porém, a dilatação desse processo não constitui erro menor. Um tal erro significaria um sentido golpe às forças mundiais da paz. Segundo a TESE 13 «A intervenção do Estado, nas mais diversas formas, tem sido, em certas circunstâncias, um dos principais instrumentos de propulsão do desenvolvimento capitalista em nosso país». E, mais adiante: «No Brasil, porém, embora servindo em determinados casos aos interesses do imperialismo, o capitalismo de Estado tende a assumir, prelatentemente, formas progressistas e nacionais. Trata-se de uma glorificação ao Estado burguês estranha ao marxismo-leninismo e ao movimento revolucionário internacional. O Estado realiza esta intervenção a custo da espoliação das massas trabalhadoras. A custo de pesados tributos donde grande parte é desviada para campanhas eleitorais e para o enriquecimento de certos dirigentes capitalistas. É certo que se processo um desenvolvimento capitalista, porém ao sabor dos interesses imperialistas e fundamentalmente vinculados a estes.

Mais adiante, a TESE 13: «O capitalismo privado nacional não é capaz, por si só, de realizar a criação de tais forças produtivas em prazo curto, nem de proteger as pressões dos monopólios imperialistas». Se isso ocorre, o que não se pode negar, cabe aos comunistas evidenciarem a justiça de nossas convicções socialistas, infundindo cada vez mais na consciência das grandes massas a incapacidade capitalista de resolver os problemas fundamentais da revolução brasileira. Tal incapacidade do capitalismo será a pedra-de-toque para revelar ao proletariado do proletariado e despertar as grandes massas brasileiras e, nesta base, armas-las de maiores conhecimentos, ao invés de amortecermos o seu ânimo revolucionário.

Quando ao capitalismo, que a crise se aprofunde! Que a sua incapacidade de resolver alguns de nossos problemas seja cada vez mais accentuada! Procurando utilizar as contradições dos capitalistas brasileiros com o imperialismo, no entanto, com invulgar satisfação promoveremos o entorço do regime econômico que representam. Esta, ao meu ver, deve ser a nossa conduta, entender, dentro da brevidade possível, este nefasto sistema capitalista, velho, caudado e incapaz.

«No nosso dever apoiar-nos em todas as forças geradas pelo desenvolvimento capitalista, mas não para regar de água os troncos do capitalismo a fim de que os seus frutos amadureçam». Nosso trabalho deve ser igual ao do plantio do milho que só amadurece quando o cano seca.»

As *TESES* violam o marxismo-leninismo «aplicando-o» de maneira errônea a uma realidade deformada, partindo de uma análise falsa da realidade brasileira. Daí a sua incapacidade de interpretar com justiça os problemas

dirigido, segundo suas próprias tendências objetivas, pelo proletariado encabeçado por seu partido independente e revolucionário de classe.

Contra isto está e estará o subjetivismo subsistente em nossas fileiras. Uma e mil vezes, particularmente em sua manifestação predominante entre nós, — o dogmatismo, o sectarismo, — ile porá a cabeça e o tom de fora, tentando, mais ou menos desoperadamente, opor-se ao processo autocrítico real em que entrou o partido.

Do ponto de vista ideológico, o comunista subjetivista é um enfermo, — um alienado no justo sentido, não pejorativo, da palavra, — e, no caso de nosso partido, o enfermo de um mal endêmico e crônico. Não se trata, de modo algum, de atacar os portadores impenitentes da doença, tanto mais porque muitos, dentre eles, são antigos camaradas com toda uma vida dedicada à causa do comunismo. Se se substitui o ataque paciente, sistemático, planejado à doença (ou seja, a crítica e autocrítica da atividade do partido e de cada um dos membros do partido, particularmente daqueles que somos velhos membros do partido) por ataques encobertos ou desabridos, polidos ou desafortunados, a este ou àquele doente mais agitado, então o "médico" se revela ele próprio um alienado da mesma enfermidade. Por aí, evidentemente, não se pode chegar à almejada cura, pois, apesar de todas as aparências mais ou menos enfarrasçadas do combate, o que se passa realmente é ainda conciliação com a doença...

Não só a teoria, como a prática, estão mostrando que o tratamento adequado, eficaz e vigoroso do nosso mal é o tratamento de clima, e que este é o clima de massas, dentro e fora do partido. Não há doença ideológica que resista muito tempo a essa energia terapêutica. Só com ela o subjetivista embotado, mesmo quando se apresenta com as respeitáveis e conselheiras barbas de todo velho, pode ser reconhecido por todos, — inclusive, afinal, por si mesmo, — na sua realidade de ridículo macaco ensanahado em loja de louça (aqui, se me é permitida uma referência direta à minha lição pessoal, devo dizer que com o devido respeito, refiro-me em primeiro lugar a mim próprio...).

Enfim, — e aqui, para terminar, volto ao princípio destas considerações, — o avanço do processo crítico e autocrítico do partido exige precisamente, — contra o que alguns poderiam pensar, — que as massas partidárias, lidando o mais possível acertadamente com o princípio e as leis do partido, elaborando-os e assimilando-os sempre com maior profundidade, assegurem ao subjetivismo por-se à mostra em toda a sua nudez, em toda a sua monstruosidade ideológica, — como agora se faz, através do debate, — pois só assim poderá ser, como é necessário, combatido, escarpado, desmascarado, desmontado, reduzido a frangalhos, expurgado, jogado fora pelas massas do partido e, afinal, por elas eliminado com o tempo.

Rio, 19 de julho de 1960.

sociais do país. Ressentem-se de conhecimentos da essência de nossas relações de produção e suas particularidades e sutilezas, elementos indispensáveis para uma exata caracterização dos problemas e reivindicações de nosso povo.

Sentimos que parcela considerável das cúpulas do Partido procura conhecer a realidade brasileira de forma mecânica, sem uma participação íntima das lutas de nosso povo.

As *TESES* revelam uma tendência dileta e inelutável debilidade ideológica. Pensam influir nos acontecimentos sociais de maneira apriorística numa demonstração inequívoca de vacilação. É nosso dever ingressar no centro dos movimentos sociais de nosso povo, sentir e observar a sua essência, o sentido em que esses movimentos se desenvolvem, o seu caráter real, as suas reivindicações mais sentidas, e daí partirmos para as soluções objetivamente indicadas.

A dissociação entre a teoria e a prática, a utilização de uma, desligada da outra, não pode conduzir a algo que signifique revolução. As leis da revolução proletária, quanto a sua aplicação, não diferem de outras tantas leis que regem a vida social. São tão imunes à violação quanto quaisquer outras leis da vida social ou da natureza. Sua violação significa uma violação da revolução. E quando se «viola» uma lei da revolução não se fica nos ares, por assim dizer. Não se fica sem leis no campo social. Ao contrário, passamos a tolerar, prestigiar ou aceitar outras leis cuja esfera de ação se opõem àquelas que «violamos». Para «reforçar» a revolução aceitamos as *TESES* leis estranhas ao movimento revolucionário esquecendo de que a aceitação de tais leis fere seriamente a originalidade da filosofia marxista-leninista. Daí, caracterizarmos as *TESES* como ecléticas porque permitem o caldeamento de leis que servem à burguesia com leis que servem ao proletariado, isso dentro do conceito ideológico.

Diante dessa visível anemia ideológica, dessa ausência de conhecimentos de nossa realidade, sem uma necessária compreensão, do sentido exato em que se desenvolve a revolução brasileira, como lutarmos por determinado programa? Urge uma ação mais ampla de nosso Partido na consulta de seus melhores membros a fim de não cairmos em erros tão crassos como aqueles que orientaram o malfadado MANIFESTO DE AGOSTO DE 1950.

Não vou me adiar mais. Quero no entanto externar a minha convicção de que a orientação a medular das *Teses* não esconde, na essência, a dissonância eclética de coisas inconciliáveis com o movimento revolucionário do proletariado e que fere a originalidade marxista... que ela tem de vivo e criador. Já estamos, em boa parte, sob o advento desta política, responsável, ao meu ver, pelo afrouxamento disciplinar interno do Partido; pelo desânimo em nossas fileiras; pelo liberalismo que impede uma exata compreensão de nossa realidade.

Eis, camaradas, em síntese, a minha análise sobre as *Teses*, no seu conjunto. São Paulo, 15 de julho de 1960.

# Tribuna de Debate

A. PASSOS GUIMARAES

## As Três Frentes da Luta de Classe no Campo Brasileiro (II)

Afirmam as «Teses» que o «movimento camponês» se resente de grande atração e é muito baixo o seu nível de organização (tópico 30). Isso equivale a afirmar que a luta de classes no campo ainda não pôde desenvolver-se livremente, não pôde adquirir ainda um caráter aberto e consciente, para usar uma expressão de Lenin.

É justa essa afirmação das «Teses»? Creio que é justa.

Os comunistas brasileiros passaram muitos anos enganando-se a si mesmos com uma perspectiva exagerada da revolução agrícola. Partindo de premissas certas como as de que havia forte semelhança entre a situação de miséria e opressão feudal em nosso país e a de vários países asiáticos e do Leste europeu, tiravam conclusões erradas sobre uma inexistente analogia entre o grau de maturidade do movimento camponês aqui e o de outras partes do mundo.

Como comparar, por exemplo, o grau de desenvolvimento da luta de classes no campo do Brasil, país de campesinato muito recente, com o daqueles países onde o campesinato tem uma existência milenar? Pode haver grande analogia entre o movimento camponês no Brasil, onde os levantes camponeses se contam nos dedos, e o movimento camponês na Rússia czarista, onde até 1905 tinha havido mais de 2.000 levantes camponeses de importância? Pode haver grande analogia entre o nosso e o movimento camponês no ocidente da Europa, onde por séculos perduraram as guerras camponesas? Pode o nosso movimento camponês ser comparado com o da China, onde as revoltas contra a classe dos latifundiários começaram com a dinastia dos Chin, no ano 221 antes de Cristo, foram-se repetindo séculos afora, passando pela revolta dos Tai-Ping, no século passado, pela revolução agrícola de 1928-1937, até culminar com a vitória de 1949?

Não é verdade que a mais radical transformação ocorrida no campo brasileiro — a abolição da escravatura — resultou, fundamentalmente, de um movimento impulsionado e dirigido pela pequena burguesia urbana?

Tudo isso não nos leva a negar, absolutamente, a existência da luta de classe no campo, o que seria uma conclusão absurda. Leva-nos, porém, a afirmar que, indistintamente, a luta de classe ainda não adquiriu um caráter aberto e consciente, ainda não atingiu um elevado grau de desenvolvimento e que o movimento camponês no Brasil está atrasado, não só em comparação com o movimento camponês de outros países, como também em relação ao movimento democrático geral, dentro de nosso próprio país.

Portanto, para formular os problemas da revolução agrícola no Brasil, é preciso levar em conta essa situação específica. Em virtude dessa situação específica, as «Teses» estabelecem que se deve «atribuir uma atenção primordial aos assalariados e semi-assalariados agrícolas, os quais, também pelo fato de se acharem menos dispersos e mais concentrados do que em geral a massa camponesa, são mais suscetíveis de organizar-se e podem constituir as bases locais para a mobilização das massas camponesas».

As «Teses» oferecem, deste modo, uma contribuição nova para a tática de mobilização das massas do campo, em inteira correspondência com a situação concreta de nosso país e com a linha política em vigor.

A experiência nos mostrou e erro grosseiro de nossa antiga linha «quer-dista», ao pretender «começar por meios artificiais uma imagineria «revoluções» no campo, com a «imposição de práticas aventureiras e desesperadas, completamente desligadas da realidade».

Sé os subjetivistas mais ampedernidos poderiam abrigar em suas cabeças a ideia de que seria possível improvisar uma revolução desapaixonada para o campo quatro ou cinco dezenas de pessoas dedicadas, com a missão de «levantar os camponeses»...

Se aqueles companheiros, deformados pelo subjetivismo, se dessem ao trabalho de pensar, acabariam por perceber que há no Brasil onze milhões de trabalhadores rurais, distribuídos por 2 milhões de estabelecimentos agrícolas. Quantas pessoas seriam necessárias para ir ao campo e «levantar os camponeses»? Quantos mil? Cem mil? Ou apenas dez mil?

### A frente dos assalariados e semi-assalariados

Assim como seria um sonho fantástico «levantar» os operários mandando «emissários» às nossas 100 mil fábricas, não é um sonho ainda mais fantástico «levantar» os camponeses mandando emissários a 2 milhões de estabelecimentos rurais?

Afastando-se dessas delirantes fantasias as «Teses» apontam a maneira certa de atingir em larga escala as massas do campo através dos assalariados e semi-assalariados agrícolas, organizando-os por meios legais em suas associações de classe, despertando-os para a luta por seus direitos e reivindicações, elevando o grau de consciência de sua luta de classe.

Portanto, do ponto de vista da construção da aliança operário-camponesa, a frente da luta de classe dos assalariados e semi-assalariados agrícolas, que muito freqüentemente aliam à condição de assalariados a condição de camponeses) tem especial preponderância sobre as demais. Por intermédio dessa frente será possível montar as correntes de transmissão que irão ligar o proletariado e o movimento democrático das cidades aos camponeses e ao movimento democrático do campo.

Como se compõem e como se distribuem as forças de classe nessa frente? Não partindo da convicção do companheiro Caio Prado Junior, de que os assalariados estão em absoluta superioridade no campo e de que as formas assalariadas já estão predominando de modo incontestável em todos os setores da produção agrícola.

Uma leitura mais atenta dos resultados do último recenseamento nos mostrará o contrário. De acordo com o Censo de 1950, havia nos 2 milhões de estabelecimentos agropecuários 11 milhões de trabalhadores, dos quais cerca de 2 milhões de pessoas eram as responsáveis pela gestão daqueles estabelecimentos (proprietários e arrendatários) e frente da exploração, administradores, etc.); cerca de 4 milhões de pessoas constituíram os membros não remunerados das famílias dos responsáveis, isto é, menores e mulheres em sua maioria, que trabalhavam ajudando os chefes da família sem receber remuneração direta nenhuma; 3,7 milhões eram «empregados» dos estabelecimentos; e 1,3 milhões eram «parceiros».

Desde logo é preciso observar que o Censo excluiu da contagem os «moradores», «agregados», etc., que são pessoas, segundo o Censo, que se caracte-

rizam pelo fato de prestar serviços remunerados em dinheiro ou em espécie, com o direito de utilizar, em proveito próprio, terras do estabelecimento». Estas pessoas, segundo o critério marxista-leninista são camponeses feudais, sem terra, que prestam serviços pessoais. Não se sabendo quanto eles representam no conjunto, os resultados censitários tendem a exagerar o caráter capitalista de nossa mão-de-obra rural, pois omitem uma parte desta que se inclui no contingente de trabalhadores sujeitos a formas pré-capitalistas de trabalho.

Mas isso não é tudo. A própria conceitualização de «empregados», adotada no Censo mistura os assalariados próprios ditos (pessoas que trabalham mediante remuneração em dinheiro) com as pessoas remuneradas com parte em dinheiro e parte em produtos que percebiam a maior porção em dinheiro. Assim, um meiro que trabalhasse todo o ano como meiro e na época do Censo estivesse, temporariamente, contratado para receber uma parte maior em dinheiro, foi considerado «empregado». É possível, pois, que o número de «empregados» apresentado no Censo esteja acima da realidade da época, e que o de «parceiros», juntamente com o de «moradores», supere, de fato, o número de assalariados propriamente ditos.

Essas são hipóteses irredutíveis, embora nada e possa afirmar com segurança a respeito. De qualquer modo, a prudência nos aconselha a não exagerar o caráter capitalista de nossa mão-de-obra rural, tanto mais que, mesmo que fossem todos os 3,7 milhões de «empregados» compostos de assalariados, na sua forma capitalista, esse número, ainda assim, seria inferior à soma dos trabalhadores membros de família (4 milhões) e dos «parceiros» (1,3 milhões), ou sejam, 5,3 milhões de pessoas que se dedicavam a prestar trabalho pessoal, pré-capitalista por sua natureza, sem remuneração direta em dinheiro.

Também os «parceiros» do Censo não são parceiros no sentido capitalista mas sim «meiros» semifundais pois se trata de pessoas que não têm autonomia econômica, estão subordinadas à administração do estabelecimento, e se enquadram no conceito marxista da renda-produto. Os parceiros autônomos, de natureza capitalista, foram pelo recenseamento considerados no grupo «Responsáveis e membros não remunerados da família», como está dito na Introdução ao volume de Censo Agrícola.

Diante se pode tirar as seguintes conclusões: 1) o número de assalariados agrícolas não é superior ao de trabalhadores agrícolas que fazem, nos moldes pré-capitalistas, prestação pessoal de serviços, muitos deles gratuitamente; 2) dos 3,7 milhões de «empregados», encontrados pelo Censo, não se pode dizer quantos são os assalariados, (que recebem em dinheiro) e os semi-assalariados (que recebem parte em dinheiro e parte em produtos).

Evidentemente, essas conclusões não nos impedem de reconhecer que, com o desenvolvimento capitalista no campo, o número de assalariados tende a crescer e que as formas assalariadas tendem a se despojar de seus traços feudais, à medida que tenha curso livre a luta de classe do proletariado rural. Entretanto, esses aspectos, não podem passar despercebidos a todos quanto tenham de formar uma ideia exata da situação concreta no campo, sem cair em exageros que a respeito do predomínio das formas capitalistas de trabalho, quer a respeito do papel ainda decisivo das formas pré-capitalistas de trabalho.

Por isso, a organização em sindicatos da massa de assalariados, ainda em número não muito grande, e ainda em estado de pré-consciência quanto seu papel de classe, é uma tarefa difícil que não depende apenas da dedicação e do valor pessoal dos quadros comunistas, mas, principalmente, do apoio do movimento democrático, da cidade e do campo, em favor da extensão, ao meio rural, dos direitos consagrados na legislação trabalhista.

### A frente contra o latifúndio

A frente do campesinato contra os restos do feudalismo e o latifúndio é mais numerosa, mais ampla e mais complexa que a frente dos assalariados e semi-assalariados. Ela abrange em primeiro lugar, o enorme contingente do campesinato pré-capitalista, semifeudal, que inclui os trabalhadores rurais da categoria da renda-trabalho («moradores», «agregados» e todos os que realizam prestação de serviço pessoal gratuito ou semi-gratuito), os trabalhadores rurais da categoria da renda-produto (meiros dos diferentes tipos e os considerados pelo recenseamento como «parceiros») e os trabalhadores rurais da categoria da renda-dinheiro («rendeiros», «foreiros» e arrendatários não autônomos ou semi-autônomos como, por exemplo, muitos «arrendatários» do arroz, do algodão, etc. cujas formas de arrendamento, em muitos casos pagos em espécie ou em serviços, não podem considerar-se ainda formas de renda capitalista). Abrange também o campesinato de formação burguesa, isto é, todos os que possuem o domínio ou a posse da terra (proprietários, arrendatários capitalistas, ocupantes ou posseiros).

Os limites da propriedade camponesa, poderiam, talvez, estabelecer-se no Brasil, na ordem dos 50 hectares, que é a linha divisória até onde o trabalho produtivo da terra repousa sobre a mão-de-obra familiar, a qual no conjunto das explorações até 50 hectares é mais numerosa do que a mão-de-obra assalariada. Ter-se-ia, ainda, uma subdivisão desse conceito: os camponeses pobres (com terra), até aproximadamente os limites de 20 hectares, os quais nunca ou quase nunca admitem mão-de-obra assalariada para o trabalho agrícola, e os camponeses médios (com terra) que trabalham suas terras, na maioria das vezes com mão-de-obra assalariada — estes nos limites de 20 a 50 hectares.

Nos estabelecimentos acima de 50 hectares e até 500 hectares, estaria, possivelmente, dentro das condições brasileiras, o campesinato rico ou a exploração agrícola de caráter capitalista. Estes utilizam, regularmente, mão-de-obra assalariada e empregam processos de produção de nível técnico mais elevado.

A propriedade latifundiária (do tipo feudal e do tipo aburguesado) estaria, no Brasil, na falta de estabelecimentos de área superior a 500 hectares. A proporção da terra explorada por conta do proprietário territorial é insignificante e a parte inexplorada pelo proprietário da terra, que ocupa extensões imensas, ou é cedida sob diferentes categorias de renda, desde as formas pré-capitalistas (renda-trabalho, renda-produto e renda-dinheiro) até as formas capitalistas (arrendamento do tipo mais moderno, com pagamento em dinheiro e inteira autonomia do produtor); ou permanece sem nenhuma utilização.

Na frente da luta de classe contra os restos do feudalismo e contra o latifúndio, alinhando-se, de um lado, uma enorme massa de milhões de camponeses semifundais e camponeses pequeno-burgueses e burgueses, massa esta de composição heterogênea, mais ligada entre si por interesses comuns quando se trata de varrer os restos pré-capitalistas, de libertar-se da coação do monopólio latifundiário e de desenvolver as relações de tipo capitalista que importam em melhorar suas condições de vida. De outro lado, há não mais de 70 mil latifundiários, semifundais ou, semi-capitalistas outros, os quais concentram em suas mãos 144 milhões de hectares de terra, isto é, uma minoria que repre-

CARLOS MAGALHAES (RGS)

## «Lições da Vida Prática» Mai Aparentadas

O companheiro Gorenber em seu artigo, recentemente publicado na «Tribuna de Debates», «Algumas lições da vida prática» ingressou por um terreno particularmente perigoso para os que defendem as «Teses» e a atual linha política do Partido com a intranquilidade e o ardor de um pai que defende a honra da filha difamada.

Não há dúvida que a análise crítica da experiência de aplicação da atual linha nestes dois últimos anos constitui o melhor critério para a averiguação da sua justiça. O que se nota entretanto é alguns companheiros que fazem praça da sua posição de «homens de ciência», de liníngos acérrimos do subjetivismo, etc., cair no mais extremo «otimismo oficial» quando se trata de avaliar os resultados obtidos nestes dois anos pelo Partido apresentando-os com doloridos excessivamente ótimos.

Conhecemos bem os erros do passado, pelos duros ensinamentos da prática. Tudo o que se disser contra eles está certo, embora não seja demais assinalar que é também subjetivismo atribuir todos os reveses do Partido de 1948 a 1956 à sua linha política evidentemente errada. O Partido pode conquistar vitórias com uma linha errada num período de ascenso de massas, como pode também sofrer derrotas com uma linha certa num período de descenso de massas. E mesmo com a ocorrência das duas hipóteses — período de ascenso de massas e orientação política correta do Partido — podem também sofrer derrotas. Foi o caso da derrota da revolução de 1905, na Rússia.

De qualquer maneira, não há dúvida que a estratégia e a tática do Partido eram profundamente erradas no período que vai de 1948 a 1956, penetradas que estavam de dogmatismo e sectarismo. A experiência desse período, predominantemente negativa, nos permitiu hoje avançar no sentido da formulação de uma orientação mais de acordo com o marxismo-leninismo e com a realidade brasileira. Muita coisa dessa experiência adquirida pelo Partido foi capitalizada na Declaração de 1958 e nas «Teses».

«No entanto, as «Teses», que referendam, no essencial, a Declaração de 1958, apresentam acentuadas tendências, de direita. Pode-se constatar isto não tanto pelo que está escrito, mas pela prática desta linha. As «Teses», aliás, estão de tal maneira formuladas — não há verdade consagrada do marxismo-leninismo a que elas não dediquem pelo menos algumas linhas — que se torna difícil localizar a tendência nelas predominante, isto é, o direitismo. É o «mônio eclético» apontado por muitos companheiros, que facilitou as acusações de «falsificação», etc.

sentá apenas 3,5% do total de estabelecimento rural e que detém mais de 60% da área agrícola.

### A frente de luta contra o imperialismo

A terceira frente ou a terceira forma da luta de classe no campo é ainda mais ampla do que as duas primeiras e baseia-se nas aspirações nacionais a romper os laços de dependência com os monopólios estrangeiros, laços que tornam a opressão feudal ainda mais dolorosa para as massas do campo.

A agricultura semifeudal do Brasil não é uma agricultura semifeudal qualquer: tem uma peculiaridade histórica que a distingue da que existia, por exemplo, nos países imperialistas como a Rússia czarista ou o Japão dos começos deste século. Esta peculiaridade histórica é o caráter dependente, semicolonial de nossa economia agrícola.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Os vínculos semicoloniais de nossa agricultura semifeudal não constituem uma abstração, mas, sim, têm existência material e pertencem a uma categoria econômica ainda muito pouco estudada em nosso país. Esta categoria econômica é o sistema do capital comprador.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Os vínculos semicoloniais de nossa agricultura semifeudal não constituem uma abstração, mas, sim, têm existência material e pertencem a uma categoria econômica ainda muito pouco estudada em nosso país. Esta categoria econômica é o sistema do capital comprador.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

O sistema do capital comprador é o conjunto de relações econômicas que atua, quer na produção, quer na distribuição dos produtos destinados ao mercado exterior. Para que as relações econômicas de tal natureza tenham existência material, elas exigem uma rede de empresas e de agentes cuja função, em última análise, é extrair, por processos extorsivos de coação econômica e extra-econômica, inclusive pelos processos de acumulação primitiva, a maior parte possível da mais-valia e do produto dos camponeses-trabalhadores.

Existente em nosso país essa rede de empresas e de agentes do imperialismo?

A nossa realidade mostra que essa rede existe. Nela podemos incluir os monopólios da moagem do trigo (Bung Born, etc.), os frigoríficos (Armour, Anglo, etc.), os compradores e exportadores de fumo (Souza Cruz, etc.), os compradores e exportadores de algodão, amendoim, etc. (Sambra, Anderson Clayton, etc.), os compradores e exportadores de café (Standard Brands, American Coffee, etc.). Mas o sistema comprador também abrange agentes internos, empresas formalmente nacionais que agem por conta dos monopólios estrangeiros.

Se fizermos um rápido exame retrospectivo de nossa economia agrícola, verificaremos que essa rede se estendia, até bem pouco, a um outro produto que liderou por muito tempo nossas exportações — o açúcar. Quando a distribuição desse produto passou, fundamentalmente, do mercado externo para o mercado interno, o sistema do capital comprador, no que se refere à economia açucareira, foi eliminado.

Tal acontecimento — que a muitos parece de menor importância — teve

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

grande significação nas transformações operadas na economia açucareira, e contribuiu decisivamente para abrir caminho a uma série de reformas burguesas, as quais encontraram sua expressão legal no estatuto da lavoura canavieira (regulamentação das relações entre produtores de cana e usineiros, entre trabalhadores do campo e fabricantes de açúcar, limitação da renda da terra, eliminação nos contratos de trabalho de algumas formas de prestação pessoal, etc.).

Dir-se-á que essas transformações, muitas das quais não tiveram um caráter revolucionário, mas cunho reformista, resultaram numa piora da situação da massa dos camponeses, o que é uma verdade. Mas só os idealistas, os economistas românticos e os populistas podem ignorar que a penetração do capitalismo no campo, principalmente pela via do reformismo, da conciliação com o feudalismo, cria mercado interno à custa da miséria da população rural trabalhadora. Os marxistas não podem ignorar esse imperativo histórico.

Em muitas áreas rurais brasileiras, o sistema do capital comprador (empresas, agentes diretos e indiretos dos monopólios imperialistas principalmente norte-americanos) exercem sobre os camponeses uma opressão maior do que a opressão exercida pelos latifundiários. Em outras áreas, o sistema associativo combina e entrelaça de tal modo os interesses do capital comprador com os interesses dos latifundiários que não será possível separar fisicamente uns dos outros.

Todos esses aspectos peculiares de nossa agricultura semifeudal fazem convergir nossas atenções para a frente principal da luta no campo que é a frente anti-imperialista.

Entre as tarefas específicas compreendidas na esfera da luta anti-imperialista no campo, podem ser lembradas as seguintes: a) luta contra o aviltamento dos preços, nos mercados mundiais, dos nossos produtos de exportação; b) luta contra os contratos draconianos e todas as demais formas usurárias e espúrias de compra de produtos agropecuários; c) luta contra as condições monopolísticas de compra e venda de produtos agrícolas ou de produtos fornecidos à agricultura, por parte de empresas estrangeiras e seus agentes; d) luta pela nacionalização do comércio exterior.

Entre as tarefas específicas compreendidas na esfera da luta anti-imperialista no campo, podem ser lembradas as seguintes: a) luta contra o aviltamento dos preços, nos mercados mundiais, dos nossos produtos de exportação; b) luta contra os contratos draconianos e todas as demais formas usurárias e espúrias de compra de produtos agropecuários; c) luta contra as condições monopolísticas de compra e venda de produtos agrícolas ou de produtos fornecidos à agricultura, por parte de empresas estrangeiras e seus agentes; d) luta pela nacionalização do comércio exterior.

Tal acontecimento — que a muitos parece de menor importância — teve

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

Por isso, ao investigarmos as condições da agricultura brasileira, não podemos menosprezar o fato de que ela é uma agricultura semifeudal de um tipo peculiar, baseada na monocultura de exportação, implantada e ainda mantida sob determinadas condições e determinadas limitações impostas segundo os interesses de grupos econômicos estrangeiros.

</

JANSEN PEREIRA DA SILVA (Santos — SP)

# Um Inútil Pedido de Socorro

Um dos problemas mais controvertidos do atual debate é o das contradições fundamentais da sociedade brasileira e muito particularmente o da contradição principal. Não é ocasional tal discordância, desde que da localização das contradições — e particularmente da principal — decorrem nossa estratégia e nossa tática.

Há uma discordância séria à maneira como as Teses para Discussão formularam as contradições, discordância que prefere — como decorrência — reformular, particularmente, a contradição principal. Um aprofundamento, portanto, da formulação das contradições pode dar resposta a todas as dúvidas que existem não apenas — como parece, às vezes — quanto à propriedade de termos mas também quanto à própria existência das contradições. Explicamos: alguns camaradas, nos debates, consideram impróprio designar a contradição principal como sendo entre a nação em desenvolvimento e o imperialismo norte-americano e seus agentes internos; e querem nova formulação. É claro que essa nova formulação não atende a correções de redação ou de gramática, mas à própria interpretação da realidade objetiva.

Conscientes disso, discutiremos a formulação da contradição principal, refutando os argumentos apresentados contra as Teses para Discussão e sustentando a justiça dos termos usados.

Um parêntese deve ser aberto para esclarecer o seguinte: citaremos longos trechos de Mao Tsé-Tung, obrigados pela verdadeira exigência de citações dos teóricos chineses, por parte dos camaradas discordantes das Teses, citações que são feitas ou pela metade ou indevidamente.

## II — A formulação da contradição principal

1. Estaria errado o uso do termo «nação»?

As Teses para Discussão, ao formular a contradição principal — em seu entender — da sociedade brasileira, dão-na como a existente entre a nação brasileira em desenvolvimento e o imperialismo norte-americano e seus agentes internos.

Os camaradas que discordam de tal formulação, quanto ao uso do termo «nação», assim agem pelo seguinte, essencialmente: 1) a contradição entre a nação e o imperialismo só existe em caso de agressão imperialista, quando se torna possível a união de toda a nação contra tal agressão. O uso do termo no caso brasileiro, seria, então, errado e no entender de alguns camaradas (Orlando Piotto, por exemplo), uma transplantação mecânica, subjetivista de uma experiência chinesa e 2) o termo «nação» engloba todas as classes e camadas do Brasil, o que significaria que a formulação estaria considerando ao lado do povo brasileiro, os latifundiários e grandes capitalistas ligados ao imperialismo norte-americano. Estas duas discordâncias podem resumir a oposição ao primeiro termo da contradição e por sua vez resumem-se num só argumento, razão porque serão respondidos conjuntamente.

Inicialmente, para a discussão do problema, teremos que buscar o conceito marxista de nação. Diz o marxismo que «nação é uma comunidade estável, historicamente formada, de idioma, de território, de vida econômica e de psicologia, manifestada esta na comunidade de cultura e que «só a existência de todos os traços distintivos, em conjunto, forma a nação». (Stálin — «O Marxismo e o Problema Nacional e Colonial» — Ed. Lautaro — págs. 13).

Aplicado este conceito ao Brasil, encontraremos uma nação, gozando da plenitude dos seus traços distintivos? Não; e é exatamente a não obtenção de dois traços, da comunidade de vida econômica e de psicologia que situa o Brasil como país subdesenvolvido, dependente. Seria ocioso discutir sobre a não existência de comunidade de vida econômica e de uma cultura que reflita uma psicologia nacional no Brasil. Pense-se que não possui estes dois traços, em caráter definitivo e totalmente.

Passamos então a outra pergunta: a que impede o Brasil de obter esses dois traços e transformá-los numa nação, na compreensão marxista do termo? Teremos a convir novamente serem exatamente os fatores de seu atraso, isto é, as duas contradições fundamentais da sociedade brasileira. E a experiência brasileira vem demonstrando que os dois traços vêm sendo obtidos no processo de luta contra os dois fatores de atraso.

E se confirmamos nessa resposta, temos então que convir no seguinte: 1) que as forças sociais brasileiras opostas aos dois fatores de atraso, representam legítimamente os interesses da nação brasileira em desenvolvimento e 2) consequentemente, as forças sociais representantes dos fatores de atraso são fatores antinacionais, são fatores de opressão nacional, portanto impedem o livre desenvolvimento da nação brasileira, tendo de comum com esta apenas o território, o espaço geográfico.

É natural, então, que falemos em nome da nação brasileira, que a contradição seja entre a nação brasileira em desenvolvimento e o imperialismo norte-americano e seus agentes internos, desde que tomemos em consideração que o termo «nação», usado nas Teses, tem um sentido concreto, isto é, traduz determinados interesses de determinadas classes e camadas que coincidem com os interesses da nação brasileira e não temeremos a fato dos latifundiários e grandes capitalistas ligados ao imperialismo norte-americano estarem envolvidos no termo. Não ocorre isso. Pelo contrário, eles têm seu lugar reservado no segundo termo da contradição, isto é, são os agentes internos do imperialismo.

Cabe ainda uma pergunta. Criticamos alguns aspectos antinacionais da política do atual governo, sem falar no camarada Grábiós, que considera não haver aspectos, mas sim toda uma política antinacional. Mas, se os latifundiários e grandes capitalistas fazem parte da nação, como querem os camaradas que discordam das Teses, poderemos falar em aspectos antinacio-

mais ou em política antinacional, como que é, infelizmente, o camarada Grábiós? Por certo que não; tal política ao representar os interesses de parte da nação, deverá ser nacional, portanto... E será triste ver o camarada Grábiós, confessar que o que antes ele considerava política antinacional é uma política nacionalista. Quero chamar a atenção para isso, no sentido de alertar os camaradas que discordam das Teses na questão da «nação» de que assim não estão ajudando o camarada Grábiós.

Creemos ter ficado claro que o uso do termo nação é correto. Ele reflete uma realidade objetiva; quanto ao problema teórico iremos abordar agora.

2. O P.C. da China e o termo «nação»

O segundo argumento, como dissemos acima, é o de que se trata de uma transplantação mecânica, subjetivista da experiência chinesa, porquanto só se une toda a nação em caso de agressão imperialista. E o que se deduz da maneira como se encara a experiência chinesa.

Mas a verdade é que isso não se deu na China e nem em nenhum país, da maneira absoluta como se quer ver. Todos sabemos que o imperialismo norte-americano invadiu a Guatemala e hoje procura invadir Cuba. Será que dentro da Guatemala, na época, e hoje em Cuba, não existem forças interessadas nessa agressão? Será que Cuba está toda a unidade (no sentido em que estão entendendo os camaradas) contra a invasão? Não; a verdade é que existiam na Guatemala e existem em Cuba, forças dentro do país, interessadas na agressão. Portanto, a união de toda a nação é relativa; é muito mais ampla que a luta contra o domínio econômico e político do imperialismo, mas não une absolutamente toda a nação. O 24 de agosto e o 11 de novembro são experiências brasileiras, em menor escala.

Mas, e a experiência chinesa, e a agressão do imperialismo japonês à China?, perguntarão os camaradas. Para responder, transcereveremos, encerrando os comentários, um trecho longo, mas necessário, de um trabalho de Mao Tsé-Tung, datado de 27-12-1935 (a China lutava contra o Japão), intitulado «Sobre a tática da luta contra o imperialismo japonês», apelando para que os camaradas opoitores raciocinem um pouco sobre o mesmo. Diz Mao Tsé-Tung: «Não há dúvida de que a República Popular da China não representará os interesses das classes inimigas. Pelo contrário, se opõe diretamente aos laços do imperialismo — os latifundiários e a burguesia intermediária do imperialismo — e não considera a estes elementos como povo. O que pode comparar-se com o fato de que o «Governo Nacional da República da China» de Chiang Kai-shek, representa só aos mais ricos, e não às pessoas pobres, e põe estas de fora da «nação». Como de 80 a 90 por cento da população da China é composta de operários e camponeses, na República Popular da China devem estar representados em primeiro lugar os interesses dos operários e camponeses. Porém, a República Popular da China, ao libertar-se do jugo imperialista conduz a China para a liberdade e a independência; ao desembaraçar-se da opressão latifundiária, liberta a China do semi-feudalismo; isso beneficia não só aos operários e camponeses, mas também às restantes camadas da população. Do conjunto de interesses dos operários e camponeses e do resto do povo se formam os interesses da nação chinesa. Ainda que a burguesia chinesa intermediária do imperialismo e os latifundiários habitem também a terra chinesa, não tem no entanto em conta os interesses da nação, seus interesses se chocam com os interesses da maioria. Só nos separamos deste minúsculo grupo, só com ele entramos em conflito; por isso temos o direito a dizer que representamos o conjunto da nação.»

Alí está. Se mecanismo e subjetivismo existem, os camaradas Joaquim Alves, Orlando Piotto, Ariel Tommasini, Caio Prado Jr., e outros devem fazer um esforço por localizá-lo, sabendo-se de antemão que nem os camaradas chineses e nem as Teses pecam por isto...

3. O imperialismo norte-americano não é nosso principal inimigo interno?

O segundo termo da contradição principal também encontra discordância. Dissemos no início que se discutirmos a formulação das contradições, estaremos discutindo sua própria existência, porquanto a necessidade de reformulação prende-se às próprias interpretações da realidade objetiva. Em relação ao segundo termo da contradição principal este raciocínio aplica-se perfeitamente. Resumindo-se as discordâncias expressas nos trabalhos dos camaradas Joaquim Alves, Ariel Tommasini e outros, teremos o seguinte argumento: o imperialismo norte-americano não é nosso principal inimigo interno porque a) ele é o principal inimigo dos povos, inclusive dos que se libertaram do capitalismo, o que significa que a contradição entre o Brasil e o imperialismo norte-americano continuará mesmo depois do país libertado, razão porque não poderemos colocá-la como contradição principal internamente, para ser resolvida na presente etapa (quem duvidar da existência deste argumento em um debate de marxistas, que leia o artigo de Ariel Tommasini em NOVOS RUMOS n. 69); b) os sustentáculos internos do imperialismo norte-americano são os latifundiários e grandes capitalistas a ele ligados, o que significa ser com estes a contradição interna principal, porquanto nossa contradição com o imperialismo é externa, e este depende dos agentes internos e; c) os camaradas chineses assim agiram, também, pois consideravam a contradição principal na China como sendo a existente entre o povo chinês de um lado e a classe dos latifundiários e a burguesia burocrática de outro» (de acordo com A. Tommasini, citando Liu Chao-Chi).

Dessa maneira, aceitos como corretos, tais argumentos, estaria completa e reformulada a contradição principal e modificada também a direção do golpe principal das forças revolucionárias, que não mais teria como alvo o imperialismo e seus agentes internos, mas apenas os agentes internos do imperialismo. Como se vê, não é uma questão de semântica.

Passemos, entretanto, à apreciação dos argumentos enumerados acima.

O argumento de que o imperialismo norte-americano é inimigo de todos os povos é um argumento correto. Mas não basta, é preciso saber por que e como ele é inimigo dos povos. Qual sua posição no mundo de hoje?

Em relação aos povos dependentes ele os oprime, e por isso é seu inimigo; e como os oprime? Através da penetração econômica, política e militar, através da ingerência nos negócios internos desses países. (Note-se os vultuosos penetração, ingerência, internos, que não são de nossa autoria, mas da linguagem corrente). E em relação aos países independentes e até libertados do capitalismo ele é inimigo porque estes estreitam sua zona de influência, representam uma inspiração nociva ao imperialismo, provocam a frustração da sua necessidade de hegemonia mundial e estes povos são seus inimigos porque o imperialismo os ameaça constantemente.

Isso significa que para ser o inimigo dos povos, o imperialismo norte-americano tem que assumir uma posição concreta de inimizade com os povos. Isto é, tem que prejudicar a tal ponto os povos, que eles deduzem por essa inimizade.

Em que reside a natureza do imperialismo? Não é exatamente no fato de que transpõe suas fronteiras nacionais e passa a localizar-se com o escravizamento das colônias? Isso não só pressupõe domínio interno de países, como explica a contradição com os países libertados. A própria guerra, não passa de uma maneira de fazer voltar atrás a roda da História, isto é, voltar à exploração de antigas colônias e acentuar o seu domínio nas que atualmente retém. Dai porque a guerra não interessa a nenhum povo e porque é correta a tese de que a melhor contribuição que poderemos dar à causa da paz é libertar o Brasil do imperialismo.

Analisadas as coisas da maneira como o analisamos particularmente os camaradas Tommasini e Joaquim Alves, teremos que os povos são inimigos do imperialismo norte-americano por uma questão de antipatia e por uma questão de predestinação a Inglaterra cedeu-lhe o lugar no mundo.

Em que se baseia a força do imperialismo norte-americano, no mundo de hoje? É exatamente no fato de que se completa a exploração de outros países, e essa exploração é feita dentro do país (e nem podia deixar de ser), pois sozinho, os E.E.U.U. há muito teriam ido para o belelê. Na análise dos camaradas Tommasini e Joaquim Alves, os E.E.U.U. são fortes porque os reconleiros o prestígios, naturalmente, Carlos Lacerda, Júlio Quadros, Herbert Levy e outros são pró-americanos por uma questão de simpatia e não por interesses materiais concretos, concretizados, no Brasil.

Ora, se admitirmos como certa a tese de que o imperialismo norte-americano não é nosso inimigo interno, mas apenas externo, admitiremos que os outros países assim também o considerem. O que acontecerá então? Acontecerá que os povos se enganaram de inimigo, não estão encerrando o problema internacionalmente. As massas japonesas derramaram inutilmente seu sangue, dentro do país, lutaram contra o Tratado Nipo-Norte-americano inútilmente; não é verdade que a Guatemala foi invadida por tropas norte-americanas e erraram as forças progressistas ao denunciar tal agressão; Fidel Castro, que mente ao dizer que os E.E.U.U. preparam uma invasão do Cuba; enfim está todo mundo errado, antipático com o imperialismo norte-americano movido pela propaganda soviética que por sua vez deve ser alimentada pela cinzeira que a URSS tem da força dos E.E.U.U. Teremos que procurar novamente o inimigo dos povos, porque aquele que se transtornou, no planeta, no germe da reação, na cidade e centro do imperialismo mundial não é, desde que não é inimigo interno de ninguém. Talvez o inimigo dos povos da Terra seja o imperialismo de Marte ou a de Vênus...

A que leva uma concepção religiosa do marxismo...

Passemos, entretanto, à apreciação dos argumentos enumerados acima.

O argumento de que o imperialismo norte-americano é inimigo de todos os povos é um argumento correto. Mas não basta, é preciso saber por que e como ele é inimigo dos povos. Qual sua posição no mundo de hoje?

Em relação aos povos dependentes ele os oprime, e por isso é seu inimigo; e como os oprime? Através da penetração econômica, política e militar, através da ingerência nos negócios internos desses países. (Note-se os vultuosos penetração, ingerência, internos, que não são de nossa autoria, mas da linguagem corrente). E em relação aos países independentes e até libertados do capitalismo ele é inimigo porque estes estreitam sua zona de influência, representam uma inspiração nociva ao imperialismo, provocam a frustração da sua necessidade de hegemonia mundial e estes povos são seus inimigos porque o imperialismo os ameaça constantemente.

Isso significa que para ser o inimigo dos povos, o imperialismo norte-americano tem que assumir uma posição concreta de inimizade com os povos. Isto é, tem que prejudicar a tal ponto os povos, que eles deduzem por essa inimizade.

Em que reside a natureza do imperialismo? Não é exatamente no fato de que transpõe suas fronteiras nacionais e passa a localizar-se com o escravizamento das colônias? Isso não só pressupõe domínio interno de países, como explica a contradição com os países libertados. A própria guerra, não passa de uma maneira de fazer voltar atrás a roda da História, isto é, voltar à exploração de antigas colônias e acentuar o seu domínio nas que atualmente retém. Dai porque a guerra não interessa a nenhum povo e porque é correta a tese de que a melhor contribuição que poderemos dar à causa da paz é libertar o Brasil do imperialismo.

Analisadas as coisas da maneira como o analisamos particularmente os camaradas Tommasini e Joaquim Alves, teremos que os povos são inimigos do imperialismo norte-americano por uma questão de antipatia e por uma questão de predestinação a Inglaterra cedeu-lhe o lugar no mundo.

Em que se baseia a força do imperialismo norte-americano, no mundo de hoje? É exatamente no fato de que se completa a exploração de outros países, e essa exploração é feita dentro do país (e nem podia deixar de ser), pois sozinho, os E.E.U.U. há muito teriam ido para o belelê. Na análise dos camaradas Tommasini e Joaquim Alves, os E.E.U.U. são fortes porque os reconleiros o prestígios, naturalmente, Carlos Lacerda, Júlio Quadros, Herbert Levy e outros são pró-americanos por uma questão de simpatia e não por interesses materiais concretos, concretizados, no Brasil.

Ora, se admitirmos como certa a tese de que o imperialismo norte-americano não é nosso inimigo interno, mas apenas externo, admitiremos que os outros países assim também o considerem. O que acontecerá então? Acontecerá que os povos se enganaram de inimigo, não estão encerrando o problema internacionalmente. As massas japonesas derramaram inutilmente seu sangue, dentro do país, lutaram contra o Tratado Nipo-Norte-americano inútilmente; não é verdade que a Guatemala foi invadida por tropas norte-americanas e erraram as forças progressistas ao denunciar tal agressão; Fidel Castro, que mente ao dizer que os E.E.U. preparam uma invasão do Cuba; enfim está todo mundo errado, antipático com o imperialismo norte-americano movido pela propaganda soviética que por sua vez deve ser alimentada pela cinzeira que a URSS tem da força dos E.E.U.U. Teremos que procurar novamente o inimigo dos povos, porque aquele que se transtornou, no planeta, no germe da reação, na cidade e centro do imperialismo mundial não é, desde que não é inimigo interno de ninguém. Talvez o inimigo dos povos da Terra seja o imperialismo de Marte ou a de Vênus...

A que leva uma concepção religiosa do marxismo...

Passemos, entretanto, à apreciação dos argumentos enumerados acima.

O argumento de que o imperialismo norte-americano é inimigo de todos os povos é um argumento correto. Mas não basta, é preciso saber por que e como ele é inimigo dos povos. Qual sua posição no mundo de hoje?

Em relação aos povos dependentes ele os oprime, e por isso é seu inimigo; e como os oprime? Através da penetração econômica, política e militar, através da ingerência nos negócios internos desses países. (Note-se os vultuosos penetração, ingerência, internos, que não são de nossa autoria, mas da linguagem corrente). E em relação aos países independentes e até libertados do capitalismo ele é inimigo porque estes estreitam sua zona de influência, representam uma inspiração nociva ao imperialismo, provocam a frustração da sua necessidade de hegemonia mundial e estes povos são seus inimigos porque o imperialismo os ameaça constantemente.

Isso significa que para ser o inimigo dos povos, o imperialismo norte-americano tem que assumir uma posição concreta de inimizade com os povos. Isto é, tem que prejudicar a tal ponto os povos, que eles deduzem por essa inimizade.

Em que reside a natureza do imperialismo? Não é exatamente no fato de que transpõe suas fronteiras nacionais e passa a localizar-se com o escravizamento das colônias? Isso não só pressupõe domínio interno de países, como explica a contradição com os países libertados. A própria guerra, não passa de uma maneira de fazer voltar atrás a roda da História, isto é, voltar à exploração de antigas colônias e acentuar o seu domínio nas que atualmente retém. Dai porque a guerra não interessa a nenhum povo e porque é correta a tese de que a melhor contribuição que poderemos dar à causa da paz é libertar o Brasil do imperialismo.

Analisadas as coisas da maneira como o analisamos particularmente os camaradas Tommasini e Joaquim Alves, teremos que os povos são inimigos do imperialismo norte-americano por uma questão de antipatia e por uma questão de predestinação a Inglaterra cedeu-lhe o lugar no mundo.

A verdade é que estes cessaram de existir como tal, perderam a condição de classe dirigente no Estado e se existem ainda, deve-se à consequência da própria revolução, à sua direção vacilante, inconsequente, o que é um outro problema.

Isso deve significar para nós, que então, quem depende mais são os sustentáculos internos. Estes serão golpeados em consequência do golpe que receber o imperialismo, pois vive dele, depende dele internamente, para subsistir. Veja-se o caso de Singnan Khee.

As revoluções que se operam nos mais variados países são exemplos disso e Cuba é o exemplo mais típico; quando se conseguiu realizar ali a reforma agrária, isto é, golpear os latifundiários? Quando se golpeou o imperialismo, esta é a verdade. Quem sustentava o ditador Batista (agente interno) senão o imperialismo norte-americano?

Ainda respondendo a este argumento, vemos nos obrigados a responder ao terceiro, porquanto se confundem. É o que diz respeito aos camaradas da China, que de acordo com Ariel Tommasini consideravam como contradição interna principal na China a existente entre o povo chinês de um lado e a classe dos latifundiários e a burguesia burocrática de outro. Para apoiar tal opinião, o camarada Tommasini cita um trecho do trabalho de Liu Chao Chi sobre «O triunfo do marxismo-leninismo na China».

Temos a dizer ao camarada Tommasini que ele se enganou quanto à citação. O trecho não ajuda sua tese. Em relação ao problema das contradições, não há Partido mais rico do que o Chinês, em trabalhos dedicados ao assunto. Poderia assim, o camarada Tommasini buscar uma citação a seu favor em um trabalho dedicado especificamente ao problema. No entanto, cita um trabalho que não se dedica ao problema, mas mesmo assim, o faz indevidamente. Liu Chao Chi, no trecho aproveitado por Tommasini trata do que aconteceu, imediatamente após a expulsão da imperialismo, depois (e é o próprio Tommasini quem grita!?) da vitória da revolução nacional, quando então (e ali sim) passou a primeiro plano a contradição com o feudalismo e a burguesia burocrática. Mas o que se viu na revolução chinesa é que daí para diante, cessou a luta armada, a contradição interna, entre o feudalismo e a burguesia burocrática de um lado e o povo chinês do outro foi resolvida sem ser necessário que continuasse a luta armada. Na China, cuja tradição era a luta armada, na China em que a principal forma de luta era a guerra e a principal forma de organização o Exército! E ainda há quem acredite que os latifundiários e grandes capitalistas são os nossos principais inimigos! E ainda há quem, lendo Liu Chao Chi, conclua por isso!

Além do mais, o que diz Liu Chao Chi em seu trabalho (não mal aproveitado por Ariel Tommasini) também acontecerá no Brasil pois expulsos o imperialismo acertaremos contas com os seus agentes internos. Mas a verdade é que golpeando aquele, está praticamente resolvido o problema, desde que haja uma direção consequente na revolução, que, como já dissemos, é um outro problema, o problema da hegemonia, que não pretendemos discutir agora. As Teses nunca negaram isso e pelo contrário, são por isso mesmo atacadas, camarada Tommasini!

Para provar que nunca, antes da vitória, o PC Chinês considerou o problema de tal maneira, citaremos novamente Mao Tsé-Tung, utilizando um trecho do trabalho «A revolução chinesa e o P.C. da China», escrito no inverno de 1939. Diz Mao Tsé-Tung: «A contradição entre o imperialismo e a nação chinesa e a contradição entre o feudalismo e as massas populares, são as contradições principais da sociedade chinesa moderna. Existem, sem dúvida, outras contradições, como as que há entre a burguesia e o proletariado e no seio das próprias classes dirigentes reacionárias. A contradição entre o imperialismo e a nação chinesa é, no entanto, a principal. Dado o caráter da sociedade chinesa atual, contra quem se dirige a revolução, ou quem são os inimigos principais, da revolução chinesa na etapa atual?»

Não são outros senão o imperialismo e o feudalismo, isto é, a burguesia dos países imperialistas e os latifundiários no interior, porque são, na atual sociedade chinesa, os principais agentes que oprimem a China e dificultam seu progresso. Conspiram para oprimir o povo chinês e, como a opressão nacional exercida pelo imperialismo é o jugo mais pesado, o imperialismo é o principal e o pior dos inimigos do povo chinês. Posto que o imperialismo e a classe dos latifundiários feudais são, na etapa presente, os principais inimigos da revolução chinesa, quais são as tarefas imediatas da revolução?

Indiscutivelmente, as tarefas principais são a de golpear esses inimigos, levando a efeito uma revolução nacional com o fim de arrancar o jugo imperialista estrangeiro, e uma revolução democrática a fim de arrancar o jugo dos latifundiários no interior; das duas tarefas, a principal é a da revolução nacional para derrotar o imperialismo (Os grifos são meus — JPS).

Creemos que não há mais nenhum comentário a fazer. Nossa tarefa neste artigo resumiu-se em dois pontos: reafirmar a validade da contradição principal, em sua formulação e realidade, conforme aparece originalmente nas Teses e restabelecer a verdade quanto ao pensamento marxista, científico dos camaradas chineses, a quem temos de agradecer pela formidável soma de conhecimentos que incorporaram ao tesouro universal do marxismo, pedindo nossas desculpas pelo uso indevido feito por alguns de nossos camaradas, particularmente paulistas e mais particularmente paulistas, dentre os quais se encontra o camarada Ariel Tommasini, que deu a seu artigo o título de «Socorro, Marx!» Temos a dizer finalmente, que esse é um inútil pedido de socorro, um inútil SOS, porquanto não há salvação para os dogmáticos e sectários, que são devorados pelas ondas e incêndios que provocam, inexoravelmente.

Creemos que não há mais nenhum comentário a fazer. Nossa tarefa neste artigo resumiu-se em dois pontos: reafirmar a validade da contradição principal, em sua formulação e realidade, conforme aparece originalmente nas Teses e restabelecer a verdade quanto ao pensamento marxista, científico dos camaradas chineses, a quem temos de agradecer pela formidável soma de conhecimentos que incorporaram ao tesouro universal do marxismo, pedindo nossas desculpas pelo uso indevido feito por alguns de nossos camaradas, particularmente paulistas e mais particularmente paulistas, dentre os quais se encontra o camarada Ariel Tommasini, que deu a seu artigo o título de «Socorro, Marx!» Temos a dizer finalmente, que esse é um inútil pedido de socorro, um inútil SOS, porquanto não há salvação para os dogmáticos e sectários, que são devorados pelas ondas e incêndios que provocam, inexoravelmente.

# Tribuna de Debate

JOÃO AMAZONAS

## Sobre a Contradição Principal

O problema da contradição principal reveste-se de enorme importância na elaboração da linha do Partido. Não se trata simplesmente de questão teórica, mas de assunto com profundas implicações na política prática. Do seu equacionamento depende, entre outros aspectos, o esquema da disposição de forças de classe na luta que se trava no país.

A maneira como as Teses encaram esta questão parece-me mecânica e falsa. Afirmam que há duas contradições fundamentais no presente estágio de desenvolvimento da sociedade brasileira: a contradição entre a Nação e o imperialismo norte-americano e os seus agentes internos; e a contradição entre as forças produtivas em crescimento e o monopólio da terra. Uma destas duas contradições — e somente uma destas duas — pode ser a principal, em toda a atual etapa da revolução. Quando alguém diverge da contradição considerada pelas Teses como a principal, surge a imediata contestação: há duas contradições e uma deve ser a principal. Não podem ser as duas...

A meu modo de ver, isto expressa uma incompreensão do que seja a contradição principal e, ao mesmo tempo, um modo esquemático de abordar o fenômeno. Num país dependente, como o nosso, a contradição principal, em determinadas fases, pode não ser nem uma nem outra das que apresentamos as Teses, aliás, erroneamente formuladas, como muito bem assinalou em seu artigo nestes debates, o camarada Ugo Alcides Ohlweiler. O fato de que a dominação imperialista e os restos feudais constituam os obstáculos que precisamos ser removidos, para que o Brasil avance no caminho do progresso, não significa que a contradição principal se apresente obrigatoriamente como tendo num polo ou o imperialismo ou os restos feudais. O quadro das relações entre a contradição principal e as secundárias é muito mais complexo aqui do que nos países de nível capitalista mais elevado. Durante toda uma etapa do desenvolvimento histórico do Brasil, o processo em curso é o da revolução democrática, ant imperialista e antifeudal.

O caráter deste processo não mudará até que este tenha sido realizado. Mas, a situação dentro deste processo se modificará constantemente, nas diferentes fases do seu desenvolvimento, e com isto se modifica também a contradição principal. O camarada Mao Tsé-Tung, por exemplo, demonstrou que numa determinada fase desse processo na China, a contradição principal foi entre o imperialismo e a reação interna, agrupados de um lado, e do outro lado, as massas populares; noutra fase, ali, foi entre o povo chinês, de um lado, e a classe dos latifundiários e a burguesia burocrática, do outro. Como se vê, isto foge ao esquema das Teses, mostrando que, num país dependente, as contradições variam e se modificam muitas vezes, sem que se altere o caráter do processo democrático e ant imperialista em curso. Também em Cuba há um exemplo interessante. Ali, durante a luta revolucionária que culminou com a derrubada de Batista, a contradição principal foi entre os latifundiários e a grande burguesia, ligada ao imperialismo, de um lado, e do outro, as massas populares. Pode-se dizer que, no Brasil, durante o período da 2.ª Guerra Mundial, assumiu o caráter de principal a contradição entre a Nação brasileira e o imperialismo do bloco nazifascista (note-se: nazifascista e não norte-americano). O imperialismo daquele bloco ameaçava pela guerra a integridade territorial e a soberania do Brasil. Foi justo, por isto, defender e aplicar o esquema de união nacional, incluindo na frente de luta comum, os latifundiários e subordinados às demais contradições a esta principal. Já em 1939, o fenômeno é diferente. Agravaram-se naquela ocasião as contradições internas, embora por trás das principais forças em luta se encontrasse o imperialismo norte-americano e o inglês, competindo pelo predomínio no país. Não se pode, pois, formular para todo o sempre, dentro da mesma etapa, duas determinadas contradições e aferrar-se a elas, porque pode ocorrer, e geralmente ocorre, que a contradição principal não seja qualquer das antecipadamente formuladas, ainda que estas pudessem ser consideradas as fundamentais. Admitir unicamente como principal uma das duas contradições apresentadas nas Teses é excluir do plano a possibilidade de que nosso povo venha a se levantar contra os latifundiários e a burguesia ligada ao imperialismo, pois em tal caso outra seria a contradição principal.

Creio que só se pode considerar a contradição entre a nação e o imperialismo, como a principal, num caso de guerra, quando existe a ameaça real de ocupação estrangeira pairando sobre toda a nação. Isto não ocorre, atualmente, no Brasil. Na situação presente, o imperialismo norte-americano utiliza formas mais moderadas de opressão e exploração — pressão no terreno econômico, político, cultural e outros. A política realizada no país, que serve aos seus interesses rapaces, não é imposta ao povo brasileiro pela existência de um governo norte-americano aqui sediado ou pelas balonetas estrangeiras. São os próprios governantes nativos, que a põe em prática. É sabido que, no Brasil, se aplica, em suas linhas essenciais, a orientação do F.M.I., isto é, a política financeira ditada pelos trustes estadunidenses. Mas quem a realiza? Precisamente o governo do Sr. Kubitschek. No caso do Acordo de Roroboré, atentado ao monopólio estatal do petróleo, também são os governantes brasileiros que aparecem como os seus realizadores. Quer dizer, há forças internas, poderosas, que sustentam e defendem os interesses estrangeiros e sem as quais seria impossível efetuar-se a dominação norte-americana. Por isso, não se pode afirmar que é a nação inteira que se opõe ao imperialismo lanque, mas a maioria da nação. Esta maioria se opõe igualmente aos sustentáculos internos do imperialismo, no caso, os latifundiários como classe e a parte da burguesia ligada aos trustes estrangeiros.

Apresentando a contradição principal como sendo entre a Nação e o imperialismo norte-americano e seus agentes, as Teses ocultam da visão das massas os inimigos internos no qual se apoia a dominação imperialista. Orientam a luta apenas contra os agentes, isto é, elementos isolados e não contra classes e camadas sociais que constituem o apoio daquela dominação. Mas é evidente que, embora dispondo de grandes recursos financeiros, os agentes do imperialismo, por si só, não conseguiriam impor uma política que contrariasse os interesses de toda a nação. Esta só é levada a efeito porque há no país forças cujos fins se entrosam com os dos monopólios dos Estados Unidos e que a eles se aliam para explorar em comum o povo brasileiro.

Da formulação da contradição principal decorre obviamente o esquema da disposição de forças na luta que se trava no país. Assim, quando tratam da frente única, as Teses incluem nesta os latifundiários, embora ressalvando que isto ocorre «em certas circunstâncias». Tal restrição foi feita devido à crítica crítica realizada no órgão dirigente. Não se pode, porém, fugir à lógica determinada pela contradição principal. Se esta é efetivamente entre a Nação e o imperialismo e seus agentes internos, então, da frente de luta comum das diversas classes que se opõem àquele inimigo, participam os latifundiários. Excluem-se, apenas, um punhado de traidores. No caso de que outra seja a contradição principal, os latifundiários não participam dessa frente comum. Ora, incluir os latifundiários, como classe, na frente única é o mesmo que «pôr as cabras, tomando conta da couve». É acobertar os pilares sobre os quais se assenta o imperialismo no Brasil. Os latifundiários podem ter certas contradições momentâneas com o imperialismo, sobretudo a questão dos preços dos produtos que vendem aos Estados Unidos, e por isso, do ponto de vista tático, em que outro setor do latifúndio pode participar de ações contra certos aspectos da política dos monopólios no Brasil. Mas os latifundiários não se opõem ao imperialismo como o explorador e opressor do nosso povo, não querem erradicar do país os tentáculos da dominação norte-americana. Bem ao contrário. Apoiam-se nesses tentáculos, defendem a vinda de novos capitais monopolistas do exterior, buscam garantir seus privilégios recorrendo aos empréstimos e acordos financeiros com «Wall Street» e o governo lanque, que atam o Brasil ao jugo imperialista, fazem, enfim, a política que serve aos trustes. São os latifundiários e a grande burguesia que estão no poder. Se, de fato, se opusessem ao imperialismo, poderiam efetuar uma política democrática e nacional contando com o apoio de todo o povo. Realizam, no entanto, a orientação que convém aos monopólios e que coincide com os seus interesses de classe. Na presente situação, as correntes progressistas têm o dever de unir o máximo de forças contra a exploração e a dominação do imperialismo norte-americano, mas seria completo absurdo pretender unir na mesma frente os que se opõem e os que apoiam o domínio dos monopólios lanques no Brasil.

Por tudo isso, não concordo nem com a formulação das contradições chamadas fundamentais, tal como se apresentam nas Teses, por serem mecânicas, nem tampouco com a contradição ali indicada como a principal. Penso que esta questão devia ser melhor estudada, à base da realidade nacional, a fim de chegarmos a melhores conclusões. E isto é muito importante porque, na base da linha de direita que estamos adotando, se encontra uma errônea compreensão da contradição principal.

Tratase do ponto 41. — Sobre Reforma Agrária. — Esta tese está muito boa, é viável, está em condições de ser levada à prática por um governo que seja realmente nacionalista. Agora, sobre a letra «C», acho que devemos ampliar mais onde diz: «Utilização das terras do Estado, sobretudo na proximidade dos mercados consumidores e das vias de comunicações para formar núcleos de pequena propriedade».

Aqui, acho que no Brasil, se já existe em desenvolvimento o capitalismo de Estado, na indústria, pode também desenvolver o capitalismo de Estado no campo, pois o governo ou o Estado já possui a terra. Na le-

tra «H» diz: «Realização de um programa de investimentos estatais para fomento da agricultura sobretudo da produção de gêneros alimentícios básicos ao consumo popular». Se o critério das teses é investir capitais estatais nas terras do Estado, não está bem explicado. É lógico que onde houver condições de transformar as terras do Estado em pequena propriedade; deve ser feito. Mas também, onde houver condições de utilizar essas terras diretamente pelo Estado é muito importante, porque é um meio fácil de combater a carestia de vida nos gêneros alimentícios, e, também, começa a desenvolver uma forma no de assalariada agrícola, com todas as garantias sociais.

OLIVIA CALABRIA (Uberlândia — MG)

## Contribuição Aos Debates

Tratase do ponto 41. — Sobre Reforma Agrária. — Esta tese está muito boa, é viável, está em condições de ser levada à prática por um governo que seja realmente nacionalista. Agora, sobre a letra «C», acho que devemos ampliar mais onde diz: «Utilização das terras do Estado, sobretudo na proximidade dos mercados consumidores e das vias de comunicações para formar núcleos de pequena propriedade».

Aqui, acho que no Brasil, se já existe em desenvolvimento o capitalismo de Estado, na indústria, pode também desenvolver o capitalismo de Estado no campo, pois o governo ou o Estado já possui a terra. Na le-

Tribuna de Debate

CALIL CHADE

O Caráter da Revolução Brasileira

Um dos méritos da Declaração de Março foi ter rompido com a posição negativista do Programa e ter reconhecido o desenvolvimento econômico em curso no Brasil...

tem sua expressão no sentido entreguista e de fortalecimento do monopólio da terra do desenvolvimento econômico...

da média burguesia, unem-se dentro do parlamento ou fora dele para deter qualquer passo concreto no sentido da reforma agrária...

dição entre o trabalho e o capital está implícita, também, na contradição existente entre o povo brasileiro e os latifundiários...

da dependência econômica ao imperialismo. A burguesia brasileira formou-se historicamente vinculada ao monopólio da terra e ao capital monopolista de diferentes países...

Nas Teses, todo o segundo capítulo é dedicado à análise do desenvolvimento da economia nacional, destacando-se nessa análise o caráter capitalista do atual desenvolvimento e as deformações resultantes do domínio imperialista norte-americano...

O péso específico do proletariado brasileiro no conjunto da população economicamente ativa dá-nos uma idéia do nível alcançado pelas relações de produção capitalistas...

Table with 2 columns: Category and Value. Categories include Trabalhadores assalariados, Trabalhadores por conta própria, etc.

Os trabalhadores assalariados representam mais de 40% da população ativa e quase um sexto da população geral do país. Entre os trabalhadores assalariados, contam-se mais de 5 milhões de empregados rurais permanentes e temporários...

As relações de produção capitalistas são predominantes na economia brasileira, inclusive nos setores fundamentais da agricultura...

É vaga e imprecisa a afirmação das Teses de que o Brasil é um país capitalista de formação recente. Melhor seria dizer que o Brasil é um país capitalista em desenvolvimento...

Aplicando sua orientação, que vem desde a Declaração de 1958, os comunistas têm tido condições de efetivamente atuar entre as massas elevando a um nível mais alto o conceito dos comunistas entre as massas...

— A generalização das experiências de correntes de sua aplicação exige que se aprofunde no estudo dos mais variados aspectos da realidade econômica, política e social não só do país, mais de cada Estado e região...

Ar Teses cometem um grave erro ao relegarem a um plano secundário a contradição entre o capital e o trabalho. Na verdade, como têm afirmado diversos camaradas participantes destes debates, é absolutamente impossível isolar ou separar esta contradição das duas outras consideradas fundamentais pelas Teses...

Ar Teses cometem um grave erro ao relegarem a um plano secundário a contradição entre o capital e o trabalho. Na verdade, como têm afirmado diversos camaradas participantes destes debates, é absolutamente impossível isolar ou separar esta contradição das duas outras consideradas fundamentais pelas Teses...

De acordo com as condições concretas do nosso país e as possibilidades e perspectivas atuais, acima referidas, na atual etapa, a revolução brasileira é uma revolução democrática, de tipo popular, anti-imperialista e anti-latifundiária...

De acordo com as condições concretas do nosso país e as possibilidades e perspectivas atuais, acima referidas, na atual etapa, a revolução brasileira é uma revolução democrática, de tipo popular, anti-imperialista e anti-latifundiária...

DAVID SILVA (Belo Horizonte)

Em Defesa Das Teses e Por Uma Linha de Massas

Os debates ocorridos em 1958-59 de caráter subjetivista e oportunista dos comunistas brasileiros que foram despendidos pelas Teses do XX Congresso do P. C. U. S. A. Declaração de Março e o Programa de Janeiro de 59 foram já passos importantes para a formulação de uma política completamente nova...

— Aplicando sua orientação, que vem desde a Declaração de 1958, os comunistas têm tido condições de efetivamente atuar entre as massas elevando a um nível mais alto o conceito dos comunistas entre as massas...

— O arraigamento de concepções subjetivistas é tal que exige uma firme e permanente vigilância autocrítica de cada comunista...

— Não compreendendo com toda a profundidade os prejuízos causados pela orientação política dogmática e esquerdista há debatedores que propõem por uma linha igual à do Programa. É verdade que uma "nova" linha "esquerdista" ou aventureira ficará no papel como ficou muita coisa do Programa...

negação e capacidade de sacrifícios têm-se consagrado às lutas pelas condições dos trabalhadores e interesses gerais da nação. Traçada uma linha política esforçamos com afinco para levá-la à prática...

Entretanto, no momento em que se debate uma orientação completamente nova, é necessário examinar seriamente os erros cometidos em decorrência da arraigada concepção subjetivista e dogmática em que fomos educados durante dezenas de anos...

Na luta pela paz os comunistas foram e são os elementos propulsores. Isto é reconhecido pela própria reação interna e externa. Os comunistas contribuíram decisivamente para o esclarecimento das massas, seja nas diversas campanhas de coleta de assinaturas do povo, na organização de comissões e comitês pro-Paz...

Na luta pela emancipação nacional em geral, e em defesa das riquezas minerais em particular, os comunistas revelaram grande combatividade e maior preocupação ainda com a política do imperialismo sobre os povos. Contribuíram para acentuar o sentimento anti-imperialista de nosso povo...

importância ainda maior. Aqui é de se destacar a incompreensão de que estávamos possuídos e que influa em nossa atividade. Preocupados com a hegemonia, os comunistas procuravam trabalhar, ou se davam melhor com aqueles aliados que nesta luta estavam mais próximos...

— A concepção subjetivista, "esquerdista" e mesmo aventureira em alguns aspectos foi a responsável pelos erros cometidos. Com ela os comunistas têm se tornando estranhos à sociedade e às massas que, apesar de admirarem e não combaterem pela capacidade de luta e de realizações não os seguem...

Diante dos prejuízos negativos adquiridos num período tão grande é que se estranha que ainda possa existir quem deseje uma volta ao passado. Tendo as Teses como pronunciamento fundamental para a linha política de massas e que se deve sempre meditar sobre o isolamento a que a linha subjetivista nos conduziu e procurar tirar os ensinamentos bastante positivos da aplicação da linha traçada pela Declaração e melhor fundamentada nas Teses, não há dúvida. O essencial é que a atual linha encontra respaldo em todos os setores da sociedade...

ção da luta, nem triunfar. Apesar de sua combatividade, a pequena burguesia é uma camada social inconsequente do ponto de vista revolucionário, incapaz de dirigir a luta revolucionária até o fim...

O grande problema que a classe operária brasileira tem que resolver, no momento, não é o de suas relações com a burguesia, mas o da mobilização, movimentação e organização dos milhões de camponeses e assalariados agrícolas, sem o que a classe operária não poderá assegurar a sua direção no processo revolucionário...

A justa caracterização da revolução brasileira na atual etapa tem uma importância decisiva para a elaboração de toda a política do Partido, em todas as frentes de atividade. A definição correta do caráter da revolução e o ponto de partida indispensável para a estruturação da linha política e programática do Partido...

20.7.60 Calil Chade

para combater os erros subjetivistas e sectários e condições essenciais para que a gente de Minas e do Brasil seja vitoriosa nesta luta anti-imperialista.

É evidente que a linha esquerdista surgiu em 1948 e que por muitos anos predominou entre os comunistas. Trouxe sérios prejuízos também para o movimento operário. Sendo dos sindicatos e criando organizações sindicais paralelas a pretexto de organizar um movimento sindical independente...

— A concepção subjetivista, "esquerdista" e mesmo aventureira em alguns aspectos foi a responsável pelos erros cometidos. Com ela os comunistas têm se tornando estranhos à sociedade e às massas que, apesar de admirarem e não combaterem pela capacidade de luta e de realizações não os seguem...

Diante dos prejuízos negativos adquiridos num período tão grande é que se estranha que ainda possa existir quem deseje uma volta ao passado. Tendo as Teses como pronunciamento fundamental para a linha política de massas e que se deve sempre meditar sobre o isolamento a que a linha subjetivista nos conduziu e procurar tirar os ensinamentos bastante positivos da aplicação da linha traçada pela Declaração e melhor fundamentada nas Teses, não há dúvida. O essencial é que a atual linha encontra respaldo em todos os setores da sociedade...

David Silva (Belo Horizonte)

# Festival Dos Escritores: 800 Mil Cruzeiros Vendidos Num só Dia

Mais de 180 escritores assinaram suas mais recentes obras para um público de três mil leitores. Artistas de Rádio, Televisão e Cinema, além de atletas, prestigiaram o 1.º Festival Brasileiro de Escritores. Paulo Mendes Campos, Geir Campos, Cecília Meireles, Ary de

Andrade e outros declararam à nossa reportagem estar surpresos com tamanha afluência. De fato, o êxito do Festival foi muito além das mais otimistas estimativas. Além dos autores brasileiros, também alguns estrangeiros, vindos para a reunião do PEN clube internacio-

nal compareceram, dando maior brilho à festa que se realizou no «Shopping Center» de Copacabana. Promoções como esta levam o público não habituado à leitura a se interessar pelos aspectos culturais de nossa época. O êxito do Festival, sem dúvida, fará com que seus

promotores pensem em realizar festas como esta mais freqüentemente. Outra medida que se espera dos organizadores do festival é que a iniciativa seja promovida também nos subúrbios, não se limitando ao público de Copacabana. Muitos dos presentes à festa lembraram a possibilidade de realizá-la, na próxima vez, de modo diferente, prestigiando não só os escritores, mas também os artistas de outros setores. Assim, teríamos um grandioso festival brasileiro de arte, incluindo a exibição de pinturas, filmes, teatro, audições musicais, etc. Acredita-se que uma promoção dessa ordem poderia levar ao local do acontecimento — o Maracanãzinho, por exemplo — dezenas de milhares de pessoas.



**A volta de Eneida**

Já restabelecida da recente enfermidade, nossa oompanheira Eneida prestigia com sua presença o Festival. Boa venda de sua obra «Pelos Caminhos da Terra».



**Viagem através dos livros**

A presença de Juscelino no auge da festa atraiu as atenções do público que imediatamente cercou o presidente. Ladeado por Sette Câmara, JK percorreu o «Shopping-Center», detendo-se em diversas lojas. Embora não fosse padrinho de nenhum dos escritores presentes, JK recebeu um verdadeiro assalto dos caçadores de autógrafa.



**Panorama do alto**

Na foto nossos leitores podem ter uma rápida idéia do que tenha sido a massa popular que ocorreu ao 1.º Festival Brasileiro de Escritores. Em duas horas de vendas, cerca de três mil pessoas compraram mais de Cr\$ 800.000.00. Promoção única, no dizer de Paulo Mendes Campos.

## NOVOS RUMOS



**Barraca dos baianos**

Vindos de Salvador, quatro escritores baianos atraíram as atenções dos leitores de Copacabana. Sucesso para Pinto de Aguiar, Nelson Araújo, Ariovaldo Matos e Luiz Henrique Dias Tavares.



**Diálogo e Viagem fazem sucesso**

Uma das barracas que mais atraíram o público do 1.º Festival Brasileiro de Escritores, foi a de Osny Duarte Pereira e Nestor de Holanda. O «Diálogo Brasil-URSS» de Nestor de Holanda era por todos folheado, dando prova do interesse que o público carioca mantém pelas obras que falam da URSS. Também Osny Duarte Pereira assinava diversos exemplares de seus livros de visitas aos países socialistas. A graça de Mara Rubia e o talento de Norma Blum davam o toque de encanto a este balcão.